

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

NEUSA REGINA CARNEIRO BITTENCOURT

**A TEOLOGIA A PARTIR DO REVERSO DA HISTÓRIA
UMA INTERPRETAÇÃO DO MODO DE FAZER TEOLOGIA
DE GUSTAVO GUTIÉRREZ**

ORIENTADOR: PROFESSOR DR. LUIZ CARLOS SUSIN

**PORTO ALEGRE
2012**

Neusa Regina Carneiro Bittencourt

A TEOLOGIA A PARTIR DO REVERSO DA HISTÓRIA
Uma interpretação do modo de fazer teologia de Gustavo Gutiérrez

Dissertação de mestrado, apresentada à comissão do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como exigência parcial para obtenção de grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Professor Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2012

B624t Bittencourt, Neusa Regina Carneiro
A teologia a partir do reverso da história: uma interpretação
do modo de fazer teologia de Gustavo Gutiérrez. / Neusa Regina
Carneiro Bittencourt. – Porto Alegre, 2012.
93 f.

Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Programa
de Pós Graduação em Teologia, Faculdade de Teologia, PUCRS.
Orientador: Professor Dr. Luiz Carlos Susin

1. Teologia da Libertação. 2. Teologia – América Latina -
História. 3. Lugar Teológico. 4. Gutiérrez, Gustavo –
Interpretação. I. Susin, Luiz Carlos. II. Título.

CDD 261.1

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

Neusa Regina Carneiro Bittencourt

"A TEOLOGIA A PARTIR DO REVERSO DA HISTÓRIA – UMA INTERPRETAÇÃO DO MODO DE FAZER TEOLOGIA DE GUSTAVO GUTIÉRREZ."

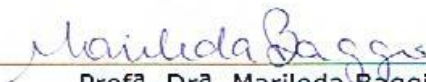
Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 30 de agosto de 2012, pela Banca Examinadora.

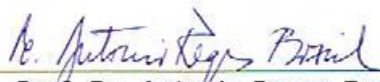
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Luiz Carlos Susin
(Orientador)



Profª. Drª. Marileda Baggio



Prof. Dr. Antonio Reges Brasil

*“Fazer teologia para mim é escrever
uma carta de amor a Deus, à Igreja que sirvo, e
ao povo a que pertenço”. Gustavo Gutiérrez*

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida, que me dá coragem, dinamismo, entusiasmo, alegria e que me faz acreditar que sempre é possível ir à busca de ideais e realizá-los.

Agradeço a meus pais os valores morais que me ensinaram, o carinho e o amor que sempre me deram.

À família que formei: meu marido, meu filho e minhas filhas, pela partilha do amor, esta troca sublime do amor-ensinamento e do amor-aprendizado, forças impulsionadoras, somatórias importantes, desse processo que agora finalizo. A vocês, meu carinho, estendo também meu afeto e agradecimento aos que foram chegando depois, filhos (a) do coração.

Aos meus queridos colegas do mestrado de Teologia, agradeço pelo convívio, amizade. Colegas! Amigos! Vocês sempre farão parte dessa importante etapa da minha vida.

Ao Prof. Luiz Carlos Susin, pela orientação acadêmica, pela oportunidade de participar de suas aulas, que são sabedoria motivadora e, principalmente pelo exemplo libertador inspirativo, que motivou esta pesquisa.

À Prof.^a Marileda Baggio, pela participação no processo de qualificação e de avaliação final desse trabalho.

Ao Prof. Antonio Reges Brasil da Universidade Católica de Pelotas e do Instituto de Teologia Paulo VI, por ter participado da banca avaliadora, e também pelos ensinamentos teológicos.

Ao professores Pedro Alberto Kunrath meu primeiro contato primeiro norteador desta etapa, percorrida na PUCRS, ao professor Roberto Hofmeister Pich pela a oportunidade de ter participado de suas aulas, ministradas com muita sabedoria e com um entusiasmo contagiante.

Ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS, ao coordenador Prof. Leomar Antônio Brustolin, como a todos os professores. Aos funcionários (as) pela atenção e carinho que sempre me receberam.

A todos que fizeram parte dessa história, estendo meu carinhoso agradecimento. Foi uma história escrita com determinação, coragem, esperança, amor, renúncias, viagens e ausências. Para concretizar essa etapa importante, existiram muitas mãos, olhares, pensamentos, forças, carinho e amor. Porque acredito que todos os sonhos, todos os projetos, permanecerão eternamente sonhos e projetos, no sentido literal da palavra, se não existirem contidos neles, verbos como: compartilhar; ouvir; cooperar; somar e amar.

Dedico este trabalho ao meu esposo, que ousou sonhar comigo, por fazer de meu sonho o seu, que se realizou nas minhas realizações. Ele me trouxe livros, ideias, soube ouvir, compartilhar, numa troca de cumplicidade, quando dialogamos com os autores pesquisados, numa trajetória enriquecedora de conhecimentos. Percorremos épocas, períodos da História, da Teologia, desde a Europa até a América Latina. Agradeço o seu apoio, dedicação, carinho e amor, que foram fundamentais!

Resumo

Esta dissertação tem como foco a leitura da História desde o seu reverso, possibilitada pela Teologia da Libertação, uma teologia que emergiu na América Latina, dentro do percurso mais amplo da teologia no século XX. Esta dissertação percorre diferentes etapas deste caminho. Possui como núcleo central o pensamento e as obras de Gustavo Gutiérrez, seu método e as categorias fundantes que foram elaboradas no começo da Teologia da Libertação, investigando também autores que o antecederam e foram importantes em suas opções teológicas. A pesquisa analisa como o autor realizou as grandes reflexões, que se destacaram no contexto da Teologia da Libertação; busca a compreensão e interpretação do lugar teológico dos pobres e da revelação da fé cristã, vivida no reverso da história, a partir dessa realidade dos pobres, dos não reconhecidos pela história oficial.

Palavras-chave: História, Teologia, Libertação, Lugar Teológico, Revelação.

Abstract

This dissertation focus on the reading of the history since its reverse, made possible through the Liberation Theology, a theology which emerged in Latin America within the broader path of Theology in the 20th century. This dissertation studies different phases in this path. Its main core is on the thought and works of Gustavo Gutiérrez, his method and the founding categories which were elaborated in the beginning of the Liberation Theology, also investigating authors who preceded him and were important in his theological options. The research analyzes how the author developed his great reflections, which stood out in the context of the Liberation Theology; aiming at the understanding and interpretation of the theological place of the poor ones and the Christian faith revelation, lived in the reverse of history, based on the reality faced by the poor ones, those who are not acknowledged in the official history.

Key words: History, Theology, Liberation, Theological Place, Revelation.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1 A RECUPERAÇÃO DA HISTÓRIA COMO LUGAR TEOLÓGICO DE LIBERTAÇÃO	13
1.1 Hegel e a dialética histórica	13
1.2 Marx e o materialismo histórico	16
1.3 Pannenberg com a superação do historicismo	18
1.4 Experiências históricas e teológicas na dimensão da fé cristã.....	20
1.5 Movimentos teológicos do século XX que ecoaram na historicidade	23
1.5.1 <i>A Nouvelle Théologie</i>	24
1.5.2 Outros movimentos de destaque no século XX	25
1.6 O legado da historicidade da Teologia da Libertação.....	26
1.6.1 Do Concílio Vaticano II às Conferências do Episcopado Latino-Americano	28
1.6.2 A história como lugar teológico	30
1.6.3 Um panorama da história da América Latina	32
2 UMA LEITURA DA TEOLOGIA A PARTIR DO REVERSO DA HISTÓRIA EM GUSTAVO GUTIÉRREZ	34
2.1 Gustavo Gutiérrez O “Pai” da Teologia da Libertação	34
2.2 A obra fundante da Teologia da Libertação.....	38
2.3 Gutiérrez pesquisa a fonte profética de Bartolomeu de Las Casas.....	43
2.4 As Primeiras Sementes da Teologia da Libertação	45
2.5 Método teológico e a espiritualidade	49
2.5.1 Comunicar Deus	51
2.5.2 Pobreza: uma condição humana complexa.....	52
2.6 A história narrada a partir do seu reverso	55
2.7 Relação da Teologia com as Ciências Sociais	65
3 CAMINHO E A MISSÃO DA TEOLOGIA NA ÓTICA DE GUSTAVO GUTIÉRREZ	68
3.1 A teologia diante da globalização acelerada.....	68
3.2 Das teologias contextuais (feminina, cultural, indígena, afro)	71
3.3 Libertados para a liberdade.....	76
3.4 Revelação do “Deus da vida” diante da libertação	77
3.5 Evangelização Libertadora	82
3.6 Dar sentido à vida	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

A necessidade urgente de um processo de libertação no continente Latino-Americano aconteceu, antes mesmo da estruturação da Teologia da Libertação, como uma reflexão crítica à luz da fé. A evidência dos fatos que permeavam um continente explorado e dependente, com a maioria do povo pobre, oprimido e religioso, submetido a regimes autoritários e capitalistas, ficou evidente, no decorrer do século XX, através do despertar das consciências de muitos grupos, entre eles: movimentos sociais, pastorais religiosas, grupos estudantis e de operários.

Grandes acontecimentos que surgiram nesse período, tiveram influência marcante nesse processo, citando-se, em especial, o Concílio Vaticano II e as grandes Conferências Episcopais Latino- Americanas. O Concílio, surpreendeu o mundo, principalmente a América Latina, propiciando aberturas inovadoras às diversas iniciativas eclesiais.

As Conferências Episcopais de Medellín e Puebla destacaram-se nos enfoques dados à promoção humana, à evangelização, ao crescimento na fé, à Igreja visível e suas estruturas e, sobretudo, nas reflexões sobre pobreza e libertação do povo.

A Teologia da Libertação surge com um objetivo global: de pensar a vida dos seres humanos a partir da base, da periferia, dos excluídos. Consistiu num processo de emancipação do ser humano ao longo da história, para a busca de uma sociedade mais qualitativa, onde o ser humano pudesse se sentir livre da escravidão que lhe foi imposta.

Assim, a proposta dessa dissertação de mestrado em Teologia Sistemática é apresentar uma leitura teológica, a partir dos métodos, pensamentos e obras de Gustavo Gutiérrez, o principal articulador da Teologia da Libertação. Ancora-se no contexto da América Latina, das últimas décadas do século XX até os dias atuais, para recuperar a história como lugar teológico e de libertação. Examinam-se os fatos pelo seu reverso para, então, chegar o mais próximo possível dos grandes momentos de revelação.

A pesquisa abrange o desenvolvimento das categorias que fundaram a Teologia da Libertação através dos textos de diferentes épocas, evidenciando os quarenta anos de produções contínuas. Para cada década foram selecionadas partes de livros e/ou artigos mais significativos, no contexto das categorias teológicas fundantes do pensamento de Gutiérrez.

O trabalho salienta a conexão da Teologia da Libertação com a história da fé cristã nas histórias dos pobres e dos não reconhecidos. Através desse contexto, os questionamentos

pesquisa podem ser sintetizados:

- a) Como ocorreram os fatos da Teologia da Libertação pelo reverso da história, ou seja, para além da história convencional ou dominante?
- b) Como compreender o grande desafio social e teológico da pobreza na América Latina, diante de um povo explorado e cristão?
- c) Qual a relevância da Teologia da Libertação, nos dias de hoje?

A pesquisa destaca a fé vivenciada através de contextos sociais e que pode ser fundamental num determinado momento e tornar-se obsoleto posteriormente. São identificados elementos na Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, dos quais o tempo ajudou a corrigir, alterar ou acrescentar; como exemplo, o encontro de uma globalização acelerada com as teologias contextuais, feminina, cultural, índia, afro, entre outras.

O objetivo principal da pesquisa é investigar o método da teologia na sua dimensão libertadora, com base nas obras de Gustavo Gutiérrez, compreender o verdadeiro sentido da teologia a partir do reverso da história, que buscou novas formulações diante da realidade de pobreza.

A metodologia aplicada é de análise hermenêutica crítica, através de leituras e interpretações de textos, averiguando conceitos, apropriações e formulações de ideias, aprofundadas numa estrutura teórica de diálogo de pensamentos e novas inferências. Procura-se, assim, ver e acompanhar a continuidade e a trajetória desafiadora de sua missão. A escolha do autor é devido à sua importância dentro da Teologia da Libertação, sendo um dos principais integrantes deste movimento.

O interesse pelo tema nasceu de inquietações, de aulas presenciadas nos meios acadêmicos, por vezes questões provocadas pela mídia, ou até no interior da própria Igreja, sobre a sua atualidade, a sua práxis ou, como muitos argumentam que faz parte do passado, de um saudosismo, quando anunciam até a sua morte como um fato consumado.

A pesquisa amplia um entendimento em nível de estudo acadêmico teológico e, ainda se preocupou em combinar uma práxis pastoral a partir do seu conteúdo e seus resultados, na perspectiva de ser utilizada para o desenvolvimento evangélico e pastoral nas comunidades eclesiais de base.

O primeiro capítulo- A recuperação da história como lugar teológico e de libertação- aborda três percepções da história moderna: a de Hegel com a dialética histórica, de Marx com o materialismo histórico e, de Pannenberg, com a superação do historicismo. Abre-se, então, para as experiências teológicas da dimensão da fé. São analisados os movimentos do século XX com ênfase no Concílio Vaticano II e nas Conferências do Episcopado Latino-

Americano e situa-se a história como lugar teológico.

O segundo capítulo- Uma leitura da teologia da libertação, a partir do reverso da história- em Gustavo Gutiérrez, traz dados biográficos do autor, os métodos teológicos, o ponto de partida histórico e as primeiras sementes da teologia da libertação. Abrange nuances de suas principais obras: “Teologia da Libertação” e “Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo”. Analisa-se a pobreza citada pelo autor, e os desafios que perpassam na história narrada, a partir do seu reverso e a relação da teologia com as ciências sociais.

O terceiro capítulo- O caminho e a missão da teologia na ótica de Gustavo Gutiérrez- aborda aspectos de uma globalização acelerada das teologias contextuais (feminista cultural – indígena, afro). Busca-se trabalhar a liberdade através do maior exemplo de libertação que é Jesus Cristo, com ênfase sobre a compreensão da fé a começar de uma prática histórica de libertação. Fala-se sobre a revelação do “Deus da vida” e ainda sobre os caminhos apontados por Deus para o povo oprimido em diferentes épocas.

Por fim, analisou-se o sentido da existência humana como uma tarefa capital no anúncio do Evangelho, onde não se deve esquecer o compromisso com o pobre como opção preferencial da Igreja e do amor gratuito de Deus.

1 A RECUPERAÇÃO DA HISTÓRIA COMO LUGAR TEOLÓGICO DE LIBERTAÇÃO

Para compreender a História, é necessário adentrar nos contextos de cada época, o que exige apropriação de conhecimentos e de fatos. As experiências não possuem uma direção apenas, são inseridas em circunstâncias múltiplas, crescentes e complexas relacionadas às mudanças sociais e culturais, fazendo assim surgir novas percepções. As experiências se realizam num processo dialético, sendo assim, mais que uma simples vivência, ou seja, passam para o nível da razão, numa racionalidade crítica.

O primeiro capítulo abrange a recuperação da história como lugar teológico e de libertação. Mostra-se a importância de três pensadores que influenciaram na percepção da historicidade: Hegel e a dialética histórica, Marx e o materialismo histórico e Pannenberg com a superação do historicismo. Evidenciam-se as experiências históricas e teológicas na dimensão da fé, os movimentos teológicos do século XX, com ênfase no Concílio Vaticano II e nas Conferências do Episcopado Latino-Americano. Analisa-se a história como lugar teológico e também um breve panorama da América Latina.

1.1 Hegel e a dialética histórica

Antes de examinar o reverso da história, será de grande importância mencionar a compreensão de história triunfante no ocidente a partir de um dos seus principais representantes, Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Hegel nasceu em 1770, em *Stuttgart*, e morreu em 1831, em Berlim. Aos 18 anos iniciou seus estudos de Filosofia e Teologia no seminário de *Tübinger Stift*, em *Württemberg*, na Alemanha. Destacou-se no conhecimento na filosofia clássica e na língua grega. O seu estudo no seminário foi voltado para a preparação eclesiástica. Seus primeiros escritos eram sobre assuntos teológicos. Mas, ao deixar o seminário, mudou o rumo de sua vida, afastando-se de seu objetivo inicial.

Segundo Nóbrega, Hegel foi brilhante nos conhecimentos de sua época, fez análises históricas e teóricas sobre economia, religião e política. Conhecia grego, latim, estudou as ciências naturais e viveu com intensidade os momentos políticos de sua época. Não era muito favorável à ortodoxia do cristianismo, mas aceitava e acreditava na doutrina do Espírito Santo.

Hegel fez distinção entre estado e sociedade civil, afirmando a absoluta soberania e excelência do estado: a política difere da religião, da moral e de qualquer ideologia. Para ele, a racionalização do estado não foi somente uma exigência, mas sim, uma realidade. “Hegel descobre na história já feita aquilo que seus predecessores buscavam na história a se fazer”.¹ Ele pesquisou e formulou, por três décadas, o sistema do Direito e do Estado.

Para Hegel, a noção de estado está diretamente ligada à compreensão de homem e dos elementos que o expressam. De um lado via o homem como um animal, um objeto material exteriorizado sob a dominação das leis da natureza, de outro, via um ser espiritual, com uma razão externa, materializada no tempo e no espaço. Dizia que com o homem começa o espírito e que esse se subdividia em: espírito subjetivo, que ele denominou de tese; espírito objetivo, de antítese; e o espírito absoluto de síntese.

Acreditava que a liberdade estava condicionada dentro dos limites do estado, pois entendia que a ideia de estado devia fazer parte de toda e qualquer comunidade organizada. Para ele, a História dizia respeito sempre ao mutável, como um processo realizado através do tempo que era racional, porque existia uma força que a realizava, e essa força era o Espírito na História, em última análise, era o próprio Deus.

Sua filosofia teve impacto profundo no materialismo histórico de Karl Marx e em toda filosofia do século XIX e XX, como também desempenhou um papel importante para a compreensão de história na sociedade.

Conforme Losurdo, Hegel parece que se satisfazia celebrando e apoiando as revoluções da história da humanidade. “Em defesa da Revolução Francesa, Hegel é capaz de alternar tons líricos com um sarcasmo que se diria voltairiano, voltado, sobretudo contra a pieguice reacionária”.² Foi um grande admirador do Imperador Napoleão. Ele via na figura do imperador aquele que poderia comandar uma nova ordem universal. Pensava que seria possível a unificação política de culturas e povos de todo o mundo.

Hegel a maior estrela do “idealismo alemão”,³ fez uma aproximação da Filosofia com a História, não através de conceitos ou concepções pré-estabelecidas nem de forma inerte,

¹ BOBBIO, Norberto. *Estudos sobre Hegel: direito, sociedade civil e estado*, p.44.

² LOSURDO, Domenico. *Liberdade e Igualdade de Estado*, p.152.

³ Idealismo alemão: O idealismo alemão, começa na década de oitenta do século XVIII e prolonga-se, nas suas últimas conseqüências, até à metade do século XIX, sendo a sua criação em Kant, o seu apogeu em Fichte, a sua maturidade em Schelling e a sua consumação em Hegel. O propósito do idealismo alemão é a criação de um amplo sistema filosófico, rigorosamente homogêneo e fundamentado na irrefutabilidade de sua especulação lógica, cuja finalidade é encontrar a indivisibilidade do absoluto. Neste sentido, pode-se indicar, em geral, como o elemento característico das grandes doutrinas idealistas, a busca de um sistema unificador da totalidade do real, um pensamento que contenha a própria idéia do ser, o absoluto. Disponível em <<http://idealismo.webnode.pt/o%20idealismo%20alem%C3%A3o/>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

mas sim como história inserida em sua contemporaneidade. Ele construiu, a priori, uma História totalizante, onde todo o conhecimento científico do absoluto - de poder elevar a Filosofia à Ciência - só seria possível através da dialética histórica. Desenvolveu uma forma histórica de pensar, que não deveria ser separada do seu contexto social e histórico.

Ao pontuarmos aspectos do pensamento de Hegel acerca do Estado e de alguns dos seus elementos constitutivos, é necessário lembrar a importância deste autor para a compreensão da história da sociedade. Uma história que se explica pela intervenção da razão humana, que dá concreticidade e movimento ao real. “Do nada, nada se faz”. Do velho surge o novo; não existe eternidade na história, assim como não é possível a existência de uma lógica linear para explicar os fatos humanos. A história é, pois, historicidade, marcada pelo movimento entre passado, presente e futuro, no qual se fazem presentes relações de identidade e de oposição. Contradições presentes em um único ser e capazes de gerar um novo fato, uma nova realidade, que surge da luta entre os contrários. É a dialética hegeliana: realidades novas se explicitam graças à contradição que existe na realidade anterior. No tocante à noção de Estado, Hegel avança em relação às visões teológicas de condução desta instância. Para ele, o Estado é resultado da razão humana e só existe em função da ação dos indivíduos.⁴

Dessa forma, pensava a realidade através do raciocínio dialético, e esse era realizado em três fases: devia possuir a tese, que era o momento abstrato ou intelectual, ou seja, a afirmação geral do ser; a antítese, que constituía a negação do ser; e a síntese, que superava e eliminava essa contradição, constituindo a negação da negação. Nela se encontravam a tese e a antítese repensadas, reformuladas. Para Hegel o pensamento tem de ser dialético, isto é, lidar com a contradição e assimilá-la, aderir a seus contornos e a seu movimento.

O não filósofo era considerado para Hegel como uma pessoa de condições limitadas diante da visão do mundo, pois, segundo sua ótica, cabia ao filósofo o papel de justificar a vitória dos mais fortes e não lamentar as derrotas dos mais fracos. O filósofo tinha como meta colocar ordem nos acontecimentos, dar sentido. Na sua concepção, existiam povos superiores e inferiores. Por razões de ordem da natureza, alguns se desenvolviam com maior rapidez e outros, não.

Conforme Santos, para Hegel a História Universal trazia um deslocamento no sentido Oriente para Ocidente, onde a Ásia era o princípio e a Europa era o fim último, ali se dava a consumação da trajetória civilizacional da humanidade.

A ideia bíblica e medieval da sucessão dos impérios (*tranlatio imperii*) transformase, em Hegel, no percurso triunfante da “Ideia universal”. Em cada era, um povo assume a responsabilidade de conduzir a Ideia Universal, tornando-se, assim, o povo histórico universal, privilégio que passou sucessivamente dos asiáticos para os

⁴ SILVA, Sheyla Suely de Souza; NÓBREGA, Mônica Barros; FONSECA, Cleomar Campos da Fonseca. Hegel: suas contribuições ao conhecimento, sua distribuição sobre o estado e a (im) pertinência de suas análises para o estudo do estado contemporâneo. *Qualit@s Revista Eletrônica*, Paraíba, n.1, p.9, 2011. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/1030/585>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

gregos, depois para os romanos e, finalmente, para os povos germânicos.⁵

Em Hegel a História se realiza com letra maiúscula, é uma espécie de sujeito totalizante: nada escapa deste sujeito triunfante, tudo é domado por sua dialética. A “História” é uma marcha triunfal que se antecipa nos triunfantes, é a História dos vencedores.

1.2 Marx e o materialismo histórico

Karl Heinrich Marx (1818- 1881) foi economista, cientista social e revolucionário socialista alemão. A história, para ele, não é conhecida pelo Espírito, mas pelas condições materiais da vida. Com essa percepção, vira a concepção de história de Hegel de cabeça para baixo.

Cursou Filosofia, Direito e História nas Universidades de Bonn e Berlim; na sua concepção, a sociedade deveria ter uma distribuição de renda justa e equilibrada.

Foi um admirador e um dos seguidores das ideias e da filosofia de Hegel, a ponto de considerar-se, durante certo tempo, um hegeliano de esquerda. Mas suas ideias mudaram, principalmente ao entrar em contato com as concepções de Feuerbach⁶, vindo a fazer uma revisão crítica dos conceitos de Hegel. Não em sua totalidade, continuou com a mesma opinião no entendimento da história enquanto progressão dialética, mas discordou de Hegel a respeito do espírito do mundo enquanto sujeito ou essência.

Marx compreendeu que a origem da realidade social não residia nas ideias, mas sim, na consciência que os homens possuíam da mesma, através da ação concreta do material, portanto, residia no trabalho humano.

Conforme Santos, a perspectiva de Marx mostrava-se para a realidade do século XIX, sob a afluência da modernidade e do capitalismo com sistemas de desigualdades e de exclusão. “Onde o grande teorizador da desigualdade na modernidade capitalista é, sem dúvida, Karl Marx”.⁷ Segundo sua ótica, o grande berço da integração social da sociedade capitalista estava assentada na relação capital-trabalho a qual desencadeava uma desigualdade classista, fundamentada na exploração, considerada um fenômeno sócio-econômico.

Na dialética de Marx, como em Hegel, as leis do pensamento correspondiam às leis da

⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do Tempo*. p.191.

⁶ Ludwig Feuerbach criador do materialismo antropológico que leva as noções de cristianismo e de fê às últimas conseqüências. Somado a este materialismo antropológico Feuerbach ainda traz outro elemento, a formulação de um meio antropológico que seja dialético. Percebe-se que o jovem Marx é profundamente influenciado por este materialismo de Feuerbach, principalmente na “Ideologia Alemã. REDYSON, Deyve. *Ludwig Feuerbach e o jovem Marx*. Disponível em: <www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao_5/04.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2012.

⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do Tempo*, p.280.

realidade, ou seja, a dialética não era só pensamento, mas era realidade a um só tempo. Via que a existência material antecedia a qualquer pensamento; ressaltava que inexistia a possibilidade de pensamento sem existência concreta. Na dialética de Marx, seu método de análise era a realidade, do concreto ao abstrato, e que oferecia um papel fundamental para o processo de abstração.

O método marxista foi denominado de materialismo histórico, o conteúdo principal pode ser resumido numa frase do próprio Marx: "não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, pelo contrário, sua existência social que determina sua consciência".⁸ O materialismo é o entendimento que afirma que a realidade é apenas material: matéria e energia. Não há Deus ou fenômeno sobrenatural. Idéias, sonhos, fazem parte da realidade material.

Desta forma, Marx inverteu a dialética hegeliana, colocando em primeiro lugar a materialidade e não as ideias no início do movimento histórico, que constitui o mundo. Elaborou, a partir de então, a dialética materialista (conceito não muito desenvolvido por Marx), que também costumava ser referido por materialismo dialético. A aplicação da ciência marxista para o desenvolvimento da concepção de história foi chamada de materialismo histórico. O modo de produção, eixo da história, era determinante para a vida social, política e espiritual.

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em obstáculos a elas. E se abre, assim, uma época de revolução social.⁹

Ao pontuar aspectos da teoria marxista, vê-se que o materialismo histórico pretendeu ter a explicação da história das sociedades humanas, em todas as épocas, através dos fatos materiais essencialmente econômicos e técnicos. Em última instância, percebe-se em Marx, da mesma forma em Hegel, que a história está relacionada com a razão dos vencedores.

⁸ MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. Prefácio.

⁹ Idem

1.3 Pannenberg com a superação do historicismo

Se, por um lado, Karl Marx inverte a colocação de história (de Hegel), colocando-a de cabeça para baixo, o teólogo Wolfhart Pannenberg, virou a história, ou seja, no sentido de que não escorre do passado para o futuro, mas provem do futuro e reforma o passado. Essa revolução anti-histórica é central para a esperança dos pobres, cuja história estão no reverso da história triunfante.

Pannenberg teólogo protestante nasceu em 1928, em Stettin, Alemanha (hoje Polônia), de família cristã. Procurou, através da leitura dos grandes filósofos e pensadores religiosos, entender o motivo de sua vida. Começou seus estudos teológicos após a Segunda Guerra Mundial na Universidade de Berlim, onde obteve contato com a teologia de Karl Barth¹⁰, do qual sofreu grande influência na sua vida teológica, principalmente na ênfase sobre a soberania de Deus e a revelação. A primeira impressão que Barth causa em Pannenberg foi de admiração, mais tarde passa a vê-lo no sentido crítico.

Pannenberg deu novo rumo à teologia, repensando aspectos contemporâneos. Seus pensamentos foram além das fronteiras da Europa, vindo a influenciar tanto a teologia norte-americana quanto a latino-americana. Ele propôs nova metodologia teológica e apresentou outro conceito de história e revelação. Sua teologia foi de grande importância para entender a história.

Pannenberg surge justamente na metade dos anos 1950, procurando dar novo rumo à teologia, repensando aspectos que considerava como um impasse na teologia contemporânea. No início dos anos 1960, ele dá o rumo a esse novo movimento, introduz uma nova época na teologia universitária europeia, que interessa não somente ao pensamento alemão e italiano (especialmente), mas também, em grande parte, à teologia norte-americana, e em diversas correntes ou segmentos. Pannenberg propõe uma nova metodologia teológica e inova o conceito de história e revelação¹¹

Via como essencial a historicidade dos eventos bíblicos para ter uma fé válida. Para ele, era impossível proclamar o Evangelho, sem situá-lo na história, pois toda história é revelação e ela acontece segundo sua percepção, através dos fatos históricos num nível horizontal, e não somente na vertical proveniente de Deus.

Durante sua carreira acadêmica, estudou e se aperfeiçoou na filosofia da história

¹⁰ Karl Barth (1886-1968) teólogo protestante, pastor da Igreja Reformada, foi um dos destacados teólogos protestantes, ficou conhecido como criador e da teologia dialética do século XX, ressaltando o sentido existencial do cristianismo e o reintegra em sua base bíblica, de doutrina de revelação. FERREIRA, Franklin. *Karl Barth: Uma introdução à suas carreira e aos principais temas de sua teologia*. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VIII_2003_1/v8_n1_flanklin_ferreira.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2012.

¹¹ ZEUCH, Manfred. A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, n. 19, p. 14, 2006. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158328835.01.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

universal, pois entendia que, através dela, conheceria os grandes atos de Deus. Para ele, Deus realizou sua autorevelação, seus feitos divinos como, por exemplo, da vida, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, na história humana.

Carvalho,¹² referindo-se a um encontro de teólogos na cidade de Heidelberg, na Alemanha, onde Pannenberg era um deles, cita que aconteceram debates sobre a realidade de Deus, a partir da experiência histórica, da tradição, da exegese crítica e de reflexão filosófica e teológica. Chegaram à conclusão de não existir nenhum conceito direto a respeito de Deus, mas que a presença de Deus está contida nas atuações da história.

Comenta que Pannenberg, no seu livro sobre a Revelação como História, apresenta sete teses: na primeira, ele afirma que na Bíblia a revelação acontece de forma indireta; na segunda, especificamente se referindo ao Antigo Testamento, cita que o conhecimento de Deus está relacionado à sua ação na História; na tese terceira, Pannenberg salientou a importância da escatologia em Israel, onde se encontram as bases da universalização do conhecimento de Deus; na quarta até a última tese, evidencia a natureza antecipada da revelação, que se deu com a vinda e obra de Jesus Cristo, sendo que a expectativa judaica da vinda do reino foi então concretizada na revelação antecipatória do governo de Deus, através da pessoa e na história de Jesus.

Na teologia de Pannenberg, destacam-se duas importantes características. Ele aponta para uma teologia pública, com foco na razão. Outra peculiaridade dispõe da índole escatológica do cristianismo que direciona para a esperança. A formação destes dois temas, razão e esperança, apresentam o núcleo de seu pensamento.

Para Pannenberg, a revelação de Deus não chega ao homem diretamente, e sim, por intermédio de sucessões de fatos históricos. Ele afirma que a revelação acontece na história por meio de atos históricos.

Não existem partes específicas, ou ramificações dentro da história, antes, toda ela é algo plenamente conhecido e até mesmo ordenado por Deus. Esta revelação histórica está ao alcance de todo aquele que tenha olhos para ver, é a única base da fé, portanto, é o conhecimento da verdade histórica.

O pensamento de Pannenberg pode ser descrito como: razão, história e *prolepse*. Na razão encontra-se o centro de seu programa teológico que enfatiza a possibilidade de verificação e validação da verdade. Na história se verifica o método, a linguagem pela qual

¹² CARVALHO, Martins José Luiz. A teologia Hoje um espaço para a reflexão. A vida e a obra de Wolfhart Pannenberg. Disponível em <<http://teologiahoje.blog.com/2009/03/22/a-vida-e-a-obra-de-wolfhart-pannenberg/>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

esta verificação encontra lugar.

O entendimento cristão de revelação para Pannenberg deriva da forma como os fatos foram interpretados. A ressurreição foi ao mesmo tempo um fato histórico e escatológico. O acontecimento histórico que tocou o horizonte último da promessa e que chegou até nós não a partir do passado, mas do futuro, na forma de “*prolepse*”¹³, antecipação. Na *prolepse* encontra-se a resposta à antecipação histórica do futuro escatológico do mundo e da humanidade vista a partir da ressurreição de Cristo.

Através da ressurreição todas as pessoas tiveram o conhecimento indireto de Deus. A pregação da “Palavra de Deus” seria uma afirmação vazia se não estivesse relacionada com o que realmente aconteceu. Dessa forma, a fé não pode ser separada de sua base e conteúdo histórico.

Assim, verificou-se ao analisar o pensamento dos três autores citados, que mesmo percorrendo caminhos diversos, possuíram pontos comuns, no que tange a descrição da história humana.

Hegel deu ênfase à História, colocando-a como um movimento dialético totalizante, que reúne tudo aos pés do sujeito vitorioso. Para ele o válido foi sempre a história do vencedor.

Por mais que a história seja um lugar central no pensamento de Marx, ele também a sistematizou de forma dialética, mas com inversão em relação a Hegel, ou seja, colocando-o de cabeça para baixo. Para Marx os meios de produção vencem a história. Mas não foi tão totalizante quanto Hegel.

Pannenberg propôs nova metodologia teológica e trouxe outro conceito de história à revelação a partir do futuro, da categoria de “antecipação” com a ressurreição, mas toda a sua teologia está direcionada para a história humana.

1.4 Experiências históricas e teológicas na dimensão da fé cristã

Ao pesquisar as experiências históricas e teológicas na dimensão da fé, verificou-se que ela fez parte dos desejos mais íntimos de homens e de mulheres de todas as épocas, assim tentou-se explicá-la em sua espessura histórica, centralizando a história dos homens que sempre apontam para Deus, testemunhando a sua fé.

O estudo contemplou reflexões de autores conceituados no universo teológico, com

¹³ Do grego *prolépsis*, antecipação, ou do latim *prolepse*. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário*. p.1639.

maior ênfase ao pensamento de Ellacuría, dentro nas descrições do êxodo, como um importante elemento na matriz histórica.

Mas, desde o surgir do cristianismo existiram experiências que procuraram falar de Deus nos mais diversos contextos e nas mais variadas formas. Os teólogos as vêem definindo, através de percepções, advindas muitas vezes pelas influenciadas sofridas, através dos ambientes onde estão inseridos.

Assim o cristianismo, quando chegou até o mundo “helenista”¹⁴, assumiu o gênero da teologia, concebendo a teologia cristã a partir de então como uma tarefa própria da fé cristã. E no desejo de entrar em diálogo com o pensamento do mundo platônico e neoplatônico encontrou elementos filosóficos e metafísicos que destacaram a existência de um mundo superior e a transcendência de um absoluto que tudo provinha e que tudo retornava.

Nesse contexto, diz Gutiérrez,¹⁵ inserem-se as meditações dos padres gregos sobre a Teologia no mundo, incluindo cosmo e História. Do século XII em diante teologia teve conotação como ciência, onde alguns estudiosos no assunto apontavam aspectos importantes. Cita-se entre eles a influência de Abelardo, Alberto Magno e Tomás de Aquino. Em São Tomás há uma visão mais abrangente, onde a Teologia não é vista somente como uma Ciência, mas é vista também como sabedoria, onde a caridade une o homem a Deus.

Na escolástica, a Teologia tendeu para outra forma após o Concílio de Trento, e passou a figurar como uma disciplina auxiliar ao magistério eclesiástico. O serviço que a mesma deveria prestar era definir, expor e explicar as verdades reveladas; examinar as doutrinas, denunciar e condenar as falsas, defender as verdadeiras. Sobretudo, a Teologia deveria ensinar com autoridade as verdades reveladas.

Mas a Teologia está no mundo e faz parte dele, portanto, não está isenta de influências derivadas dos processos que ocorrem. Isso aconteceu em todas as épocas. Na contemporânea, sofreu forte influência do Iluminismo que, segundo Gutiérrez, foi como um desafio lançado pelo espírito moderno, que pela invasão de pensamentos dos que não crêem, passou a questionar o mundo religioso, exigindo respostas e renovações.

Na ótica de Moltmann “a Teologia é como um sistema fluvial de influências recíprocas e desafios mútuos e, de modo algum, um deserto em que cada um está sozinho

¹⁴ Helenista diz respeito ao período helenístico. Iniciou-se em 323 a.C e se desenvolveu até 30 a.C. Era a concretização de um objetivo de Alexandre “o grande” que visava difundir a cultura grega em territórios conquistados. Seus reinos foram incorporados ao que futuramente seria o Império Romano. É caracterizada pela ascensão da ciência do conhecimento. HISTÓRIA DO MUNDO. Helenismo. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga/helenismo.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

¹⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. p. 60.

consigo mesmo e com seu Deus”.¹⁶ Para ele, a Teologia, não é uma ciência com dados provados e concretos, e também não se iguala à área da técnica. Ela possui um problema: “Deus. Deus é a paixão, o tormento, e o prazer dos teólogos. Deus, porém, só pode ser amado de todo coração, com toda alma e todas as forças”.¹⁷

Com Schillebeeckx tem-se uma visão de Deus inserida no âmbito da história humana, onde ele sintetiza uma grande reflexão numa frase: “os homens são as palavras com as quais Deus conta sua história”.¹⁸

Pannenberg, referindo-se ao Antigo Testamento, descreve que o conhecimento de Deus vem primeiro através da percepção sobre a sua ação na história, sendo o conhecimento divino mediado pelas manifestações, que foram sendo gradativamente reveladas. Com a vinda de Jesus, no Novo Testamento, aconteceu a revelação antecipatória do governo de Deus na pessoa e na história de Jesus.

Na perspectiva de Ellacuría, as experiências históricas de fé, vividas e compreendidas no Antigo Testamento, não foram experiências estanques, pelo contrário, possuíram aberturas visíveis para o futuro.

Por exemplo, quando Moisés falou a seu povo “Eu sou *Iahweh*, e vos farei sair de debaixo das corveias dos egípcios, vos libertarei da sua escravidão e vos resgatarei com o braço estendido e com grande julgamento”. (Ex 6,6), quis transmitir ao seu povo o que *Iahweh* lhe revelou o que lhe deu coragem, entusiasmo e fé, levando até eles além do conteúdo da mensagem divina, o valor imprescindível das experiências que receberam de seus pais e a importância de transmitirem também a seus filhos e, assim, manterem seu seguimento para as próximas gerações.

Para Ellacuría as lições do êxodo não representaram um futuro de promessas, mas de fé, de crença no Deus da vida, crença numa vida de esperanças, de liberdade. Pois no êxodo Moisés, juntamente com o povo, viveu os dois lados de uma grande experiência: o da opressão e da liberdade. Assim, feridos pela opressão, saíram em busca de alternativas que os livrassem da escravidão e, impulsionados pela dor, juntaram coragem e forças para partirem em busca da libertação.

Moisés, antes de subir a montanha, já possuía uma experiência histórica. Quando ele subiu a montanha carregou-a consigo. Nas suas meditações, nos seus questionamentos, nas suas súplicas junto a Deus, ela estava presente. Como igualmente no seu retorno, a

¹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão*. p.11.

¹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão*. p. 31.

¹⁸ SCHILLBEECKX, Edward. *História Humana: Revelação de Deus*. p.7.

experiência o fortaleceu, tornando-o mais cheio de esperanças e carregando a firme convicção de trabalhar para seu povo, por vontade de Deus. Na recuperação dos fatos históricos vividos pelos homens, se encontra Deus presente.

Segundo Ellacuría, o Novo Testamento se conectou com o Antigo Testamento, através de um cunho comunitário de fé, apresentando algo inédito, ou seja, a aliança de Deus com as pessoas. Esse foi muito além de um simples código de leis e de rituais litúrgicos, mas acrescentou um convite à justiça e à caridade, não como práticas excepcionais, mas com a lei do amor, comunicada a todos os seres humanos, independentemente de raça, cultura, religião, sexo ou condição social, como narrou o evangelista João. No princípio era o verbo. E o verbo estava em Deus. Tudo foi feito por meio dele. E sem ele nada foi feito. (Jo 1,1-4). Dessa forma, nota-se a comunicação de Deus com Jesus e a humanidade.

1.5 Movimentos teológicos do século XX que ecoaram na historicidade

O percurso histórico dos movimentos teológicos do século XX foi um tempo marcado por reflexões críticas sobre a fé, como talvez nenhum outro, ocasionado pelos acontecimentos históricos e culturais decorrentes daquele período. Deixou marcas, através de suas propostas, de seus trabalhos, suas reflexões, seus desafios e buscas por soluções. Assim, “reler a trajetória teológica do século XX, significa encontrar rostos, escutar testemunhos, receber estímulos para investigar mais adiante o mistério inesgotável”.¹⁹ Essa releitura traz em si personalidades de vital importância, com significativos exemplos de amor e doação, e até de entrega de suas próprias vidas.

Segundo Libanio, nos movimentos culturais que surgiram e se desenvolveram, muitas vezes perpassando a consciência coletiva, sem que tenham sido realmente entendidos nas suas origens e em seus pontos fundamentais, onde se encontravam os temas, pontos de vista, soluções de problemas e até expressões linguísticas que passavam a ser usuais, e que incorporavam o patrimônio comum. Foram vistos como comunicações que se entrelaçaram formando redes, espalharam-se, criando força própria. São fatos de real importância para a história do pensamento e para os costumes, pois carregam a expansão e a reflexão que desencadeiam novas propostas e soluções, passando a ser um fator de importância para a cultura, como também para a Teologia.

Foi um tempo marcado pela reflexão crítica sobre a fé, como talvez nenhum outro e

¹⁹ LIBANIO. João Batista. *Teólogos do Século XX*, prefácio.

desencadeado, em grande parte, pelos acontecimentos históricos e culturais decorrentes do século XX, onde a Teologia pode ver o cristianismo de outro ângulo.

15.1 A Nouvelle Théologie

A virada antropológica, ou a *Nouvelle Théologie* como ficou conhecida, iniciou e se expandiu dentro da Teologia europeia nas décadas de 40 a 70 do século XX, representando um modo de expressar a fé de forma mais atuante diante do contexto vigente. Através desse movimento, os teólogos tentaram um retorno da teologia católica na sua pureza original de pensamento e expressão, com evidência nas seguintes questões: volta às fontes; diálogo com a cultura contemporânea; e a dimensão pastoral.

Com a volta às fontes da fé cristã, ou seja, da Escritura e dos escritos dos Padres da Igreja, o objetivo principal destes teólogos, mais precisamente, dos franceses e alemães, era uma reforma fundamental do modo de agir da Igreja Católica, pois estava se aproximando muito da Escolástica e de seus manuais.

Reivindicaram também uma abertura para o diálogo com o mundo contemporâneo em questões teológicas, desencadeando-se entre eles um renovado interesse na exegese bíblica, na literatura, na arte além do misticismo. Quanto à realidade pastoral, a opção consistia na experiência existencial contemporânea. Este movimento foi um dos importantes fatores desencadeantes do Concílio Vaticano II.

Entre os teólogos que fizeram parte da *Nouvelle Théologie*, menciona-se, em especial, Henri de Lubac²⁰, por sua grande atuação, participação, e até quando foi exigido seu silenciamento, e por sua brilhante participação no Concílio Vaticano II. Outros nomes foram também de grande importância para *Nouvelle Théologie*, entre eles Hans Urs Von Balthasar, Yves Congar, Karl Rahner, Hans Küng, Edward Schillebeeckx, Marie-Dominique Chenu, Louis Bouyer, Jean Daniélou.

²⁰ O padre Henri de Lubac (1896-1991) foi um dos grandes teólogos do século XX e incorporou a chamada Nova Teologia. Um homem é religioso ao ponto de reconhecer em toda a parte o reflexo desta divina Face, isto é, de que vive numa atmosfera religiosa. Suas primeiras anotações remontam a 1924, durante o seu noviciado na Companhia de Jesus. Lubac é aconselhado ao silêncio não só pelo livro de 1946 e o artigo de 1949, mas também devido ao seu relacionamento com a chamada “Nova Teologia”, que outra coisa não visava senão o regresso às fontes (Escritura, Patrística, Liturgia), prestar atenção às influências filosóficas, a recuperação do universalismo, apenas para referir alguns aspectos. Padre de Lubac viverá este silêncio numa clara e respeitada obediência que durará cerca de uma década. Com a eleição de João XXIII, é chamado a participar, primeiro na preparação e depois como perito, no 2.º Concílio Ecumênico do Vaticano (1962-1965), dando o seu contributo para as constituições sobre a revelação divina (“Dei Verbum”) e sobre a Igreja no mundo atual (“*Guadium et Spes*”). SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA. *Teologia contemporânea*: Henri Lubac. Disponível em: < http://www.snpcultura.org/id_henri_de_lubac.html >. Acesso em: 24 jun. 2012.

Esta tentativa da *Nouvelle Théologie* de abrir um caminho em direção ao homem, repercutiu também na teologia latino-americana. Mas houve controvérsias a respeito de parte de seu conteúdo, como no entendimento do Papa Pio XII, que condenou algumas ideias da *Nouvelle Théologie* em sua encíclica *Humani Generis*,²¹ advertindo que o movimento se aproximou de um erro de modernismo. Entre eles foi evidenciado três princípios: a volta às fontes, o diálogo com a cultura contemporânea e a dimensão pastoral que a *Nouvelle Théologie* trazia com grande sentido de historicidade da realidade.

1.52 Outros movimentos de destaque no século XX

Também receberam destaque especial, além da *Nouvelle Théologie*, outros movimentos históricos teológicos no transcurso do século XX, todos eles contendo historicidade e abertura ecumênica.

Conforme Gibellini²², o primeiro movimento conhecido como Teologia da Palavra de Deus ou Teologia da Revelação Cristã, onde Karl Barth enfatizou o caráter transcendente de Deus e Hans Urs Von Baltazar ressalta não comparabilidade da revelação cristã com qualquer filosofia ou sabedoria humana, preocupando-se, muito particularmente, com a identidade da fé cristã e com a especificidade do discurso teológico.

Essas teologias ficaram conhecidas como teologias de identidade, ou seja, a Teologia deveria seguir a orientação do texto bíblico, mas praticando a intratextualidade, assim com uma ocupação para dentro.

O segundo movimento sobressaiu-se através da combinação da identidade com a relevância do discurso cristão para a realidade humana existencial, antropológica e cultural. Destacaram-se, nesses contextos, as teologias de Rudolf Bultmann, Paul Tillich, Karl Rahner, seguindo Edward Schillebeeckx com sua teologia da experiência, Hans Kung com a Teologia ecumênica e Claude Geffré com a teologia hermenêutica. Essa abordagem ficou conhecida como guinada antropológica da teologia, isto é, como a fé solidária com seu próprio tempo, conforme Marie Dominique Chenu definia a teologia.

O terceiro vai além da abordagem antropológica e hermenêutica, chegando à abordagem política, quando advogam o desenvolvimento do conteúdo social e político da mensagem cristã. Trabalharam nesse contexto teólogos como Johann Baptist Metz, Jürgen,

²¹ VATICANO. Carta encíclica do Papa Pio XII. *Humani Generis*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html>. Acesso em: 24 jun. 2012.

²² GIBELLINI, Rosino. *Teologia para Outro Mundo Possível*, p.159.

Moltmam e Dorathee Söllee. Salientou-se o problema de inter-relacionar a teologia prática no discurso cristão, entendendo que a fé dos cristãos deveria tornar-se uma prática na história e na sociedade. Desta forma, a teologia assumia a opção de entrar no campo da história e de ser entendida como um saber orientado para o fazer, visando o viver na história e destacando a experiência prática.

Nesse contexto, a Teologia assumia e entrava no campo da História, não se limitando somente no pensar o que significava a vida e a História, mas querendo vivê-la também uma experiência prática. Nesse aspecto, Gibellini destaca a ideia de Metz “foi uma teologia que avançou, aceitando os desafios do seu tempo”,²³ discernindo-a como responsabilidade pública de levar o Evangelho, até mesmo em meio a conflitos, atingindo respostas de solidariedade.

Mas nem toda teologia do século XX foi intérprete e participante da história, no sentido positivo e evangélico, pois nem sempre foi inocente em determinadas circunstâncias, pelo contrário, fazer Teologia representou, muitas vezes, até uma traição ao Evangelho. Por exemplo, a teologia que ocorreu na Alemanha, na guerra de 1914, ou a teologia pregada por alguns seguimentos na África do Sul em defesa do *apartheid*, em comunidades dominadas por brancos europeus; a teologia de alguns seguimentos que silenciaram diante do holocausto, quando deveria ter sido exemplo de consciência crítica.

O quarto movimento ou abordagem aponta para a Teologia da Libertação. Foi um movimento ousado, um grande avanço, uma conquista nas últimas décadas. Representou a primeira grande corrente teológica moderna de destaque e de importância que saiu dos muros do contexto europeu, pois tudo o que existia em matéria de reflexão teológica partia dos grandes centros dos países do “primeiro mundo”.

Como se viu, a Teologia em grandes e importantes momentos históricos, entre apatias e ações renovadas, procurou entender e interpretar sua posição no mundo. Isso se deu, em grande parte, através dos movimentos teológicos do século XX, que foram de importância decisiva, influenciando até sobre a realização do Concílio Vaticano II.

1.6 O legado da historicidade da Teologia da Libertação

O movimento que é conhecido como Teologia da Libertação surge na segunda metade do século XX, na América Latina. “A Teologia da Libertação é exatamente o contrário de uma ponta de lança da perspectiva secularizante, ou de um cristianismo burguês na América

²³ GIBELLINI, Rosino. *Teologia para Outro Mundo Possível*, p.161.

Latina”²⁴. Ela surgiu com um objetivo global, ou seja, pensar a vida dos seres humanos a partir da base, da periferia, dos excluídos. Ela “nasce num momento histórico bem favorável, marcado pela irradiação de uma consciência libertadora muito ampla. Seu ponto alto foi sempre a busca constante pela libertação de qualquer forma de opressão que maculasse a dignidade humana.

Ela surgiu num momento histórico complexo e fértil, onde de toda parte explodia uma consciência libertadora. Eram tempos de descoberta, de revelações, de tirar o véu, ou seja, de revelar o oculto. Crescia o anseio de outro mundo possível, sobretudo para os mais desprovidos - as classes mais pobres e marginalizadas. “Assim a Teologia da Libertação nasceu do desafio que representa para a fé a pobreza desumana existente na América Latina e no Caribe”.²⁵ Para haver um resgate histórico, se faz necessário remontar etapas, antecedentes que trouxeram mudanças dentro do espaço leigo, eclesial e social da época.

No contexto eclesial havia muitos questionamentos, assuntos que estavam em debates na tentativa de soluções e de esclarecimentos. Entre as questões vigentes, repercutia a posição da Igreja no mundo de então, debates que já vinham acontecendo de longa data. Cita-se a influência da encíclica “*Rerum Novarum*”,²⁶ publicada em maio de 1891 pelo papa Leão XIII.

A encíclica foi uma carta aberta, dirigida mais especificamente a todos os bispos. Salientava e debatia as condições das classes trabalhadoras, ou seja, dos operários explorados pelo capitalismo selvagem. Propunha os direitos fundamentais do trabalhador: salário justo, repouso dominical, limitação das horas de trabalho, consideração com as mulheres e crianças que trabalham, possibilidade de que o operário vá constituindo o seu patrimônio particular.

Segundo Giordani²⁷, a *Rerum Novarum* foi a mais popular encíclica dos últimos tempos, a mais debatida de um século para cá, pela repercussão produzida e pela influência que ainda causa, porque definiu posições da Igreja. Uma posição de educadora, diante de um período difícil de muitas perturbações e disputas, ela indicou uma direção segura. A *Rerum Novarum* “foi para a ação cristã, o que o “manifesto dos Comunistas”²⁸ (1848) ou o Capital de

²⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. p. 142.

²⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde Dormirão os Pobres?* p. 29.

²⁶ *Rerum Novarum*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_en.html >. Acesso em: 24 mai. 2012.

²⁷ Igino Giordani (Tivoli, 24 de setembro de 1894 – Rocca di Papa, 18 de abril de 1980) foi um escritor, jornalista e político italiano, diretor da Biblioteca Vaticana... Professor, antifascista, bibliotecário, casado e pai de quatro filhos, era um conhecido polemista do círculo católico, pioneiro no comprometimento dos cristãos em política. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Igino_Giordani >. Acesso em: 20 mai. 2012.

²⁸ Manifesto Comunista: Marx e Engels partem de uma análise histórica, distinguindo as várias formas de opressão social durante os séculos e situa a burguesia moderna como nova classe opressora. Não deixa, porém, de citar seu grande papel revolucionário, tendo destruído o poder monárquico e religioso valorizando a

Marx manifesto Comunista, ou o Capital de Marx para a ação socialista”.²⁹ Tratava de questões que atingiam a sociedade e que foram ocasionadas pela revolução industrial e pelas sociedades democráticas do final do século XIX.

Na carta sobre a questão operária, o papa Leão XIII apoiava o direito dos trabalhadores formarem sindicatos, mas rejeitava o socialismo e defendia os direitos à propriedade privada. Trazia para discussão as relações entre o governo, os negócios, o trabalho e a Igreja. Criticava a falta de princípios éticos e de valores morais na sociedade progressivamente laicizada de seu tempo, considerando isso como uma das maiores causas dos problemas sociais existentes.

O papa reivindicava a justiça na vida social, econômica e industrial, clamava por uma melhor distribuição de riqueza, chamava a atenção para a intervenção do Estado, que deveria intervir, sim, na economia a favor dos mais pobres e desprotegidos e pedia caridade e respeito dos patrões em relação aos trabalhadores.

Com o tempo, os problemas se agravaram e urgiam soluções. Os grandes questionamentos aumentavam e ultrapassavam os muros que cercavam as estruturas eclesiais, se alastrando até as classes leigas, como na sociedade em geral. A Igreja precisava dar uma resposta. Não era mais possível o sentido de paralisação em relação ao progresso e aos problemas do mundo. Existia uma necessidade urgente, de um movimento de transformação na vida da Igreja, o qual pudesse despertar novas energias, novos impulsos, com um espírito de coragem e de iniciativa pastoral.

1.6.1 Do Concílio Vaticano II às Conferências do Episcopado Latino-Americano

Nesse clima de buscas por renovações foi convocado pelo Papa João XXII o Concílio Vaticano II (1962-1965), que colocou seu nome e suas ideias para sempre, na história da Igreja. O concílio trouxe uma avalanche de temas delicados, o que resultou em uma nova percepção, que mudaria e influenciaria a compreensão da Igreja sobre sua presença no mundo

liberdade econômica extremamente competitiva e um aspecto monetário frio em detrimento das relações pessoais e sociais, assim tratando o operário como uma simples peça de trabalho. Este aspecto juntamente com os recursos de aceleração de produção (tecnologia e divisão do trabalho) destrói todo atrativo para o trabalhador, deixando-o completamente desmotivado e contribuindo para a sua miserabilidade e coisificação. Além disso, analisa o desenvolvimento de novas necessidades tecnológicas na indústria e de novas necessidades de consumo impostas ao mercado consumidor. O Manifesto Comunista faz uma dura crítica ao modo de produção capitalista e à forma como a sociedade se estruturou através dele. Busca organizar o proletariado como classe social capaz de reverter sua precária situação e descreve os vários tipos de pensamento comunista, assim como define o objetivo e os princípios do socialismo científico. WIKIPÉDIA. Manifesto Comunista. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista >. Acesso em: 20 mai. 2012.

²⁹ GIORDANI, Igino. *Rerum Novarum*. p. 6.

moderno, propiciando aberturas inovadoras às diversas iniciativas eclesiais.

O Concílio inaugurou um tempo, um novo *kairós*, um tempo de graça. Clamou por justiça, solidariedade e amor. O motor promulgador de todos os atos e efeitos derivados desse novo tempo, em grande parte se deve à inspiração de João XXIII, o grande profeta da Igreja no século XX. Numa atitude corajosa, proclamou que a Igreja estava desconectada com o mundo e somente conseguia distinguir o limite de suas próprias portas.

O Concílio teve a participação de mais de 2.500 bispos, em 4 sessões, ao longo de 4 anos. Produziu 16 Documentos sobre vários assuntos e contou com a liderança de 2 Papas: João XXIII, que faleceu após a 1ª. sessão, e Paulo VI. Produziu uma transformação sem precedentes na Igreja e mudou de maneira evidente sua face, sem, no entanto, mudar sua identidade e missão.³⁰

No Vaticano II surgiu a concepção de Igreja dos pobres. A partir de então, bispos, padres, religiosos, leigos, a Igreja com o um todo, despertaram para reflexões e debates que ocasionando as grandes Conferências Episcopais. A Conferência de Medellín e de Puebla focalizaram a situação de pobreza existente na América Latina. A vibração do Vaticano II fez a Igreja e as conferências, voltarem-se aos menos favorecidos, surgindo uma nova fase, a de conscientização e mobilização em favor dos pobres.

O Vaticano II foi a grande surpresa do século XX, surpreendendo o mundo, principalmente a América Latina. Com ele, surgiu uma avalanche de entusiasmos, de alegrias, como também desastrosas rupturas a nível eclesial. O Concílio procurou analisar amplamente o panorama que se descortinava no mundo. O pontificado de João XXIII e o Concílio Vaticano II constituíram o ponto de partida, uma nova época na História da Igreja.

De fundamental importância na questão da abertura ao social foi a contribuição das encíclicas sociais de João XXIII: a *Mater et magistra* (1961) e a *Pacem in terris* (1963), as quais captavam o espírito conciliar. No seguimento, adveio a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968), onde a problemática da situação de pobreza na América Latina ganhou destaque e força e, assim, praticamente reforçava o conteúdo e os caminhos que trilharia a nova corrente de pensamento em busca de novos horizontes, conhecida como Teologia da Libertação.

Vale ressaltar que alguns dias antes da clausura do Concílio Vaticano II, aproximadamente quarenta padres Conciliares foram celebrar a eucaristia nas catacumbas de Domitila, em Roma, pedindo fidelidade ao Espírito de Jesus. Então, após a celebração,

³⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Concílio Vaticano II: há 50 anos*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/articulistas/cardeal-odilo-pedro-scherer/9283-concilio-vaticano-ii-ha-50-anos>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

firmaram um pacto que ficou conhecido o Pacto das Catacumbas³¹ da Igreja serva e pobre.

Segundo Maria Clara Bingemer, foi um desafio aos irmãos no episcopado, para que levassem uma vida de pobreza e se empenhassem na construção de uma Igreja direcionada para ser servidora e pobre, como era o desejo do papa João XXII. Um dos principais articuladores do Pacto foi Dom Hélder Câmara. O pacto teve forte influência sobre a Teologia da Libertação, que surgiu nos anos seguintes.

Na Conferência Episcopal de Medellín (1968), o ponto alto dos textos foi a declaração de que a Igreja estava consciente da situação de miséria e exploração em que vivia a maior parte do povo, “visto como de injustiça que se pode chamar de violência institucionalizada”.³² A realidade da vida do povo latino americano então começou aparecer sem máscaras, completamente desnuda.

A Conferência de Puebla (1979) também deu seguimento a esses pensamentos, mostrando ao mundo a real situação dos pobres e que, por sinal, é a grande maioria da população e admirava-se que esse mesmo povo pobre, na sua quase totalidade era cristão, e mais surpreendente ainda, era católico.

Conforme Gutiérrez, a Igreja nesse período experimentou as consequências de sua situação, diante de um mundo em processo de decisões e grandes mudanças, pois teve de percorrer lugares até então desconhecidos, e com eles vieram os riscos e os obstáculos do caminho. Mas, “os que mudam a história não são aqueles que trazem soluções, mas aqueles que colocam uma nova série de questões”.³³

1.6.2 A história como lugar teológico

Muito se fala em lugar teológico, principalmente dentro dos espaços acadêmicos de estudos de Teologia. Mas qual a real compreensão que se tem a respeito desse lugar, que soa como um misto de sabedoria? Questionou-se desde quando o lugar teológico ganhou esse destaque, ou desde quando passou a ser praticamente sinônimo de depósito de saberes

³¹ O documento é um desafio aos "irmãos no Episcopado" - aos bispos presentes, portanto, - a levarem uma "vida de pobreza", a construir uma Igreja que se queria "servidora e pobre", como sugeriu o papa João XXIII. Os signatários - dentre eles, muitos brasileiros e latino-americanos, sendo que mais tarde outros também se uniram ao pacto - se comprometiam a viver na pobreza, a rejeitar todos os símbolos ou os privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Disponível em: <[http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_Canal=47&cod_noticia=13407.BINGEMER, Maria Clara.A Igreja das Catacumbas](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_Canal=47&cod_noticia=13407.BINGEMER,Maria%20Clara.A%20Igreja%20das%20Catacumbas)>. Acesso em: 20 jun. 2012.

³² II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Conclusões de Medellín. São Paulo: Paulinas, 1968. p. 13. Disponível em: <<http://animacao5jc.com.br/paginas/downloads/projetoalicerce/02-Organizacao/01-Docmentos/Documento-Final-Medellin-II-CELAM-1968.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

³³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*, p.56.

teológicos. Assim, “a teologia Católica dá o nome de lugares teológicos aos diversos domínios dos quais o conhecimento teológico elabora seu saber, as diversas fontes que se inspira: a escritura, a tradição, os Padres, o magistério, a liturgia, etc”.³⁴ Reafirmou-se então seu significado como um lugar, onde a partir das fontes de conhecimento se expandem os saberes, sendo considerado como forma de exprimir compreensão e fé, o que se torna viável e compreensível diante de séculos, de pensamentos e reflexões sobre a história da Igreja.

Francisco de Aquino Junior³⁵ menciona outros nomes que se salientaram nas reflexões a respeito do lugar teológico, como o dominicano espanhol Melchior Cano, e os jesuítas espanhol-salvadorenhos Jon Sobrino e Ignacio Ellacuría.

Melchior Cano, dominicano de tradição tomista, combateu o que considerou como ponto reducionismo dos reformadores protestantes, atualizou o lugar teológico e ainda fez acréscimos a ele. Dentro da sua formulação, conseguiu brilhantemente equilibrar e ampliar a conceituação. Numa escala de valores, a respeito do lugar teológico, colocou a Escritura em primeiro lugar, ao lado dela a tradição apostólica, depois à fé dos crentes, os concílios e sínodos, a Igreja romana e os bispos, ou seja, o magistério pontifício, os padres e teólogos. Além desses acrescenta mais três: a razão, os filósofos, a história e suas lições. “Cano, diante da necessidade de reforma da teologia, buscava os lugares comuns e precípuos sobre os quais, como lugares temáticos, se podem desenvolver uma teologia viva”.³⁶

Ellacuría faz distinção dentro do método por ele aplicado entre lugar e fonte da teologia. Para ele, fonte da Teologia era visto como o depósito da fé, aquilo que preserva os conteúdos da fé. Por lugar da teologia ele via a partir do social, entendendo como o lugar de acesso às fontes da fé e da Teologia. Essa interpretação de Ellacuría a respeito de lugar e fontes da teologia exerceu importante influência na cristologia de Jon Sobrino.

Para Sobrino, o lugar da cristologia é muito importante para que “use adequadamente tanto suas fontes do passado (textos) quanto suas fontes do presente (presença atual de Cristo na história – fé real em Jesus Cristo)”.³⁷ Foi decisivo quando essa metodologia tratou da cristologia latino-americana como o lugar teológico real, como uma determinada realidade histórica.

O lugar teológico também foi evidenciado na Igreja latino-americana no contexto das

³⁴ LACOSTE. Yves Jean. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1055.

³⁵ Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte – CE e professor de teologia do Instituto Teológico Pastoral do Ceará em Fortaleza. AQUINO, Francisco. *Teoria Teológica – Práxis Teológica: Sobre o método da Teologia da Libertação*.

³⁶ SUSIN. Luis Carlos. Os pobres como lugar privilegiado. Cadernos da ESTEF, Porto Alegre, n. 38, p. 2007.

³⁷ AQUINO, Francisco. *Sobre o Conceito de Lugar Teológico*. p. 2 Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?cod=38025&lang=PT> Acesso em: 04 jul.2012.

Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, com a opção preferencial pelos pobres.

1.63 Um panorama da história da América Latina

Desenvolveu-se na América Latina uma profunda mudança social. Segundo Michael Löwy³⁸, todo o continente caminhava a passos largos, dos anos cinquenta em diante, rumo à industrialização. Sob o domínio do capital multinacional, aumentava o subdesenvolvimento e a dependência, tornando maiores as contradições sociais. Nessa época, houve um aumento considerável do êxodo rural, contribuindo para o crescimento desordenado das cidades, concentrando em zonas urbanas um imenso proletariado.

Com a revolução cubana de 1959, ressalta Löwy, na América Latina surge um período histórico novo com as lutas sociais, o aparecimento dos movimentos de guerrilha, a sucessão dos golpes militares e a crise de legitimidade do sistema político. Sob esse clima de mudanças e incertezas, o panorama que se descortinava no mundo evidenciava a desigualdade social nos países denominados como terceiro mundo, principalmente nos países da América Latina.

Foi nesse contexto, desigual e cheio de injustiças, clamando-se por liberdade, que surgiu a Teologia da Libertação. Ela chegou com um alento para muitos, mas também como “pedra no sapato” dos poderosos.

A América Latina estava sob o domínio de governos populistas³⁹ que promoveram, a duras custas, o desenvolvimento econômico, favorecendo as elites. Em contrapartida, foi causadora de um grande massacre, de uma estrondosa ruína da classe desprivilegiada e pobre, pois, no entender da cultura do capitalismo da época, o ser humano não possuía grande significado, estava entre o rol dos objetos descartáveis, onde o mais importante é o lucro.

Instaurava-se uma nova visão de mundo, principalmente dos povos latino-americanos, que favorecia a situação de subdesenvolvimento como um subproduto histórico do desenvolvimento de outros países. Os teólogos da libertação souberam entender os

³⁸ Michael Löwy (São Paulo, 6 de maio de 1938) é um pensador marxista brasileiro radicado na França, onde trabalha como diretor de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique. É um relevante estudioso do marxismo, com pesquisas sobre as obras de Karl Marx, Leon Trótski, Rosa Luxemburgo, Georg Lukács, Lucien Goldmann e Walter Benjamin. Disponível em: <www.diarioliberalidade.org/component/comprofiler/.../michael.html>. Acesso em: 10 mai. 2012.

³⁹ O populista utiliza uma linguagem simples e popular, usa e abusa da propaganda pessoal, afirma não ser igual aos outros políticos, toma medidas autoritárias, não respeita os partidos políticos e instituições democráticas, diz que é capaz de resolver todos os problemas e possui um comportamento bem carismático. É muito comum encontrarmos governos populistas em países com grandes diferenças sociais e presença de pobreza e miséria. FERREIRA, Jorge Luiz. *O Populismo e sua História: Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.380. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10919.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

mecanismos que se operavam no mundo. Pois a situação de subdesenvolvidos, funcionando como uma alavanca para os países desenvolvidos, tornava visível o motivo real das relações de dependência.

As grandes conferências episcopais de Medellín e Puebla classificaram como “violência institucionalizada” a pobreza desumanizadora, o grande flagelo para os povos. Dessa forma, diante das condições degradantes que milhares de seres humanos se encontravam, surgiram mobilizações populares de cunho social. Como forma de repressão estavam declaradas as ditaduras militares, na maioria dos países latino-americanos.

Junto às ditaduras ficou registrada uma das fases mais cruéis da história da América Latina caracterizada por: desaparecimentos, assassinatos, torturas, censura e opressões das mais diversas formas. Os tempos da ditadura ofenderam e mancharam a dignidade humana do povo latino-americano.

Desta forma, a intenção primordial do primeiro capítulo foi mostrar fatos antecedentes que foram de importância fundamental para o encadeamento das ideias e atitudes, das manifestações posteriores do teólogo Gustavo Gutiérrez, que é objeto predominante dessa pesquisa.

Suas posições e suas ideias se originaram diante desse clima de efervescência e de múltiplos empecilhos, onde viu surgir também novos pensamentos, e pessoas engajadas e empenhadas por mudanças diante das desigualdades e injustiças que pairavam num mundo de muitas mudanças. Desta forma a teologia latino americana buscando interpretar a história do povo oprimido, somente poderia ler a história triunfante, a partir do seu reverso.

2 UMA LEITURA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO A PARTIR DO REVERSO DA HISTÓRIA EM GUSTAVO GUTIÉRREZ

O segundo capítulo abrange uma leitura da Teologia da Libertação a partir do reverso da história. Narrada na perspectiva de Gustavo Gutiérrez acrescentam-se os dados biográficos do autor, os métodos teológicos, o ponto de partida histórico, e as primeiras sementes da teologia da libertação. Incluem-se breves passagens por duas de suas principais obras: “Teologia da libertação” e “Em busca dos pobres de Jesus Cristo”. Analisa-se a realidade da pobreza citada pelo autor e os desafios e consequências desta proposta teológica.

2.1 Gustavo Gutiérrez O “Pai” da Teologia da Libertação

Para situar a teologia de Gustavo Gutiérrez, faz-se uma rápida memória de sua vida e trajetória. Tornou-se conhecido por muitos como o “Pai” da Teologia da Libertação. Suas reflexões são revestidas de grande sensibilidade, diante da pobreza em que vive grande parte dos seres humanos, principalmente na América Latina. Foi um dos teólogos de grande destaque no século XX, tanto no Brasil como no exterior.

A partir de seus posicionamentos derivaram-se os primeiros rumos de uma teologia que apelava para a libertação. O ponto alto de sua reflexão destacava as urgências dos povos sofridos e necessitados. Conforme Libanio, é incontestável que Gustavo Gutiérrez é o autor que não só forjou a expressão teologia da libertação como também exprimiu suas primeiras instituições, ainda hoje elaboradas por uma plêiade de teólogos.⁴⁰, através de suas obras, seus trabalhos pastorais, seus exemplos de dedicação, de amor e vida.

Nasceu em Lima, no Peru, em 8 de junho de 1928. De origem indígena, conheceu desde cedo a dor imerecida dos pobres. Filho de Gustavo Gutiérrez Merino e Raquel Díaz. Com seus pais aprendeu desde cedo a importância da gratuidade do amor de Deus. Teve uma infância difícil, a qual deixou marcas, mas que foi recompensada pela ternura, pela amizade e pelo amor que recebeu. Sofreu uma lesão aos doze anos de idade, o que lhe causou osteomielite (inflamação de medula óssea). Foram longos anos de tratamento, tendo permanecido até aos dezoito anos em cadeira de rodas.

Foi aluno dos Irmãos Maristas, mas com a doença precisou abandonar a escola,

⁴⁰ LIBANIO. João Batista. *Teólogos do Século XX*. p.11.

passando a estudar em casa; gostava de ler e jogava xadrez. Afirma que o gosto pela leitura veio da influência do pai, que era um grande leitor. Comenta que também do pai herdou o senso de humor, sempre presente em sua vida, mesmo diante das dificuldades que a família enfrentava. Aos quinze anos descobriu Pascal,⁴¹ que o marcou intensamente. A História de Cristo, de Giovanni Papini,⁴² o tocou também profundamente.

Fez seus estudos secundários no bairro Barranco, no Colégio Marista. Posteriormente, interessou-se por Filosofia e Psicologia. Conta que, no início de sua doença, teve forte inclinação pela vida religiosa, mas foi desaparecendo com o passar do tempo. Então, ao decidir-se por um curso superior, sua primeira escolha foi pelo curso de Medicina, ingressando posteriormente na Faculdade de Medicina da Universidade Nacional Maior de São Marcos (Universidade Nacional Mayor de San Marcos), entre 1947 e 1950. Também sentiu inclinação pela Psicologia, depois Letras, chegando a cursar as duas.

Depois de percorrer os caminhos da Medicina, Psicologia, Letras, quando estava com vinte e quatro anos de idade, voltou a ter forte inclinação pela vida religiosa, então toma a decisão que norteou toda a sua vida, a de ser padre. Conforme relatos do autor, ao conversar com o bispo sobre sua vontade de ingressar no sacerdócio, o bispo toma a decisão de mandá-lo estudar na Europa. “O bispo de Lima, considerando-me muito velho para o seminário, me mandou para a Europa”.⁴³ Gutiérrez pouco tempo depois partiu para a Europa, onde obteve uma longa e brilhante formação. Em Louvain aprendeu o idioma francês, escreveu uma tese sobre como Freud chegou à noção de conflito psíquico.

Mais tarde, foi para a universidade de Lyon na França estudar Teologia; licenciou-se também em Filosofia e Psicologia, na Universidade Católica de Louvain na Bélgica, onde anos mais tarde retornou para defender sua tese de doutorado. A formação intelectual teológica europeia de Gutiérrez aconteceu no período do Pontificado de Pio XII (1939-1958). Nessa época, o auge da Teologia europeia estava quase que totalmente fixada em torno da Teologia da Salvação, que praticamente vigorava em todas as faculdades, principalmente de

⁴¹ Blaise Pascal: (1623-1662) Matemático, físico, filósofo e por fim dedicou-se ainda ao estudo da teologia, das concepções místico-morais. Um excelente escritor. Com uma crise mística, Pascal retira-se definitivamente do mundo, e resolve viver em meditação, no Convento de Port Royal. Universidade de Lisboa. *Quem foi Pascal?* Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/poincare/pascal.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

⁴² Giovanni Papini: Italiano de Florença, era um escritor e poeta. (1881-1956) Foi um dos líderes mais ativos da renovação cultural e literária que ocorreu em seu país no início do século XX, conhecido por sua ousadia na abordagem dos argumentos da crítica literária e filosofia, religião e política. MARANGON, Rosa Maria. *O universo cultural de Giovanni Papini*. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/PAPINI.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

⁴³ LE CROIX. Gustavo Gutiérrez, le père de théologie de la libération, março. 2012. apud. INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Gustavo Gutiérrez, o pai da teologia da libertação*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508171>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

língua francesa e alemã.

Na Europa estudou, fez muitas amizades, conheceu pensadores de destaque e fez grandes amigos. Teve a oportunidade de encontrar teólogos influentes, como Gustave Martelet e dominicanos, como Marie-Dominique Chenu, Christian Duquoc, e como ele explicitava, também aqueles de sua geração. Conforme seus relatos, “Era um período difícil na Igreja francesa, mas muito rico, diz, que me permitiu encontrar Albert Gelin (cujos trabalhos sobre os Pobres de Javé orientaram as minhas pesquisas)”.⁴⁴

Ordenou-se sacerdote em 1959, um ano depois retornou para América Latina, para seu país de origem, o Peru, onde foi designado para atuar nos subúrbios miseráveis de Lima, mais especificamente, na paróquia de Rímac. Dedicou-se muito aos movimentos cristãos. Destacou-se no trabalho pastoral. Nessa mesma época iniciou sua carreira de docente na Universidade Católica de Lima no Perú.

Gutiérrez estava em plena ascensão em todas as suas atividades, mas havia um ponto que o atormentava: a pobreza que se expandia e era visível por todos os lados. Diante dessas circunstâncias vivia questionando-se: como dizer ao pobre que Deus o ama diante da realidade de miséria? Naquele ambiente, sentia toda a diversidade e o contraste com o mundo europeu, onde fizera seus estudos. Ali na sua terra natal ele se sentia a mais cruel e injusta pobreza.

Constatou que esse povo sofrido também era profundamente religioso. “O contato com meu povo, porém, faz-me ver um povo simultaneamente cristão e oprimido”.⁴⁵ Reconheceu que o povo sofrido e oprimido foram negados todos os direitos mais elementares de vida, saúde, educação, moradia. Essa percepção o levou a constatar que essa realidade cruel não era somente de seu país, mas era a problemática de todos os países latino-americanos.

A projeção de Gutiérrez se deu rapidamente, tornando-se uma figura de grande credibilidade e confiança, em diversos setores, tanto leigos como eclesiais. Entre os jovens, sua atuação e liderança foi marcante, vindo a ser assessor nacional da união de estudantes Católicos (UNEC) e professor dos departamentos de Teologia e Ciências Sociais na Universidade Católica de Lima. Fundador e diretor do Instituto Bartolomeu de Las Casas⁴⁶,

⁴⁴ LE CROIX. op. cit.

⁴⁵ GUTIÉRREZ. Gustavo. *A Verdade vos libertará*, p. 37.

⁴⁶ O Instituto Bartolomeu de Las Casas é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1974 pelo teólogo Gustavo Gutiérrez e por um grupo de católicos, profissionais que queriam contribuir para o processo de libertação integral e desenvolvimento humano no Peru a partir da perspectiva cristã de uma opção preferencial pelos pobres. Respondem com uma proposta integral para a necessidade de formação de comunidades cristãs, organizações sociais, estudantes universitários e jovens profissionais para que eles possam contribuir para a construção da democracia e promover um processo de desenvolvimento que inclua todos os peruanos. Trabalham para demonstrar o vínculo entre a construção da democracia e do desenvolvimento humano

organização fundada por ele, onde faz homenagem a Bartolomeu de Las Casas.

Gustavo Gutiérrez, em vinda ao Brasil no ano de 1969, encontrou o país atravessando grandes crises, era a fase da ditadura militar. Nessa época teve contato com estudantes, militantes da Ação Católica, e com muitos padres, cujos testemunhos de vida trouxeram grandes contribuições para as suas reflexões teológicas, com grande repercussão na sua obra fundamental “Teologia da Libertação”.

Foi uma época em que a presença dos pobres na América Latina começou a ser evidenciada através de movimentos sociais e religiosos. Com a influência no período pós-concílio, muitos debates teológicos aconteceram, nos quais Gutiérrez sempre esteve presente. A centralidade de suas reflexões teológicas foi sempre voltada para a busca pela libertação, onde distinguiu três níveis de importância: o econômico, o humano e o teológico.

Sua vida tem sido uma trajetória pastoral e teológica, publicou inúmeras obras. Foi requisitado para muitas atividades no seu país, bem como no restante da América Latina, na Europa e nos Estados Unidos. Em 1973, como em muitos anos subsequentes, foi membro do Conselho diretor da revista *Concilium*.

Recebeu muitas homenagens: na Espanha, em 2003, o prêmio Príncipe de Astúrias de Comunicação e humanidades. Em diversos países recebeu títulos de Doutor *Honoris Causa*, entre eles estão: Perú, Argentina, Holanda, Suíça, Alemanha, Estados Unidos, Canadá e, também, Escócia. Possui vinte e três títulos de *Doutor Honoris Causa* outorgados por universidades de diversos países: cinco no Peru, Argentina, Holanda, Suíça, dois na Alemanha, dez nos Estados Unidos, dois no Canadá e também na Escócia, obtidos entre 1979 e 2006.

Tornou-se um dos principais teólogos contemporâneos da América Latina, considerado como o fundador da Teologia da Libertação, sendo que, hoje, é impossível mencioná-la sem fazer ligação a seu nome. Foi um homem desprendido de si mesmo para estar envolto na realidade dos pobres, vivendo junto a eles, presenciando toda a opressão e os conflitos dos movimentos pela libertação. Dedicou-se com grande dinamismo a uma prática teológica.

Gutiérrez, atualmente, reside no convento dos dominicanos de Lima. Divide o seu tempo entre o seu trabalho pastoral, continua tendo responsabilidade na Igreja, na paróquia do

integral entre os diferentes grupos da sociedade civil, promovendo o diálogo e a reflexão sobre a fé cristã a partir da perspectiva de uma opção pelos pobres e seus desafios para o nosso mundo hoje. Dedicam-se à reflexão e à discussão com os diferentes grupos sociais e culturais, dentro e fora do país, em torno do significado da solidariedade, a fim de promover relações justas entre as nações. INSTITUTO BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. Programas Y proyectos. Disponível em: <<http://www.bcasas.org.pe>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

Cristo Redentor em Rimac. Realiza retiros nos cursos de Teologia na Universidade de Notre Dame (Indiana, EUA) e no Studium Dominicano de Lille (França).

Continua a sua obra teológica, lê muito, até mesmo poetas. Ele se diz um apaixonado pela poesia. "Fazer teologia é também escrever uma carta de amor a Deus, à Igreja que eu sirvo e ao povo a que eu pertencço".⁴⁷ Costuma dizer que a poesia é a uma linguagem do amor.

Atualmente, ele está terminando um livro dedicado à opção preferencial pelos pobres. Questionado sobre o fim da Teologia da Libertação, responde: "até pode desaparecer, quando não houver mais pobreza no mundo". Para ele, pobreza e suas consequências serão sempre um fator desafiador de nosso tempo, não só na América Latina, como nos mais diversos cantos do mundo.

2.2 A obra fundante da Teologia da Libertação

Gutiérrez publicou inúmeras obras teológicas, mas a que o projetou para sempre no mundo teológico, foi o seu livro fundante "Teologia da Libertação- Perspectivas" uma reflexão teológica, que nasceu da experiência vivida junto aos pobres, como também do esforço pela abolição da situação de injustiça, pela busca de uma sociedade mais justa e mais humana. A obra recebeu muitos aplausos, como também foi contestada por muitos, mas o destaque desta obra tornou-o, uma figura conhecida, tanto na América Latina como em todo o mundo.

Nela frisou a importância de uma espiritualidade centrada na gratuidade. O encontro com Deus é parte essencial, para que exista o exercício de amor aos outros. A obra buscou uma reflexão, a partir do Evangelho e das experiências de homens e mulheres, comprometidos com o processo de libertação, dentro do contexto de exploração e miséria vigente na América Latina. Propõe a libertação de toda e qualquer forma de exploração, buscando formas de vida mais humanas e mais dignas.

Na sua obra fala também das tarefas da Teologia como reflexão crítica sobre a práxis na vida da Igreja, que se afirmou nas últimas décadas. Mas já possuía antecedentes nos primeiros séculos da Igreja. "A teologia agostiniana da história que encontramos na Cidade de Deus parte, por exemplo, de uma verdadeira análise dos sinais dos tempos e das exigências por eles estabelecidas para a comunidade cristã".⁴⁸ Reconhece que o fundamento e a centralidade da práxis cristã estão na sua presença na História.

⁴⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. p. 50.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 61.

Sobre o compromisso de reflexões críticas, entende que, em primeiro lugar, a Teologia deve criticar a si mesma, seus próprios fundamentos. Depois, não fechar-se em si mesma passando a ter uma reflexão crítica com relação aos condicionamentos econômicos e socioculturais da vida e da comunidade cristã. A reflexão teológica deve estar apta a fazer uma crítica construtiva da sociedade e da Igreja, enquanto convocada e interpelada pela Palavra de Deus.

Gutiérrez cita a importância do agir cristão no mundo, saindo das fronteiras da Igreja, estando aberto aos problemas universais, e aberto diante das transformações que exigem atitudes e respostas corajosas. Sobre o assunto, complementa com uma citação do pensamento de Y.M.Congar:

Se a Igreja quer aproximar-se dos verdadeiros problemas do mundo atual e esforçar-se por esboçar uma resposta..., deve abrir um novo capítulo de epistemologia teológica pastoral. Em vez de partir unicamente do dado da revelação ou da tradição, como geralmente o fez a teologia clássica, deverá partir de fatos e indagações, recebidos do mundo e da história.⁴⁹

A abertura para a história humana foi de fundamental importância, pois lhe proporcionou condições indispensáveis, para que a sua teologia pudesse cumprir uma função crítica da práxis eclesial, uma reflexão à luz da fé, acompanhada do agir pastoral da Igreja.

Numa segunda etapa de sua obra faz referências à libertação, em três níveis de significado que se interpenetram, com três aproximações do processo:

1. Libertação como aspiração das classes sociais e povos oprimidos, aspecto conflituoso entre as classes opressoras.
2. Libertação como exigência do desdobramento de todas as dimensões da pessoa, onde homens e mulheres vão assumindo seu próprio destino e onde os horizontes se ampliam, em prol das mudanças sociais desejadas.
3. Libertação através da condução das fontes bíblicas. Cristo portador da liberdade, Salvador que liberta o ser humano do pecado, fazendo-o verdadeiramente livre.

Gutiérrez deu destaque especial aos movimentos de jovens; estes sentiam a necessidades de posições mais claras e comprometedoras. Assumindo profundamente os problemas, queriam também ver de forma mais efetiva a presença da Igreja. Mas os movimentos de jovens não podiam separar a formação religiosa da formação política. Com o passar do tempo houve crises nas próprias concepções dessas organizações.

De forma mais específica, os bispos, ao tomarem posições determinadas no plano temporal, entravam em território distinto da Igreja eclesial. Porém, a dinâmica do movimento

⁴⁹ CONGAR, Yves. Situación y tareas. apud. GUTIÉRREZ. Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*, p. 69.

de jovens, dos movimentos apostólicos leigos, clamava por compromissos definidos, exigindo uma radicalização política. Essa radicalização política era contrária ao pensamento oficial da Igreja, que mantinha certa cautela e distanciamento, em se tratando de assuntos temporais.

Gutierrez colocou uma visão de mundo e da Igreja como significativamente diversa das décadas anteriores, “se anteriormente se tendia a ver o mundo a partir da Igreja, hoje quase se observa o fenômeno inverso: a Igreja é vista a partir do mundo”.⁵⁰ Pois, no tempo passado, a Igreja usava o mundo com a finalidade que fosse necessária, mas no mundo atual muitos cristãos e não-cristãos se interrogam se é válido usar o conceito de igreja para buscarem a transformação das estruturas sociais.

Pois o mundo secularizado, onde as posições são diversas, os desafios às comunidades cristãs aumentam. Viver num mundo não-religioso pedia nova reformulação de pensamentos. “A redefinição da formulação de sua fé, de sua inserção na dinâmica histórica, de sua moral, de seu estilo de vida, da linguagem de sua pregação, de sua liturgia, se faz, mais urgente”.⁵¹ Eram muitos e grandes os desafios, principalmente na América Latina.

Outro ponto de destaque dessa obra de Gutiérrez é o processo de dependência e libertação na América Latina, onde analisa o binômio dependência e libertação.

“Dependência” e “libertação” são termos correlativos. Uma análise da situação de dependência leva à busca de meios para dela se livrar. Mas ao mesmo tempo a participação no processo de libertação permite adquirir uma vivência mais concreta dessa situação de dominação, percebe-lhe densidade, promovendo melhor conhecimento de seus mecanismos; permite também evidenciar as mais profundas aspirações que estão em jogo na luta por uma sociedade mais justa.⁵²

Foram etapas de uma conscientização inovadora, sobre a realidade latino-americana. Após uma longa inércia, onde predominava uma ignorância total da realidade, conseguiram atingir a compreensão mais global da sua situação, não se limitando a uma simples constatação da realidade. A grande e fundamental novidade residiu na verificação das causas que geraram aquela situação.

O subdesenvolvimento foi visto então como resultado de um processo em relação ao desenvolvimento e à expansão dos países ricos. A noção de dependência foi um fator decisivo.

As relações de dependência supõem a inserção das estruturas de modo especificamente desigual: a expansão do mercado mundial criou relações de dependência (e de dominação) entre nações e deste modo estabeleceu diferenças no interior da unidade constituída pelo sistema capitalista internacional.⁵³

⁵⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. p.121.

⁵¹ *Ibid.*, p.121.

⁵² *Ibid.*, p.133.

⁵³ CARDOSO, Fernando Henrique. *Desarrollo y dependencia*. apud. GUTIÉRREZ. Gustavo. *ibid* p.139.

Estudos feitos por cientistas sociais da América Latina, a partir dos países dominados, permitiram esclarecer e entrar nos detalhes mais profundos no que dizia respeito à teoria da dependência. Os países pobres dominados estavam cada vez mais pobres, e os ricos cada vez mais ricos, produzindo um grave desnível entre os países desenvolvidos e os não desenvolvidos.

No continente latino-americano, a característica era de dominação e de opressão, motivos que levaram à busca pela libertação. Dessa forma acreditaram que só poderia haver desenvolvimento, libertando-se das opressões, causadas pelas grandes potências capitalistas. Os setores oprimidos pouco a pouco começavam a tomar consciência da realidade e perceberam que lhes esperava um longo caminho para atingir a construção de uma nova sociedade.

Conforme Gutiérrez, todo o processo pela libertação que ocorreu na América Latina foi muito além da superação da dependência econômica, social e política. Consistiu num processo de emancipação do ser humano ao longo da história, para a busca de uma sociedade mais qualitativa, onde o ser humano pudesse se julgar livre da escravidão que lhe foi imposta.

Mas, para haver uma libertação autêntica e plena, essa deveria ser assumida pelo próprio oprimido a partir de seus próprios valores. Só dessa forma poderia acontecer uma verdadeira revolução cultural. Exemplifica com as ideias de Paulo Freire, através de sua “pedagogia do oprimido”,⁵⁴ aonde chegou à conclusão de que seria necessário uma ação cultural, unindo a teoria à prática. Com uma ação libertadora os próprios oprimidos perceberiam o mundo de outra forma, saindo da ingenuidade para uma consciência crítica, onde estariam mais aptos a lutar pela liberdade.

Conforme Gutiérrez, a Igreja na América Latina, em sua quase totalidade vivia em estado de gueto. Seu surgimento no continente americano aconteceu na época da contra-reforma, quando a comunidade cristã tomou uma atitude de defesa da fé. Essa posição de defesa foi sendo reforçada diante de diferentes opositores, levando-a, buscar apoio dos grupos economicamente poderosos, com a finalidade de assegurar o que acreditavam ser uma tranquila pregação do Evangelho.

Mas essa situação da Igreja vai se modificando aos poucos, através dos cristãos de forma individual e coletiva. Foram adquirindo maior consciência política e conhecimento da realidade latino-americana e das causas que a originaram. Foi um processo longo e complexo “Os diversos setores do povo de Deus vão se comprometendo gradualmente e de forma

⁵⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005a.

variada no processo de libertação, e percebendo que essa libertação passa, necessariamente por uma ruptura com atual situação, por uma revolução social”⁵⁵. Nesse contexto articulavam-se os movimentos apostólicos de leigos, sacerdotes, religiosos, bispos, principalmente, de regiões mais miseráveis e exploradas, que denunciavam as injustiças. Porém, as denúncias não foram recebidas com louvores por setores dominantes e conservadores da sociedade. Sobre estas manifestações, repercutiram acusações de estarem intervindo em terreno que não era de suas competências, principalmente quando se referiam a padres e bispos.

Para Gutiérrez, essa situação de violência era geradora de pecado, pois a não solidariedade, a exploração, as desigualdades sociais, políticas e econômicas e culturais são contrárias ao projeto de Deus. Medellín já chamava atenção para a responsabilidade profética da Igreja e principalmente dos bispos.

Ninguém deve deixar-se intimidar com aqueles que, aparentemente zelosos da pureza e da dignidade da ação sacerdotal e religiosa, tacham de “política” tal intervenção da Igreja. Frequentemente, tão falso zelo encobre a intenção de impor a lei do silêncio quando urge dar voz aos que sofrem a injustiça e que se desenvolva a responsabilidade social e política do povo de Deus.⁵⁶

Assim, foram brotando pela América Latina atitudes lúcidas e comprometidas com uma sociedade mais justa, onde a Igreja estava inserida. Uma Igreja que outrora estava ligada aos setores dominantes começava a se declarar contra as injustiças e explorações, causadoras de um grande mal estar social.

Devido a isso, certos setores da Igreja foram taxados de subversivos e passaram a sofrer duras repressões. “Sacerdotes assassinados e deportados, cristãos perseguidos, fechamento e ataques à imprensa católica, invasão de locais eclesiais etc”⁵⁷. Foi uma época histórica, marcada por conflitos.

Desta forma, a Teologia da Libertação buscou, a partir do compromisso, erradicar as injustiças e participar da construção de uma sociedade nova. Porém, isso só seria realmente possível através da participação consciente e ativa das classes sociais exploradas, contra aqueles que a oprimem.

Para o autor só existirá uma verdadeira teologia da libertação, “quando os próprios oprimidos puderem altear livremente a voz e expressar-se direta e criativamente na sociedade e no seio do povo de Deus”,⁵⁸ quando de forma independente souberem que são portadores de esperança, e capazes de gerenciar suas próprias vidas.

⁵⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*, p.155.

⁵⁶“Carta pastoral del episcopado mexicano”...,168,28-29 apud. GUTIÉRREZ,Gustavo. Ibid,178.

⁵⁷ C. guíar. “*La iglesia perseguida: desafío latino-americano*”, PD (julho 1969), 148. apud. GUTIÉRREZ. Gustavo, ibid. p.186.

⁵⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. op. cit., p.365.

Gustavo Gutiérrez inaugurou uma nova forma teológica de pensar. Com sua iniciativa, muitos teólogos se orientaram e passaram a escrever sobre esse tema, que sacudiu o mundo teológico. O livro “Teologia da Libertação” já atravessou quatro décadas de existência, mas ainda continua muito atual. “A distância não o desatualiza, mas faz-nos captar o momento-nascente da teologia da libertação”.⁵⁹ O diferencial, a matriz histórica da Teologia da Libertação está na vida do povo pobre e, de modo especial, na vida de comunidades cristãs presentes na América Latina, com destaque sobre a irrupção do pobre como ponto fundamental para que haja uma libertação plena.

2.3 Gutiérrez pesquisa a fonte profética de Bartolomeu de Las Casas

Segundo Gutiérrez, Bartolomeu de Las Casas⁶⁰ foi o primeiro a intuir a Teologia da Libertação ao buscar os direitos dos índios, denunciando que a razão principal da exploração e da morte prematura dos índios foi a cobiça pelo ouro. Las Casas viu no índio o pobre, a relação direta com o Evangelho. Segundo o autor, a América Latina carrega em si marcas de seu passado, heranças deixadas pelos tempos da colonização. Tudo isso ocasionada pelas “descobertas” principalmente por Cristovão Colombo, cuja dominação se deu através da exploração dos mais fracos: com trabalhos forçados, escravidão, morte injusta.

O autor fez um relato minucioso dessa época em seu livro “Em busca dos Pobres de Jesus Cristo”⁶¹, resultado de mais de vinte anos de pesquisa, onde destaca a perspectiva

⁵⁹ LIBANIO, João Batista. *40 anos da Teologia da Libertação: Ontem e hoje*. Disponível em: <<http://www.jblibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=162>>. Acesso em: 11 de junho de 2012.

⁶⁰ Bartolomeu de Las Casas. Las Casas nasce em Sevilha, na Espanha, em 1484. Em 1502, com apenas 18 anos, parte para a América. Foi acolhido com a e amabilidade dos nativos da terra. Percebe em seguida que os espanhóis só falam do ouro, de riquezas e como explorá-las. Em 1503, Las Casas é catequista e “encomendeiro” na cidade de Concepción de La Vega. Em 1506-1507, viaja a Roma e é ordenado padre. Exerce seu papel religioso unido ao de colonizador, embora em sua biografia afirme que nunca tratou os índios com violência. Em 1510, chegam os primeiros missionários dominicanos. Em 1513, Las Casas assume nova missão. Vai ser capelão militar e parte com a tropa para Cuba, com a missão de pacificar os índios, catequizando-os, confortando e catequizando os soldados. Em 1524, Las Casas faz sua profissão religiosa na ordem dos dominicanos. Em 1543, foi nomeado bispo de Chiapas, no México, permanecendo dois anos à frente da diocese. Las Casas foi também um grande escritor. Seu pensamento vai entrando em polêmica com os opositores dos índios, trava debates com os filósofos e teólogos de Salamanca, contrapõe-se a muitos religiosos dentro da própria ordem e exige que os políticos façam leis para proteger e respeitar os direitos dos primeiros habitantes da América. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo*, (tópicos) p.7-87.

⁶¹ Nesse livro, o interesse está voltado para as reflexões que surgem ao compasso da vida agitada e combatida de Las Casas, como diz em seu testemunho. Passou indo e vindo das Índias a Castela e de Castela às Índias muitas vezes. Para seguir precisamente o desenvolvimento de suas ideias, deve-se tomar conhecimento dos dados cronológicos dos acontecimentos vividos por Bartolomeu de Las Casas, destacando-se nele o combate travado no século XVI pelos direitos dos índios. Esteve adiante de sua época e usa uma linguagem contemporânea quando falou do direito das nações índias de serem diferentes, reivindicava as liberdades e se mostrava sensível às dimensões históricas da fé. Las Casas soube vivenciar a fidelidade ao Senhor. A variedade dos desafios que enfrentou fez com que Las Casas apelasse para múltiplos aspectos do pensamento de seu tempo. Trabalhou e

missionária de Bartolomeu de Las Casas, onde defendeu o princípio ético, jurídico e religioso dos índios. Para ele, era necessário garantir aos índios os verdadeiros direitos.

Na concepção de Las Casas, a liberdade pressupõe que o ser humano nasça e cresça livre, até que se prove o contrário. Seguindo as ideias de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, defende que o homem é naturalmente um ser social. Entende que as relações da Espanha e da Igreja não poderão ser de dominação, mas de serviço à comunidade dos povos americanos.

Gutiérrez vê em Bartolomeu de Las Casas o primeiro pensador, "um gênio espiritual", um idealizador da teologia para a libertação. Gutiérrez demonstra sua admiração por Las Casas, pela sua atuação junto aos índios, por sua forma de pensar, sua visão de mundo, por toda a perspectiva missionária, por toda a forma de sentir os problemas que os índios tiveram com a vinda dos espanhóis, que resultou em exploração, miséria e morte.

Segundo Gutiérrez, Las Casas “antecipou-se na Teologia da Libertação ao defender os índios maltratados pelos encomenderos espanhóis, nas recém descobertas e conquistadas terras do Novo Mundo”.⁶² Apesar de já passados cinco séculos de distância, a realidade se assemelha muito ao contemporâneo, sobretudo no que diz respeito à pobreza e à exploração.

Las Casas viu na figura do índio o pobre, segundo o Evangelho. Desde que ingressou na vida religiosa dominicana, passou a se dedicar à causa indígena, defendendo-lhes a vida, a liberdade e a dignidade. “Foi movido pela caridade de Jesus Cristo, que medida desconhece nem descanso quer enquanto aqui peregrina”.⁶³ Ele não negou esforços para salvaguardar a vida e a dignidade dos índios, o que o levou a viajar muitas vezes à Espanha, com objetivo incessante de defender os índios.

A experiência dele junto aos índios, levou-o a perceber que sua missão não era de anunciar o Evangelho exclusivamente à população indígena, mas também aos peninsulares, caracterizados na época como os não cristãos. O que fez com que Las Casas se perguntasse “quem são os verdadeiros idólatras, os índios que seguem suas próprias religiões, ou os que se dizem cristãos, mas na prática cultuam o ouro?”.⁶⁴ Pois, segundo a Bíblia, idolatria é colocar a confiança em outros valores, ao invés de ser em Deus.

Las Casas fez fortes relatos sobre a situação indígena, as mortes prematuras injustas, e as humilhações que sofreram. Essa situação devastadora também levou o grito de socorro de

retrabalhou seus pontos, polemizou seus adversários proveniente de diferentes pontos do mundo intelectual. A reflexão de Bartolomeu acompanhava bem de perto os problemas que se apresentam a sua prática missionária e a sua consciência cristã. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo* (11-9).

⁶² GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Densidade do Presente*. p.11.

⁶³ (Carta AL Consejo, 1531, V 43^a), apud. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo*. p.7.

⁶⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. op. cit., p.138.

Montesino⁶⁵, que motivou outros frades dominicanos, vindos da Espanha em 1510, a trabalharem em defesa dos índios.

As reflexões de Las Casas oferecem oportunidades para aprofundamentos dos acontecimentos do século XVI, que envolveram a vida e a morte da população indígena. Gutiérrez demonstra uma grande admiração pela história do século XVI, amplamente retratada através de mais de vinte anos de estudos e de trabalhos de pesquisas, destacando-se, sobretudo, a todos o contexto da época, que levou a inspiração de seu livro, “Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo”.

Gutiérrez, como Las Casas, também se viu diante dos “pobres de Jesus Cristo”, onde o interlocutor da história é o pobre, a “não pessoa”, o “não existente”, o “não valorizado”.

2.4 As Primeiras Sementes da Teologia da Libertação

No final dos anos 60 - como resultado de uma experiência viva e de fé libertadora - de um processo histórico que desnudou a pobreza do mundo, principalmente dos países da América do Sul, surgem as primeiras sementes da teologia da Libertação. Uma visão mais fiel da situação de miséria do povo pode ser constatada. Enriquecida pela esperança libertadora, a teologia da libertação só pode ser compreendida juntamente com uma realidade práxis libertadora que se realiza na história humana.

O grande propósito da Teologia da Libertação, desde sua fase inicial, foi ser uma teologia que, de um contexto histórico social concreto, isto é, baseado na pobreza existente na América Latina, propunha-se a realizar suas reflexões e sua trajetória existencial. Gutiérrez reconhece que os pobres sempre estiveram presentes e foram a preocupação da Igreja dentro das mais variadas formas de atuação; o compromisso, na maioria das vezes, surgiu através das grandes obras de caridade.

A Teologia da Libertação, desde a sua fase inicial, deteve-se na práxis e nas reflexões teológicas, com o objetivo da superação de um processo de exclusão que aniquilava a

⁶⁵ Frei Antônio de Montesinos, grande pregador. Os dominicanos (homens espirituais e muito amigos de Deus, conscientes da gravidade do assunto, elaboraram e firmaram um sermão que deveria ser pronunciado por frei Antón Montesino (assim é escrito o nome desse frade por Las Casas). A pequena comunidade dos Dominicanos na América Espanhola colonial reagiu contra a destruição dos índios, após um discernimento comunitário, e resolveram assumir uma posição clara. Encarregaram o frei Antônio de Montesinos de pronunciar um sermão por ocasião da Missa do 4º domingo do advento. O tema escolhido é a frase de João Batista: “Sou a voz que clama no deserto”. Convidaram as figuras notáveis, que se encontravam entre os presentes: os capitães espanhóis, o almirante Colombo, filho do próprio Colombo. Num dos trechos do sermão se referia ao pecado e à opressão: “Todos estais em pecado mortal e nele viveis e morrereis, por causa da crueldade e da tirania que empregais com essa gente inocente. Dizei: com que direito e com que justiça conservais em tão cruel e horrível servidão esses índios?”. GUTIÉRREZ, *ibid.* p (39-42).

população pobre, cujas consequências mais diretas eram em relação a fatores econômicos e sociais que levavam milhares de homens e mulheres à margem, à exclusão. As conclusões reflexivas denunciavam um sistema capitalista imposto pelos países desenvolvidos e poderosos.

No ano de 1965, no México, aconteceu um encontro com teólogos latino-americanos, onde Gustavo Gutiérrez estava presente, como também José Comblin e Juan Luis Segundo. O assunto proposto para o encontro era a necessidade de elaborarem uma reflexão teológica, que fosse ao encontro das necessidades reais da América Latina, sem ser meramente cópia da existente na Europa. Nesse mesmo ano, surgiu um livro com reflexões do Padre Raimundo Caramuru de Barros, trazendo uma das primeiras abordagens sobre o tema Comunidades Eclesiais de Base.

Um mês antes da Conferência de Medellín, em de julho de 1968, aconteceu uma Conferência na cidade de Chimbote, no Peru, onde Gutiérrez foi convidado a dar uma palestra. Solicitaram-lhe que abordasse o tema sobre “Teologia do Desenvolvimento”, ele negou-se, dizendo-lhes que falaria sobre a “Teologia da Libertação”, naquele momento, foram lançadas as primeiras sementes da Teologia da Libertação.

Conforme Gutiérrez, a Teologia da Libertação foi a primeira grande corrente teológica moderna de destaque e importância que saiu do contexto europeu; diz ainda que ela não foi um caminho paralelo à história e, sim, parte integrante dentro do sistema num contexto preciso: o dos povos latino-americanos empobrecidos.

O projeto da Teologia da Libertação não foi ser uma oposição à teologia europeia. Pode até ter havido de início certa tensão, mas a intenção, principalmente de Gutiérrez, foi mostrar que tanto a teologia produzida por teólogos europeus, como os da América Latina, ou outras partes do mundo, participa da mesma condição própria de cada teologia. Isso ele deixa transparecer com objetividade no livro a Teologia da Libertação, que seu projeto é um novo modo de fazer teologia e não simples tema a ser agregado aos demais.

Uma teologia não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se, no protesto diante da dignidade pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria da humanidade, no amor que libera, na construção de uma sociedade, justa e fraterna, ao dom do Reino de Deus.⁶⁶

Foi dessa forma que a Teologia da Libertação floresceu rapidamente, pois fora implantada num fértil terreno, que vinha sendo preparado através de situações históricas peculiares, muitas delas antecedentes ao Concílio Vaticano II. Aliás, este foi de fundamental

⁶⁶ GUTIÉRREZ, Gutiérrez. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. p.74.

importância por suas ideias renovadoras.

Cita-se também a encíclica *Populorum Progressio*, (Progresso dos Povos) do Papa Paulo VI, 1967 onde o papa solicita a cooperação dos povos, denuncia a vergonhosa desigualdade existente entre os países ricos e pobres, criticando o neocolonialismo e enfatizando que é um direito de todos os povos viverem bem e com dignidade. Combater a miséria e lutar contra a injustiça foi o seu maior apelo.

As reflexões que partiram da Teologia da Libertação estabeleceram suas bases juntamente com o crescimento dos movimentos sociais e populares de libertação dos anos 60, na sua grande maioria sob a inspiração socialista. Deve-se ressaltar a importância da experiência inovadora do educador Paulo Freire, com seu método de educação popular, influenciando no momento histórico dessa época. Experiências inéditas que surgiram com as CEBs⁶⁷ (Comunidades Eclesiais de Base) como os movimentos de educação conscientizadores. Entre eles cita-se: o MEB (Movimento de Educação de Base) da Ação Católica especializada, a JUC (Juventude Universitária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica) e a JOC (Juventude Operária Católica). Ação Católica especializada, em particular a JUC (Juventude Universitária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica) e a JOC (Juventude Operária Católica).

Foi todo esse conjunto de pensamentos e reflexões, que levaram esses grupos a ações práticas em prol dos problemas que atingiam a população como um todo, mas principalmente as menos privilegiadas. Foi um caminhar para o resgate da cidadania perdida dos pobres, abertura política, novas dinâmicas pedagógicas, que incluíam o respeito ao outro e a sua expressão religiosa.

Muitos apoiaram e aderiram ao novo projeto teológico. No entanto, a ala conservadora da Igreja se sentiu desconfortável com a idéia de “reduzir” o Evangelho a uma teoria social marxista, assim interpretada. O setor conservador tentou de todas as maneiras possíveis relegar os teólogos da libertação para as margens da Igreja e da Conferência Episcopal de

⁶⁷ Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres, ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960 em Nisia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, por outros. De natureza religiosa e caráter pastoral. Nas paróquias de periferia as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos, ou um grupo que se dá o nome de comunidade eclesial de base. É o caso de comunidades rurais onde um número grande de pessoas (cem, duzentas) se reúne aos domingos para celebrar o culto. São comunidades de pessoas que têm a mesma fé. Pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de convivência, de moradia, de luta por melhores condições de vida, de anseios e de esperanças libertadoras. São eclesiais porque congregadas à igreja, como comunidades de fé, são de base. São integradas por pessoas que trabalham por mãos próprias (classes populares), donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviço, na periferia urbana, na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares. Convivência. BETO, Frei. *O que é comunidade Eclesial de Base*. p.7.

Puebla (1979).

Mas o discurso teológico, empregado pelos teólogos da libertação, foi capaz de ser social e religioso. “A rica, agitada e criativa vida da Igreja latino-americana em seu esforço por responder ao desafio da nova presença dos pobres exigia um aprofundamento de sua compreensão da fé no Senhor Jesus”.⁶⁸

A intenção da Teologia da Libertação, dentro da dimensão social, era empregar todo o seu entendimento em prol da libertação, sempre sob a inspiração cristã. Mesmo assim, não foi entendida. Não foi poupada pelos críticos que a viam como um episódio social inaceitável.

Segundo Gutiérrez, nessa época houve um acentuado fortalecimento dos movimentos sociais, que se desenvolviam rapidamente, visando mudanças sociais e estruturais na sociedade. Um dos primeiros objetivos e de real importância era pensar na vida do seres humanos a partir da base, da periferia, dos excluídos. Seu ponto alto foi, sempre, a busca constante pela libertação de qualquer forma de opressão que maculasse a dignidade humana.

Assim, nesse ambiente cheio de atitudes renovadoras, mas também polêmicas, Gutiérrez não só implanta a expressão “Teologia da Libertação”, como exprime suas primeiras instituições, que ainda hoje são debatidas por teólogos de todas as partes.

Gutiérrez citando a *Libertatis Conscentia*⁶⁹ diz “se abre diante de nós uma nova fase da história da liberdade”⁷⁰, sem repetições, embora o aprendizado do passado seja tão importante quanto o que se pode absorver no presente, já que o contexto apresentado na América Latina é diverso do europeu. A teologia latina buscou a libertação das injustiças e a construção de uma nova sociedade, que primasse pela dignidade da vida humana.

No entanto, o autor está convicto de que só haverá libertação quando os próprios oprimidos estiverem conscientes de sua situação e possuírem voz para expressar livremente seu pensamento. “Aqui nos situamos em nível mais profundo: conceber a história num processo de libertação do homem, em que vai assumindo conscientemente seu destino”.⁷¹

Na visão de Gutiérrez, a libertação é um dom de Deus. “É para sermos verdadeiramente livres que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Ele destaca que o grande entrave para a libertação reside no pecado, pois ele é causa das injustiças e das opressões. Nele reside o desconhecimento de Deus e dos irmãos.

Com a Teologia da Libertação surgiu uma explosão de novas consciências cristãs que

⁶⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*, p. 26.

⁶⁹ Libertatis Conscentia – Congregação Para a Doutrina da Fé- Instrução sobre a liberdade cristã e libertação a liberdade cristã e libertação. Disponível em: <http://www.doctrinafidei.va/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html>. Acesso em: 05 jul. 2012.

⁷⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade vos Libertará*. p.143.

⁷¹ IBid. p.162.

se expandiu e abriu mentes e corações da Igreja. Um dos grandes desafios, para Teologia e para a Igreja, foi sua opção preferencial pelos pobres. Sua rejeição às estruturas que levam ao pecado, sua escolha incondicional ao Deus da vida e a determinação em encorajar novas formas de diálogo inter-religioso.

Foi uma época fértil, em que os desejos de renovação afloravam e com eles muitos clamavam por libertação. Nestes anos ocorreram fatos que marcaram a história da Igreja na América Latina. Um tempo histórico como falou Medellín. “Trata-se de termos bíblicos, de um *Kairós*, um tempo propício e exigente de interpelação do Senhor ao qual somos chamados a dar testemunho muito preciso”.⁷² Assim, a Teologia da Libertação surgiu na América Latina, não se restringiu somente a esse continente, espalhou-se pelo mundo, chegando à África, à Ásia e a algumas partes de países do primeiro mundo, onde são valorizados os direitos humanos e a solidariedade.

2.5 Método teológico e a espiritualidade

Se na Europa, sobretudo, na França começava-se um diálogo hermenêutico com a psicanálise, na América Latina a primeira urgência, foi o diálogo com as ciências Sociais e não apenas com a Filosofia, como era a tradição Escolástica e mesmo com as filosofias modernas.

O predominante até o final dos anos sessenta do século vinte, na América Latina e no Caribe, consistia em sintetizar os pensamentos estrangeiros, mais especificamente europeus. Gutiérrez criou então um método teológico, que diferia muito dos até então aplicados. Criou um método onde englobou os pobres e oprimidos, os ausentes da história.

Para ele, o requisito indispensável, para que se possa ter uma compreensão plena e sadia da fé, encontra-se no compromisso e na luta dos pobres para que eles possam obter uma vida justa, isso não é uma questão de método. “Estamos falando de um modo específico de entender o que significa ser cristão”.⁷³

Para explicitar seu método ele faz uma distinção entre os dois momentos, que ele denomina ato primeiro e ato segundo, que consiste no ponto chave de seu o método teológico, ou seja, em todo o procedimento que deve ser seguido, (método, do grego *hodós*, caminho) para que possa existir uma reflexão autêntica à luz da fé.

Na perspectiva de Gutiérrez, o ponto alto não se encontra especificamente na questão

⁷² GUTIÉRREZ, Gutiérrez. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. p.15.

⁷³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A densidade do presente*. p.78.

metodológica escolhida, mas na forma da condução da vida, “ implica um estilo de vida, uma maneira de ser e de fazer-se discípulo de Jesus”.⁷⁴ Faz referência ao livro dos Atos dos Apóstolos, nas primeiras comunidades cristãs, onde por repetidas vezes se encontra o termo caminho como a forma de ser seguida a vida cristã por eles. Sendo que o termo é usado de forma plena, num sentido direto, absoluto. “Seguir o caminho é ter uma conduta”.⁷⁵ Explica que o termo grego *hodós* possui um duplo significado, quer dizer conduta e caminho.

Dessa forma, Gutiérrez entende o que é ser cristão, ou seja, pelo estilo de vida, pelo comportamento, pelo testemunho. Tudo isso faz com que as pessoas cristãs sejam diferentes, por exemplo, dos que pertencem ao mundo judaico, ou pagão. Ser cristão é evidenciado no pensar, na conduta, no agir, “no caminhar segundo o Espírito”. (Rm 8,4).

Ele vê, no caminho para ser cristão, todo o fundamento e direção para que se possa fazer teologia. Costuma dizer com extrema convicção: “Nossa metodologia é nossa espiritualidade”⁷⁶, referindo-se ao modo, à forma de ser cristão. Para ele não existe outra maneira de refletir o mistério de Deus, que não seja seguindo os passos de Jesus, pois o caminhar segundo o Espírito é a forma indispensável para poder apregoar a gratuidade do amor do Pai.

Entende essa relação entre vida cristã e método teológico como um dos fatores decisivos, para que as comunidades eclesiais de base tenham atingido tantos agentes de propagação teológica. Um ponto determinante e fundamental reside na conversão; segundo ele, não existe vida cristã, sem passar por esse processo. Diante da conversão, o cristão necessita de uma atitude de vida, de uma mudança, uma ruptura com o pecado pessoal e social, a partir daí possui condições de trilhar outro caminho.

Converter-se implica desligar-se de si próprio, ingressar no “caminho do outro, do próximo e numa condição especialmente do pobre em que encontramos o Senhor”.⁷⁷ E essa passagem ou entrada no mundo do pobre não é um processo fácil, é muitas vezes penoso e longo. Mas, justamente onde a dificuldade é maior, a Teologia deve ser mais atuante. Essa ação, além das dificuldades inerentes, inclui riscos quando a falar-se sobre o Deus da vida, “significa lançar um desafio, radical, a uma realidade que traz impressa a marca da morte e da injustiça”.⁷⁸

Outro ponto imprescindível é o ato de fé, não como uma simples aceitação intelectual

⁷⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vós Libertará*. p.18.

⁷⁵ *Ibid.*, p.19.

⁷⁶ *Ibid.*, p.20.

⁷⁷ *Ibid.*, p.20.

⁷⁸ LIBANIO, João Batista. *Teólogos do Século XX*. p.52.

à mensagem, mas sim, numa entrega total ao dom da Palavra que foi escutada na comunidade eclesial, recebida como um verdadeiro encontro com o Senhor e com o irmão. Assim, o acolhimento da Palavra possui um grande significado, que é torná-la vida através do gesto concreto.

Gutierrez entende que o seguimento a Jesus retrata o cristão, mencionando que na América latina, através das lutas pela libertação para todos, em função do amor e da justiça, aconteceu um novo caminho para o seguimento de Jesus. O autor o descreve na forma de espiritualidade germinal. “Espiritualidade em germen que, por essa mesma razão, ainda escapa a um plano preciso, à tentativa de identificá-la e reuni-la em poucos traços característicos, mas que, nem por isso, é menos real e promissora”.⁷⁹

Para o autor, a importância e urgência da espiritualidade, se traduz como viver o Evangelho de forma plena e testemunhá-lo. Na relação bíblica, esse seguimento constituiu uma trajetória comunitária do povo que se colocou a caminho. E esse também foi o caminho do povo pobre na América Latina.

2.5.1 Comunicar Deus

Conforme Gutiérrez, um dos grandes desafios para a reflexão teológica na América Latina é encontrar uma forma adequada para falar de Deus, principalmente diante da situação de miséria, sofrimento e exploração em que vive a maior parte da população. “Raças, desprezadas, classes sociais exploradas, culturas marginalizadas mulheres discriminadas”.⁸⁰ Era urgente e necessário uma forma de falar que viesse carregada de sentimentos de esperança, que estimulasse o povo, que não o deixasse cair no desânimo, pelo contrário, animasse-o a buscar a libertação. Era a consciência, segundo o autor, que a compreensão da fé se alimentava daqueles contextos de sofrimentos e alegrias, de incertezas e certezas, de entregas e também de ambiguidades.

Assim, o grande desafio residia em: como conseguir narrar Deus, principalmente para os pobres e oprimidos? Ele deduz que na perspectiva da Teologia da libertação, o primeiro passo para se contemplar a Deus, seria aceitar sua vontade; num momento posterior então pensar a respeito dele. O autor quis transmitir que o respeito a Deus e a atualização de seu projeto eram condições indispensáveis para haver uma reflexão sobre Ele, concluindo que somente a partir da prática onde estão incluídos contemplação e compromisso seria possível

⁷⁹ LIBANIO, João Batista. *Teólogos do Século XX*. p.53.

⁸⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. p.72.

compor uma pregação autêntica e reverente sobre Deus.

Na ótica de Gutiérrez, contemplação e compromisso são condições determinantes da prática cristã, por isso nunca se deve abster. “O mistério revela-se na oração e na solidariedade com os pobres: é o que chamamos de ato primeiro, a vida cristã; só depois essa vida pode inspirar uma reflexão, o ato segundo”.⁸¹

Para o autor, o ato da contemplação e do compromisso é composto conjuntamente, o que ele denominou de silêncio diante de Deus. Mas esse momento é de extrema importância para o esclarecimento posterior, que resulta no discurso teológico, que significa o falar sobre Deus. Assim, por mais que se tente exprimir com palavras o mistério de Deus, as experiências vividas diante Dele tornam-se limitadas pelo recurso da linguagem, o que pode ser um ganho, pois a torna mais modesta e fecunda. Gutiérrez entende assim, que a “a Teologia é uma fala enriquecida pelo silêncio”.⁸²

Através da linguagem da contemplação foi possível perceber, sentir, o amor gratuito de Deus. Assim como na linguagem da profecia existe a possibilidade da denúncia, de tornar nítido o escondido, o que é encoberto, o que seria confortável, para muitos, em função da exploração e do poder.

Gutiérrez vê de fundamental importância o entrelaçamento dessas duas linguagens contemplação e profecia, uma completando a outra. Pois, segundo ele, sem profecia a linguagem da contemplação pode ficar alienada, ou seja, não participar da história onde Deus atua e que se encontram os seres humanos. E sem a linguagem da contemplação, da mística, a linguagem profética pode se esvaziar, perder a percepção verdadeira.

Conforme o autor, as duas linguagens pretendem trazer a missão de comunicar o dom do Reino de Deus, revelado na vida, morte e ressurreição de Jesus. Para ele, aí se encontra o núcleo da mensagem que redescobriram, partindo da realidade, que os convocou como comunidade, como Igreja, onde foi pensada a fé.

2.5.2 Pobreza: uma condição humana complexa

A modernidade carrega consigo um grande desafio à fé: a pobreza. Segundo Gutiérrez, é igual à morte. Por isso não se pode estar com os pobres, sem lutar contra a pobreza. Este é um dos motivos principais da opção preferencial pelos pobres. O amor de Deus é universal e preferencial.

⁸¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. p.18.

⁸² Idem.

Gutiérrez, dois anos depois do Concílio vaticano II, do qual participou, abordou a questão da pobreza diante dos estudantes da Universidade de Montreal no Canadá, distinguindo pela primeira vez três dimensões da pobreza: a pobreza “real” de todos os dias-ela não é uma fatalidade, explica, mas, sim, uma injustiça; a pobreza “espiritual”- “sinônimo de infância espiritual, consiste em colocar a própria vida nas mãos de Deus, sem nada fazer, sem agir; a pobreza como “compromisso”- ela leva a viver em solidariedade com os pobres, a lutar com eles contra a pobreza, a anunciar o Evangelho a partir deles.

Segundo o autor, buscar os pontos cruciais da pobreza, inevitavelmente, é falar das injustiças sociais. Os maiores temores vieram com a tomada de consciência, sobretudo com o surgimento de organizações dos setores pobres. Esse foi um grande desafio para o trabalho pastoral, como também um enorme compromisso das igrejas cristãs.

Dessa forma, as reflexões teológicas, conscientes dessa situação, derivaram das ações práticas e concretas pela justiça, ao mesmo tempo em que denunciavam os fatores que contribuíram para o estado de pobreza de grande parte da população da América Latina e do Caribe. O desafio inicial, o grande chamado para essa situação de miséria, que assolou o mundo nas últimas décadas, foi fortemente evidenciado, através da força das reflexões teológicas surgidas na América Latina.

Reflexões ecoaram por todos os lados, chamando atenção para a situação de miséria do povo e, na sua grande maioria, cristãos. Estes fatos de miséria do continente foram denunciados pelas conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) como desumanos e antievangélicos, mas sua abrangência vai além do continente latino- americano. Ela atinge patamares universais, chegando a ser alarmantes.

Sobrino se refere à pobreza como não sendo um fenômeno natural, como muitos pensam, uma mera carência de bens, ela se situa como um fenômeno histórico de empobrecimento. “A pobreza é, então, dialética: há pobres porque há ricos, e há ricos porque há pobres”.⁸³ Falando teologicamente, ele coloca que os pobres, hoje, assemelham-se ao servo sofredor de Javé. Onde também existe quem não queira ver, e voltando os olhares, pois eles causam mal-estar, repugnância; mas “são empobrecidos e aniquilados pelo pecado dos poderosos e arcam literalmente com esse pecado”.⁸⁴

Gutiérrez salienta que essa tomada de consciência deixou transparecer a derradeira vida dos povos e das suas gritantes necessidades. E, dentro desta ótica, foram colocados todos os esforços: primeiro, para compreender as causas, depois, na busca de solução de seus

⁸³ SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da Liberdade*, p. 189.

⁸⁴ *Ibid.*, p.190.

problemas. Ele entendia como missão, como um chamado do Senhor, para anunciar devidamente o Evangelho.

Segundo o autor, foi uma época complexa, os teólogos latino-americanos entenderam que o instrumento necessário para banir essas condições desiguais se encontrava na ruptura das condições sociais, que levavam à marginalização e à opressão das classes pobres do continente.

A experiência de agir em prol das classes oprimidas foi de extrema importância. A partir dela, Gutiérrez e os teólogos da libertação puderam avaliar melhor a complexidade do problema que existia no mundo, em especial dentro do continente latino- americano.

Adentrar na realidade socioeconômica foi fundamental. Pois somente através dessa importante avaliação foi possível ter a certeza de que aquela forma de pobreza era sinônimo de morte, total desrespeito à dignidade humana, impondo limitações à liberdade pessoal nos mais diversos campos de atuação: o político o social e inclusive o religioso.

Gutiérrez, citando o cardeal de Landázuri⁸⁵, fala do sofrimento de carregar a cruz, o que “não é apenas suportar as penas inevitáveis, mas é assumir os sofrimentos derivados da luta contra injustiça e contra a opressão. “É sofrer para tentar mudar o que Medellín chamou de situação de pecado, situação de violência institucionalizada”⁸⁶, pois os problemas expostos à luz do dia trouxeram enormes penas que derivaram em suspeitas, calúnias, ataques sistemáticos, perseguições à própria Igreja, prisões, torturas, exílio, mortes.

Viver na extrema pobreza era ser atingido por um sofrimento diário e lutar pela defesa desses direitos, o que, muitas vezes,carrega sofrimentos de morte. Foi necessário vencer muitos obstáculos e resistências para tentar mudar a situação de miséria antievangélica que abrangia toda a América Latina.

Gutiérrez salienta que a pobreza, com toda a sua complexidade, não é somente um problema social. Trata-se, sobretudo, de uma questão humana, que provoca e pede respostas à consciência cristã, por isso ela é sempre um grande desafio à reflexão teológica. Pois, segundo ele, a função da Teologia está intimamente ligada ao serviço cristão, seguindo Jesus, que

⁸⁵ A Igreja latino-americana se fez adulta em Medellín, e isso se deve muito à atuação de Landázuri. A presença do cardeal em Puebla também foi decisiva para conciliar os espíritos e avançar na linha da opção preferencial pelos pobres. Landázuri se mostrou prudente em relação aos diversos governos do Peru, mas atuou com determinação na defesa dos trabalhadores e dos direitos humanos. Denunciou o desaparecimento de presos e o encarceramento de inocentes. Gutiérrez lembra que o cardeal teve uma participação decisiva na vida da Igreja peruana. Foi um grande amigo de Deus e das pessoas. "Não é atrevimento dizer que ele era tido como uma das pessoas mais queridas do país". PEACELINK. *O adeus de um homem bom: Morre Landázuri o cardeal dos pobres*. Revista Sem Fronteiras, n. 249, abril, 1997. p. 28. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/news/semfro/249/sf249.html>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

⁸⁶ (Paz,n.1),apud. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no Próprio Poço*. p.141.

chamamos espiritualidade, e a serviço da tarefa eclesial do anúncio do evangelho. É uma reflexão teológica que vem permeada do atuar cristão, com seu testemunho e sua fidelidade aos ensinamentos de Jesus.

2.6 A História narrada a partir do seu reverso

Uma leitura da Teologia a partir do reverso da História traz um panorama das primeiras intuições da Teologia da Libertação. Menciona os métodos adotados, a história narrada pelo seu reverso e destaca a pobreza como condição desumana; é uma reflexão que emergiu na Igreja, principalmente dentro do continente Latino Americano. Acontece, nesse período, a “irrupção dos pobres”, os “ausentes da história” que despontam, trazendo à tona sua presença.

Assim, refletir a fé, a partir do reverso da História, surgiu de uma nova visão de fazer Teologia, que apontava para a situação de miséria, de opressão, onde a pobreza significava morte causada pela fome, doença, repressão, imposta por parte dos poderosos. Além da morte física, soma-se a morte cultural, pois é parte do sistema opressor banir tudo que dá força e unidade aos oprimidos.

Gutiérrez, partindo de observações da vida prática, apoiando-se no Evangelho e em aspectos bíblicos, sentiu que era necessário e urgente conhecer a pobreza em que vivia a grande maioria da população, como conhecer as causas que a ocasionaram para poder situar-se na perspectiva exigida pela liberdade, mas sempre à luz da palavra de Deus. Conforme Libanio, “ele se aproximou do estilo de teologia bíblico-profético, onde existia a denúncia e a comunicação”.⁸⁷

A emergência de um processo de libertação na América Latina era sentido em todos os lados. Espalhou-se entre os setores que se sentiam ameaçados e explorados, esse mal-estar já estava acontecendo, antes mesmo que a Teologia da Libertação se estruturasse como órgão pensante.

A percepção da real situação de um subcontinente explorado e extremamente dependente do domínio dos poderosos, ou seja, de países desenvolvidos, um continente onde os habitantes eram um povo pobre, oprimido, explorado e religioso, “submetido a regimes injustos sob o signo da dominação capitalista, é um fato que apela diretamente a uma conscientização, da Igreja e dos cristãos em nome do evangelho”.⁸⁸ Desta forma, a

⁸⁷ LIBANIO, João Batista. *Teólogos do Século XX*. p.27.

⁸⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Densidade do Presente*. p.11

neutralidade diante de contextos sociais injustos não podia mais fazer parte do ser cristão, pois diante disso corria o risco de neutralizar a sua fé. Então era urgente e necessário repensar a fé.

A teologia cristã cultivada na América Latina, é fruto do pensamento no sentido mais radical da palavra: “pensar” como cuidar de feridas, como fazer curativos. Não é, portanto, um pensamento mera ou presentemente objetivo, neutro, reduzido á endogenia incestuosa de bibliotecas, nem meramente cuidadoso com a ortodoxia da doutrina ou reduzido ao devido obséquo á tradição e ao Magistério eclesiástico. é um cuidar de feridas provocadas pela violência, mas há também feridas de amor, de toque de paixão.⁸⁹

Segundo Gutiérrez, a inquietação dentro do continente crescia, muitos bispos ficaram conscientes da situação alarmante com o advento do Concílio Vaticano II, onde foi declarado o estado deplorável do povo e que era resultado de estruturas injustas; assim, sentiram que não poderiam mais ficar inertes. Dom Hélder Câmara dizia que “O problema número um da América Latina não é das vocações sacerdotais, mas o do subdesenvolvimento”.⁹⁰ Havia a convicção da necessidade da transformação da sociedade, em que a prioridade fosse a defesa da vida e da liberdade.

Mesmo diante dessa fase atribulada e conflituosa, a Teologia da Libertação nunca deixou de estar em continuidade com os ensinamentos da Igreja. A opção pelos pobres possuiu sua base fundamentada no próprio mistério de Deus. “A atuação de Jesus visava dar testemunho de amor ao Pai por todo o humano através do histórico, conflitivo e preferencial amor pelos pobres”.(Lc 4,16-20)⁹¹ Quando Jesus assinala a bem-aventurança dos pobres (Lc 6,20) ele está, sobretudo, revelando o significado do Deus da vida, de seu desígnio de defensor e protetor dos pobres.

Na visão de Inacio Ellacuría e Jon Sobrino, o seu maior aprendizado da Teologia da Libertação partiu da prática do povo latino- americano, das comunidades cristãs de base, dos pobres e oprimidos. O discurso teológico crítico que evidencia as questões tradicionais como pecado, salvação, Igreja, cristologia, sacramentos etc., não nega o pecado em si, por sua realidade histórica concreta, citando como exemplo a dependência, que exige uma exigência de reflexão teológica crítica concreta. Assim, para fazer uma análise crítica fundamentada em elementos reais e plausíveis, foram usados dados concretos das ciências sociais.

Anteriormente, na história da Teologia, nunca houve a solicitação diante desses instrumentos de análise, mas o faz, assumindo as exigências da fé, procurando distanciar-se e evitar o economicismo, o materialismo dialético ingênuo, o dogmatismo abstrato. Vê no capital, ou seja, na má distribuição de bens, o pecado, pois gera bolsões de pobreza. Mas não

⁸⁹ SUSIN, Luiz Carlos. *Sarça Ardente*. in.”Sarça ardente” em Teologia: um caso de paixão e pensamento. p.11.

⁹⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Densidade do Presente*. p.12.

⁹¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. p. 135.

se fixa somente em alternativas políticas, pois essa não é a função da teologia. Entra em diálogo com os partidos e movimentos sociais com a finalidade de compreendê-los.

Uma teologia não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se, no protesto diante da dignidade pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria da humanidade, no amor que libera, na construção de uma sociedade, justa e fraterna, ao dom do Reino de Deus.⁹²

Com essa formulação a Teologia da Libertação repetiu ações proféticas. Assim como os profetas de todos os tempos, também foi perseguida e, muitas vezes, não compreendida. Ouviu-se a voz dos profetas do presente, juntaram-se com os do passado, no clamor pela justiça e pela vida. “Oh! Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que são enviados”. (Lc 13,34).

Foi um tempo de muitos conflitos, muita dor, mas também foi privilegiado, em que os teólogos libertaram suas consciências, deixaram as cortinas abrirem-se para, no palco da vida, surgir a história real de um povo sofrido que, por muito tempo ficou encoberta, principalmente por parte dos historiadores oficiais, como também de muitos teólogos historiadores cristãos. Ambos não perceberam ou ignoraram os fatos, como se eles não existissem.

Conforme Faustino Teixeira foi através da Teologia da Libertação que surgiu um novo jeito de ser Igreja, imbuído pela participação ativa dos pobres e dos leigos; que mostrou de forma eficaz e viva o vínculo entre libertação e salvação e que colocou no centro da história o projeto de afirmação do Reino de Deus. Tudo a partir do compromisso da supressão das injustiças, onde fosse possível a construção de uma sociedade nova, com uma participação ativa e eficaz das classes sociais exploradas.

Na visão de Gutiérrez e dos teólogos da Teologia da Libertação, ela foi acolhida com entusiasmo, com simpatia e esperança por uma grande parcela da população cristã, ocasionando muitos testemunhos e experiências cristãs. Houve um grande aumento da produção intelectual advinda do interesse pela reflexão teológica inovadora, até então desconhecida na sociedade americana. A consciência de uma nova etapa, onde imperava a necessidade do povo e entendê-lo como um chamado do Senhor de anunciar o Evangelho são compreensões claras desde seu despontar. “Ambas estimulam esta reflexão, exigindo dupla fidelidade: ao Deus de nossa fé e ao povo latino-americano”.⁹³ A partir dessa compreensão exigente de dupla fidelidade, não era mais admissível separar o processo histórico libertador do discurso sobre Deus.

⁹² GUTIÉRREZ, Gutiérrez. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. p.74.

⁹³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação. Perspectivas*, p.12.

Porém, com o passar do tempo, esse esforço teológico vai sofrendo quedas e críticas acerca dessa nova forma de reflexão teológica. Também se fizeram presentes aqueles que depois do entusiasmo inicial, não partiram para um pensamento sólido, e seus entendimentos não passaram de formulações simplistas, ou algumas vezes, interpretações errôneas. No decorrer do contexto aconteceram também muitas resistências, das mais diversas formas.

Para Gutiérrez, mais importante do que analisar atitudes e responsabilidades de outros, foi perceber a dificuldade em tratar de temas tão conturbados, que exigiam respostas e a Teologia como uma reflexão crítica não poderia ficar alheia, “conflitivos como a realidade que queremos penetrar com os olhos da fé encontrar sempre as fórmulas mais claras e equilibradas para refletir teologicamente sobre elas”,⁹⁴ Diante dessa realidade, os grandes debates teológicos se fizeram mais presentes e atuantes.

Foram momentos de grande enriquecimento, de importantes reflexões, de profunda renovação. Dentro dessa nova mentalidade aumentavam as reivindicações em prol da justiça, contra a desigualdade humana e a pobreza assustadora. Mas no meio desse contexto também existiram os conservadores e, a partir deles, surgiram muitos conflitos, muitos de forma extremamente dolorosa. Todavia, foi uma época propícia, de profunda fidelidade à Igreja, onde sobressaiu a solidariedade com os pobres, os privilegiados do Reino.

Com o advento da teologia da libertação, tornou-se perceptível uma nova forma de ser Igreja com a participação ativa dos pobres e de leigos que se fizeram presentes. A Teologia da Libertação apontou, de maneira viva e eficaz, uma ligação existente entre libertação e salvação, evidenciando a afirmação do Reino de Deus.

Muitos teólogos de todos os cantos, até em âmbito internacional, captaram o significado da nova experiência profética. Dessa forma, o teólogo Gustavo Gutiérrez não poupou esforços para difundir as novas ideias, o fez por todo o continente latino-americano, como também fora dele. Atribuiu-se em termos bíblicos, a Teologia da Libertação como um novo “Kairós”, um tempo especial e exigente de interpelação do Senhor, onde os cristãos são convocados a trabalharem em prol de um mundo mais justo; mesmo atravessando momentos de grande tensão, as perspectivas apontavam para a esperança, para a solidariedade.

Nesse período aconteciam, em todo continente latino-americano, as lutas populares em prol de emancipação. Essas organizações desejavam dar um basta à exploração. E, no confronto entre formas de organização política, capitalista e comunista, a Teologia da Libertação solidificou o pensamento, já articulado durante o Concílio Vaticano II, sobre a

⁹⁴ Idem.

opção preferencial pelos pobres. “A Teologia da Libertação é exatamente o contrário de uma ponta de lança da perspectiva secularizante, ou de um cristianismo burguês na América Latina”.⁹⁵ Assim, entre enfrentamentos e oposições muitas vezes cruéis, as massas pobres do continente buscaram reaver suas raízes culturais, religiosas e políticas.

A reflexão teológica que emergiu na Igreja principalmente dentro do continente Latino-Americano, constituiu um dos fatores históricos de mais destaque das últimas décadas, tanto no mundo eclesial como no laical. Reportar-se à teologia na América Latina é colocar o pensamento direcionado para a teologia da libertação, pois ela se apresentou na história do continente, como uma reflexão própria e mostrava à situação dos pobres, com a realidade pensada a luz da fé e da teologia.

Segundo Gutiérrez, desde o início da colonização, com a inserção dos países latino-americanos no mundo capitalista, iniciou-se uma aparente nova forma de estrutura social, surgindo a utopia liberal, composta de uma organização política que procurava seguir o caminho dos países desenvolvidos. E o resultado foi uma grande opressão por parte dos capitalistas, pois a utopia de liberdade vigente favorecia apenas alguns setores da sociedade, alguns grupos dominantes, em gritante contraste com os setores mais desprovidos de recursos materiais, culturais e sociais, ou seja, os pobres, incluindo índios, negros, mestiços.

Durante muito tempo os grupos dominantes estavam divididos entre liberais e conservadores. Os primeiros eram os intelectuais e progressistas, sempre adeptos a copiar as ideias vindas da Europa e dos Estados Unidos. Visavam ao interesse dos comerciantes e financistas, queriam vencer o “atraso e a barbárie” do povo pobre. Os segundos, ou seja, os conservadores, situados numa zona de conforto, procuravam prolongar por mais tempo possível o modelo econômico da época colonial, ligados aos grandes latifundiários e à Igreja Católica.

Esse cenário acontecia com maior intensidade na Europa, mais especificamente na Inglaterra, que era o centro de decisões econômicas, políticas e sociais. Mas o cenário mudou e a Inglaterra foi perdendo terreno para os Estados Unidos, passando esse a ditar as regras para o mundo. Na América Latina os países reproduziam os acontecimentos vindos do exterior, como se todo um continente precisasse ser guiado pelos pensamentos advindos de fora. A ganância das classes dominantes dos poderosos países capitalistas parecia insaciável. O resultado era o aumento inexorável da exploração, onde quem mais sofria as consequências eram as classes pobres da América Latina. Um dos fatos tristes dessa história foi perceber que

⁹⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade vos Libertará*, p.142.

o novo panorama vinha com máscaras utópicas, ilusórias, sobre liberdade política e modernização.

Para Gutiérrez, a história oficial pouco comenta a respeito dessa situação, como tantas outras acontecidas, no território americano, por exemplo a violência das “conquistas” ocorridas no continente. Porém, pouco a pouco, há recuperação de sua memória, onde se sobressaem as lutas pela libertação no continente. Desta forma, vê-se que desde o início das conquistas os povos indígenas, assim como os escravos negros, rebelavam-se contra seus dominadores.

Os negros, índios e mestiços encontravam nas próprias mensagens evangélicas razões suficientes, para insurgirem-se contra seus dominadores. Isso se deve a enfoques diferentes da ortodoxia tradicional, “mas, muitas vezes, essa leitura encontrava em profundidade o sentido da justiça presente na Bíblia”.⁹⁶ Seguiram-se também as lutas das camadas populares, como camponeses, trabalhadores de minas, operários urbanos.

No final do século dezenove surgem as primeiras organizações sindicais. No começo do século XX, entre os operários e intelectuais, sobressaem-se ideais do socialismo, que tiveram grande contribuição na organização de centrais dos trabalhadores e também, paralelamente, de constituição de partidos políticos.

Após a metade do século vinte, cresceu uma nova consciência na América Latina. Assim, surge uma nova presença, que salienta o mundo do outro: o pobre o oprimido, a classe explorada. “O outro da sociedade, as classes exploradas, as culturas oprimidas, as raças discriminadas, começa a se fazer ouvir sua própria voz”.⁹⁷ A partir de então, um número cada vez maior de cristãos tornou-se participante desse processo, entre eles um grande número de brasileiros, e paulatinamente a quase totalidade dos países latino-americanos.

Assim, nas décadas de sessenta e setenta, muitos cristãos começaram a assumir o processo de libertação popular, com massiva inserção nas lutas populares pela libertação, representando o início de uma nova fase na história contemporânea. Basicamente provinham das próprias classes populares, mas também de outros setores sociais. Verificava-se consciência e identificação precisa a respeito de seu objetivo: o resgate dos oprimidos do continente.

Esse foi um fator decisivo que levou a matriz de todo esforço da Teologia da Libertação. Não haveria razão de ser, nem de existir, se não estivessem em primeiro lugar esses requisitos, ou seja, a busca da libertação das injustiças, que ocasionam segundo

⁹⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. p. 276.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 277.

Gutiérrez, o pecado e a ruptura com Deus. Assim, a práxis libertadora derivada das classes populares, tanto no setor social como no político, e até na consciência cristã e teológica, buscou resgatar os oprimidos da exploração.

Conforme Gutiérrez, no ano de 1965, ocorreu o ponto alto desse processo que já vinha de longa data; ele foi marcado pela luta armada no continente. As figuras de Camilo Torres e Che Guevara destacaram-se no continente. Eles, a exemplo de tantos outros nomes, deram suas colaborações, suas vidas, em prol da justiça.

No ano de 1969, Gustavo Gutiérrez esteve no Brasil, onde o clima reinante era de intensa apreensão e medo, viviam-se então as horas mais escuras da ditadura militar. Ele encontrou estudantes, militantes da Ação Católica, padres, cujos testemunhos serviram para o enriquecimento de sua reflexão que, pouco depois, repercutiu na sua obra fundamental: *Teologia da Libertação*. Gutiérrez conta que os pobres do Brasil e da América Latina como um todo começavam a se fazer ouvir.

Diante desse contexto, narrado por Gutierrez, foram muitas as atitudes tomadas diante da Teologia da Libertação, houve hostilidade clara e determinante por parte de alguns setores e desconfiança em muitos outros, “mas há também as observações e críticas de caráter diverso, que provêm de um horizonte diferente: a ala mais avançada da teologia progressista”.⁹⁸ Foram momentos de grande tensão quando tentaram, conforme Gustavo, invadir o terreno da prática, ou seja, advindos da reflexão práxis, o que causou discussões teológicas acirradas com as mais diferentes posições. “A pretexto de ortodoxia e de fidelidade ao magistério eclesiástico, fazem parte da reação de defesa de uma ordem social, que sentiu suas bases abaladas e que mais uma vez apela para a religião para fortalecer suas posições”.⁹⁹ Restou em tudo isso muita hostilidade e ataques contra a Teologia da Libertação.

Mesmo diante da turbulência reinante, os movimentos populares foram se afirmando, através de suas conquistas, aprendendo com os fracassos. De grande importância foi o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).¹⁰⁰ Houve, nessa época, muito sangue derramado por parte de quem lutou pela justiça. Foi nesse contexto que nasceu e amadureceu a Teologia da Libertação.

Espalhou-se uma nova força massiva, que gritava por justiça e libertação, sobretudo os

⁹⁸ Cf. a carta aberta de J.Moltmann, carta aberta a J. Miguez Bonino, março de 1975 apud. GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*, p. 246.

⁹⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ibid.*, p. 246.

¹⁰⁰ CEB's - Comunidades Eclesiais de Base são comunidades porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, vivem em comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas de esperanças libertadoras. São eclesiais, porque estão congregadas na Igreja, são de base, porque são integradas por pessoas que trabalham (classes populares). BETO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. p.7.

povos que não escondiam sua condição de pobreza material, fruto da exploração. Assim, a irrupção dos pobres foi acontecendo e se expandindo pelo continente massacrado há séculos, e veio a percepção que “o povo pobre e oprimido que fez história é um povo ao mesmo tempo oprimido e cristão”.¹⁰¹ Fato esse que se torna o grande desafio para a Igreja. Opressão e cristianismo: como tratar esse assunto?

São dois aspectos, opressão e cristianismo, de um único povo. Isto significa que não se pode como alguns prenderam levar em conta um aspecto sem relacioná-lo a outro. O caráter cristão do povo latino americano está marcado pela condição de opressão em que vive. E, inversamente sua fé sela a experiência da injustiça que sofre, assim como a busca dos caminhos para libertar-se dela. Essa afirmação não elimina a diferença existente entre as duas dimensões, mas destaca como elas se apresentam na vida concreta do povo.¹⁰²

Foi uma inquietação da Teologia da Libertação, desde a sua fase inicial: a recusa, tanto de um espiritualismo desencarnado que somente eleva a dimensão religiosa do povo, sem se preocupar com as condições materiais de sua vida, agindo da mesma forma que as iniciativas políticas que vê as questões econômicas e sociais como urgentes, não levando em conta as possibilidades e exigências da fé cristã.

Na ótica de Gutiérrez são dois reducionismos prejudiciais, pois ignoram na íntegra a mensagem cristã e a vida concreta do povo. Negam-se a ver e participar do grande desafio que é alcançar o caminho do Senhor no pobre de hoje. Isto significa negar-se a viver uma fé plena de esperanças, de alegrias, na solidariedade aos oprimidos, compartilhando suas lutas, com a finalidade de uma libertação plena.

A irrupção dos pobres se deve, em grande parte, aos movimentos populares que despontaram naquela época. Dentro da sua organização, foram despertando a consciência ética da sociedade. Num continente que era denominado de “Terceiro Mundo”.¹⁰³ Gutiérrez, ao se referir aos documentos de Puebla e Medellín, com relação à pobreza, diz que não era uma pobreza de palavras abstratas, fabricadas, fazendo uma espécie de jogo entre a Bíblia e os seres humanos. Pois os documentos evitaram uma linguagem que não expressasse o pensamento de forma clara e precisa. Então, quando se referem à pobreza, estão referindo-se à pobreza material mesmo.

Os pobres, para Gutiérrez, são vítimas na ordem econômica, social e política que os

¹⁰¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. p.22.

¹⁰² *Ibid.*, p.23.

¹⁰³ Em 1955, na Conferencia de Bandung, representantes de vários países de todos os continentes afirmaram a existência do Terceiro Mundo. O Primeiro Mundo eram os países capitalistas ricos. O Segundo Mundo eram os países socialistas. O Terceiro Mundo era o resto dos países, que eram todos pobres e dependentes economicamente. Terceiro Mundo era composto pelos países da América do Sul, o continente africano, em sua totalidade, e parcela da Ásia e Filipinas. Esses formavam os países neutros, não se posicionavam em relação a nenhum dos grandes blocos: *Capitalista e Socialista. Países Emergentes*. Disponível em: <<http://países-emergentes.info/>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

marginalizam. Mas a vida e a reflexão da Igreja dentro do contexto latino-americano entraram numa nova fase, como diz Gutiérrez: “estão marcados pelo que podemos chamar a irrupção dos pobres, ou seja, aqueles que até agora estavam “ausentes” da história se fazem pouco a pouco “presentes””.¹⁰⁴ Dessa forma essa nova presença repercutiu diante das lutas populares pela libertação, devido a importância histórica que ela alcançou. Esse fato pode ser percebido também no interior da Igreja, onde os pobres se fizeram ouvir e puderam refletir sua fé em seus próprios termos.

Mesmo estando no meio de injustiças, o povo na sua fé se fortifica e busca caminhos da libertação. Mas a Teologia da Libertação na sua preocupação fundamental faz análise da realidade concreta.

O autor, quando fala na perspectiva do pobre, refere-se às classes exploradas, raças marginalizadas, culturas desprezadas, que o levou a fazer uma ligação com o pobre no sentido bíblico. Dizendo ele que “o pobre aparecia como chave para a compreensão do sentido da libertação e da revelação do Deus que liberta”.¹⁰⁵ Ao se ter o entendimento de que a teologia é uma reflexão a partir da práxis, no caso da Teologia da Libertação, esta reflexão se refere à libertação dos oprimidos desse mundo.

Para Gutiérrez, a história humana é o lugar por excelência do encontro dos seres humanos com o Pai de Jesus Cristo, sendo que em Jesus Cristo se encontra e se anuncia o amor do Pai. E que esta história está repleta de homens e mulheres que doaram a vida em prol da liberdade do povo; assim sendo “o processo de libertação está regado com o sangue de humildes camponeses e povoadores que procuravam dar testemunho de sua fé cristã na solidariedade com seus irmãos mais pobres”.¹⁰⁶ Igualmente também foi o testemunho de muitos padres e bispos da Igreja, entre eles cita-se “Enrique Angelelli”¹⁰⁷ e “Dom Oscar Romero”¹⁰⁸ que, dentro de sua missão profética, sofreram o martírio.

¹⁰⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. p. 22.

¹⁰⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. p. 293.

¹⁰⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade vos Libertará*. p.142.

¹⁰⁷ Enrique Angelelli nasceu em 1923, faleceu em 1976. Angelelli tomou posse como Bispo da Diocese de La Rioja, no noroeste da Argentina, em 24 de agosto de 1968, nomeado pelo Papa Paulo VI, assumindo um papel profético, denunciando à usura, a droga, as casas de jogo e gestão da prostituição nas mãos dos poderosos na sociedade de Rioja. Incentivou a organização de trabalhadores domésticos. Em fevereiro de 1976, em Mendoza, foram presos em Vigário Geral da Diocese de La Rioja, Stephen Bishop Inestal, com dois líderes do movimento rural. Após o golpe de 24 de março intensificou-se monitoramento e rastreamento a membros da Igreja, no contexto da repressão desencadeada pela ditadura militar. Bispo Angelelli levantou a voz para denunciar violações de direitos humanos. A repressão se intensificou. Foram, com muitos presos, sequestrados, torturados e assassinados, inclusive sacerdotes. Disponível em <http://www.donorione.org.ar/sitio/index.php?option=com_content&view=article&id=1179&Itemid=786>. Acesso em: 30 jun. 2012.

¹⁰⁸ Dom Romero: (1917-1980) arcebispo de El Salvador, bispo exemplar, bispo dos pobres em um continente que carrega tão cruelmente a marca da pobreza das grandes majorias, enxertou-se entre eles, defendeu sua causa e sofreu a mesma sorte deles: a perseguição e o martírio. Dom Romero é o símbolo de toda uma Igreja e de um

O processo de libertação, vivido na América Latina, foi doloroso e ao mesmo tempo belo, porque nele está refletido o amor do Deus da vida. Exemplo de amor e doação que brotava em todos os cantos, apesar da repressão existente. No Brasil foram inúmeras pessoas envolvidas nesse processo, como leigos, religiosos, padres e bispos. Entre eles, a figura grandiosa e admirável de “Dom Helder Câmara”.¹⁰⁹

É uma história conflitiva, pois a mesma história “onde Deus se revela e o anunciamos deve ser relida a partir do pobre”.¹¹⁰ Necessário se faz ler essa história a partir dos vencidos, de suas lutas, resistências e esperanças. Foram feitos esforços por parte dos dominadores para que essa história caísse no esquecimento, com a intenção de apagar da memória os oprimidos. Mas o que tem sido feito é justamente o oposto, os povos que sofreram tais torturas, humilhações, explorações, estão em busca de seu passado, pois só assim poderão construir o presente em firmes e sólidas bases.

Gutiérrez diz que esse foi o grande diferencial da Teologia da Libertação: o pobre emerge não como objeto, mas o pobre e sua libertação se tornam assim um lugar teológico. A reflexão se faz a partir do pobre e do oprimido. Essa foi a maior novidade trazida pelos teólogos da libertação, onde a teologia coloca toda a sua sensibilidade na experiência no pobre. É ele que aparece como referência no cenário teológico, não por simples caridade ou demagogia, mas pela complexa situação que se encontra um continente pisoteado pelo poder opressor.

A Teologia da Libertação, diante do contexto vivido, faz um comparativo com a verdade bíblica, e vê que Deus se revela no reverso da história. E para que essa história possua amplo discernimento, será sempre necessário recuperar a memória que ficou esquecida na história oficial. Memória como a dos índios da América Latina, explorados, açoitados, e junto a eles todos os pobres do continente, vítimas da ganância dos dominadores.

continente latino-americano, verdadeiro servo sofredor de Yahwé, que carrega o pecado, a injustiça e a morte de nosso continente. Foi fiel a Jesus e se inseriu de verdade na dor de nossos povos. PONTIFÍCIO INSTITUTO MISSÕES EXTERIORES. Testemunhos da vida missionária. Revista Mundo e Missão. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/testemunhosromero.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

¹⁰⁹ Dom Hélder Câmara (7 de fevereiro de 1909-27 de agosto de 1999) a fundou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 12 de março de 1964 foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, pouco antes do golpe militar. Apoiou a ação católica operária em Recife. O novo governo militar acusou-o de demagogo e comunista e dom Hélder foi proibido de se manifestar publicamente. No entanto, sua figura pública adquiria importância cada vez maior. Passou a fazer conferências e pregações no exterior, desenvolvendo intensa atividade contra a exploração e a favor dos mais pobres. Em 1970 fez um pronunciamento em Paris denunciando pela primeira vez à prática de tortura a presos no Brasil. Dom Hélder Câmara deixou registrado seu pensamento em diversos livros que tiveram grande repercussão, sendo traduzidos em várias línguas. Sua atividade política, social e religiosa foi reconhecida no mundo inteiro. Dom Hélder recebeu centenas de homenagens e condecorações, além de diversos prêmios, no Brasil e no Exterior. Faleceu aos 90 anos, de parada cardíaca. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/dom-helder-camara.jhtm>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

¹¹⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. op. cit., p. 295.

Mas como resgatar essa memória através dos anos, dos séculos? Gutiérrez afirma que essa memória vive e, é preciso alcançá-la através das expressões culturais, na religião popular, alcançá-la na história em cada faminto, sedento, preso, humilhado. Pois ali está presente no Cristo que “nos libertou para a liberdade” (Gl 5,1).

2.7 Relação da Teologia com as Ciências Sociais

Na concepção de Gutiérrez, a falta de conhecimento a respeito de sua própria condição de vida foi um dos fatores limitantes para o desenvolvimento do povo latino-americano. No passado histórico do continente ainda restavam os sons que provinham de vozes autoritárias, de formas ditatoriais. Criaram enormes problemas que se ampliavam cada vez mais, aumentando as distâncias sociais e, por fim, vozes silenciadas pela indiferença e a insensibilidade.

Muitos setores da sociedade da América Latina buscavam por novas etapas, novas políticas de desenvolvimento econômico e social. Esse fato já vinha sendo almejado há longa data. A conferência de Bandung¹¹¹ (1955) chamou atenção para muitos problemas na ordem social, em especial para o respeito à soberania e integridade territorial de todas as nações, e o reconhecimento da igualdade de todas as raças e nações, grandes e pequenas. Esses assuntos determinados nessa conferência vinham ao encontro das aspirações dos povos relegados que almejavam uma vida com maior dignidade. Na “América Latina, foram aplicadas nessa época políticas desenvolvimentistas com a intenção de tirar esses países de sua prostração”.¹¹² Os países se propunham a caminhar nessa direção, mas durou pouco.

Surgiu pouco depois, a teoria da dependência, uma análise profunda sobre as causas da pobreza latino-americana e a colocou no panorama internacional, o ponto central da análise situava-se em descobrir o caminho que a levou a esse estado. Uma exigência que se impunha era buscar caminhos de ruptura com grandes centros de poder. A teoria da dependência, que

¹¹¹ Conferência de Bandung é o nome com o qual ficou conhecido historicamente o encontro na cidade indonésia entre 18 e 24 de abril de 1955 e que reuniu os líderes de 29 estados asiáticos e africanos. A maioria dos países participantes da conferência vinha da amarga experiência da colonização, experimentando o domínio econômico, político e social, sendo os habitantes locais submetidos à discriminação racial em sua própria terra, parte da política de domínio europeia. A Conferência de Bandung prima pelo seu pioneirismo em tratar de assuntos inéditos à época, como a influência negativa dos países ricos em relação aos pobres e a prática de racismo como crime. Foi proposta ainda a ideia de criar um Tribunal da Descolonização, que julgaria os responsáveis pela prática deste crime contra a humanidade, responsabilizando também os países colonialistas, significando ajudar a reconstruir os estragos perpetrados pelos antigos colonos no passado. Tal ideia, porém, foi abafada pelos países centrais, ou seja, aqueles mais influentes no cenário internacional. INFO ESCOLA. Conferência de Bandung. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/conferencia-de-bandung>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

¹¹²GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Densidade do Presente*, p. 177.

vigorou entre 1960 a 1970, foi um instrumento de importância fundamental para conhecer a realidade do continente latino-americano. Apontava as causas e sugeria caminhos para saná-los ou, pelo menos, amenizá-los.

Conforme Gutiérrez, a análise social representou um importante papel no marco da Teologia da Libertação, da mesma forma foram importantes os documentos de Medellín como um instrumento da situação da realidade dos povos pobres. Os primeiros enfoques da Teologia da Libertação foram importantes avanços no sentido de esclarecimento sobre a vida do povo latino-americano e sua vida de fé.

Pois, para a Teologia interessou, antes de tudo, a eficiência da fé para que ela não ficasse indiferente diante dos resultados reais e concretos da práxis dos crentes diante dos processos históricos. Era urgente e necessário o conhecimento real situação, sob pena de se chegar a determinadas práticas contrárias à fé cristã.

Para o autor, falar de pobreza era falar de um contexto social de exploração que atingia todo um continente e exigia um exame mais detalhado da realidade social, para só depois poder compreender, realmente, as causas que dela derivavam, e assim conseguir uma iluminação a partir da fé sobre os desafios e também as possibilidades que deveria ter a tarefa evangelizadora. Essa inquietação já se fazia presente nos ensaios teológicos, nas conferências Episcopais de Medellín e de Puebla.

Essa postura sobre a realidade, até então desconhecida na área eclesial, deveria ser sempre a partir de um discernimento. Pois “a ciência progride por hipóteses, que explicam de modo diferente uma mesma realidade. Dizer que algo é científico significa sustentar que está submetido à discussão e crítica permanente.”¹¹³ E essa realidade coube perfeitamente no campo móvel das ciências sociais. O emprego das disciplinas sociais se deu com a finalidade de visualizar com mais amplitude a realidade social. Isso implicou em verificar as realidades humanas e o campo político. Com descrição de sua situação, com a análise de suas causas, e as soluções que foram propostas, era de interesse da teologia na medida em que se trata de problemas humanos, que são desafios à evangelização.

Desse modo, operou-se uma importante transformação no campo da análise social que a teologia da libertação requer para seu conhecimento das condições de vida do povo latino-americano. Isso a levou a incorporar valiosas perspectivas de vida do povo e novas vertentes das ciências humanas (psicologia, etnologia, antropologia) para o exame de uma situação intrincada e instável.¹¹⁴

Gutiérrez ressalta que através das ciências sociais contemporâneas, como sendo os instrumentos usados para balizar as realidades sociais, existem elementos de análise que

¹¹³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade vos Libertará*, p. 74.

¹¹⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*, p. 21.

partiram do marxismo; segundo ele, mesmo contendo a presença desses elementos, isso não autoriza de nenhum modo identificar ciências sociais e análise marxista. A época em questão, ressaltada por Gutiérrez, era a da intelectualidade. Até mesmo dentro da Teologia as alusões a Marx e alguns de seus seguidores eram empregadas no campo social e econômico. Mas este fator, segundo Gutiérrez, não significa adesão a seus princípios, principalmente no que se refere à concepção de vida, que era contrária à fé cristã e de suas exigências.

Assim, a análise social foi uma tentativa de reflexão a partir do Evangelho, pontuando as experiências de homens e mulheres dentro do processo de libertação do continente, onde a exploração era uma constante. Gutiérrez salienta, que a intenção não foi de entrar em diálogo com o marxismo, pois a urgência da prática pastoral possuía outro foco. Ver a pobreza e a marginalização, sob o ponto teológico, exigia uma análise do ponto de vista social, por isso foi necessário recorrer às disciplinas sociais.

Sem dúvida, o uso das ciências sociais, como é indicado várias vezes em nossos trabalhos, está dando seus primeiros passos, como esforço científico tem muito de aleatório, mas na atual situação nos ajuda a conhecer melhor a realidade social. A postura diante delas deve ser de discernimento, não só pelo que têm de incipiente, como já foi sublinhado, mas também porque afirmar que tais disciplinas se situam em terrenos científicos, não significa que se trata de algo irrefutável e indiscutível. Pelo contrário o científico não está isento do exame crítico, mas se submete a ele.¹¹⁵

O autor diz que esteve sempre consciente da amplitude e da complexidade dos problemas abordados, ou seja, a presença das ciências sociais na teologia não significou uma submissão indevida da reflexão teológica. Fez uma importante ressalva com relação ao tema abordado, “Deve levar em conta essa contribuição, mas em seu trabalho vai recorrer sempre a suas próprias fontes. Isso é fundamental.”¹¹⁶ As ciências sociais existiram no passado e hoje se fazem cada vez mais necessária para um discernimento da situação social nesse mundo de desiguais.

Verificou-se que todo o trabalho teológico de Gustavo Gutiérrez teve o grande propósito de ser fiel à mensagem cristã, quis ser uma reflexão e uma práxis a partir Evangelho e das experiências do povo pobre. Procurou sempre se situar na perspectiva do serviço e do anúncio pela verdade que liberta, pois sabe que essa verdade é Cristo.

¹¹⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vós Libertará*. p. 74.

¹¹⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Idem*. p. 82.

3 CAMINHO E A MISSÃO DA TEOLOGIA NA ÓTICA DE GUSTAVO GUTIÉRREZ

O terceiro capítulo refere-se ao caminho da missão teológica na ótica de Gutiérrez, principalmente diante de uma globalização e das teologias contextuais (feminista, cultural, índia, afro). Buscou-se temas libertadores a começar pelo maior libertador: Jesus Cristo. Deu-se ênfase sobre a compreensão da fé, seguindo-se uma prática histórica de libertação. Após, tratou-se sobre a revelação do “Deus da vida” diante da libertação, sobre os caminhos apontados por Deus para a libertação do povo oprimido em diferentes épocas. Por fim, no tema sentido a vida, percebeu-se o sentido amplo da existência humana como uma tarefa capital no anúncio do Evangelho, onde não se deve esquecer o compromisso com o pobre, como opção preferencial da Igreja e do amor gratuito de Deus.

3.1 A teologia diante da globalização acelerada

Gutiérrez vê a época contemporânea dominada pela economia, liberal ou neoliberal, postulada, pelo menos em teoria, sem intervenção do poder político, a não ser para responder às necessidades mais urgentes a nível social. Assim é visto o progresso econômico, vinculado ao mercado, percebido por muitos como a única solução possível.

Esse panorama do continente latino-americano desnudou-se depois dos primeiros tempos de um capitalismo selvagem, resultado do surgimento das grandes empresas transnacionais. Elas, por sua vez, dominam a ordem econômica, obrigando o Estado a privatizar sua economia.

Nesse contexto os organismos internacionais, como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, têm sido agentes eficazes na integração das economias fracas, com a finalidade de aumentar as possibilidades da existência de um único mercado globalizado, onde a economia e o capital financeiro navegam pelo mundo, atravessando fronteiras, onde a predominância maior se chama ganância e lucro.

Gutiérrez, diante do contexto social descrito, se questiona a respeito da ética cristã, ou seja, se ela tem algo a dizer para a economia mundial. Essa pergunta não teria o menor sentido se fosse feita, por exemplo, no Século XVI, pois iria surpreender os teólogos moralistas, que dentre os assuntos da época, se ocuparam com o capitalismo nascente. Mas essa ótica passa a mudar a partir do século XVIII, quando começa a existir uma preocupação ética.

O autor, fazendo referência à era atual, diz que a economia moderna desafiou a todos os padrões aceitos comumente como morais. E isso não se reflete somente dentro dos círculos chamados “tradicionais”. O que ficou evidente nesse processo foi o predomínio da inveja, do egoísmo, da ganância. Quando se falou em solidariedade e preocupação com a maioria pobre, esses fatores foram vistos como entraves para a economia do crescimento e, em última análise, não produtiva ao sistema.

Esse resultado atingiu todas as instâncias apresentadas como dimensões da globalização e seu impacto era cada vez maior. Foi então que “a Teologia da Libertação nasceu de uma indignação ética, diante do grito daquele que sofre que clama por dignidade e justiça e que representa a grande maioria dos povos latino-americanos e também do terceiro mundo”.¹¹⁷ Pois era o empobrecimento da maioria das pessoas, juntamente com concentração de renda do poder da minoria.

Para Baptista, o mundo se tornou pequeno diante dessa forma globalizada. O embate da globalização é constatado por todos. O sistema das comunicações existentes une os acontecimentos, pois o que ocorre em cada extremo do mundo é percebido por todo o restante. Através da televisão, da internet, se acompanha tudo em quase tempo real, sabe-se das guerras, conflitos, desastres de todas as formas, como também das novas descobertas. Cresceu a amplitude das informações, mas junto a elas também os problemas. A realidade passou a ser um fator cada vez mais complexo. Dessa forma, a Teologia da Libertação entende que está diante de mais um desafio, o repensar a globalização de maneira onde exista lugar para a esperança.

Nessa perspectiva Gutiérrez mencionou a parábola do homem pobre e do homem rico (Lc16, 19,). Comparando-a com a situação da humanidade de hoje. “As nações pobres vagam ao lado das nações ricas, ignoradas por estas”.¹¹⁸ E o que se constatou foi que existiu um abismo muito grande entre elas, a mesma situação se repetiu no interior de todos os países, onde as posições também são extremas, poucos ricos e uma massa extremamente pobre e marginalizada.

Gutiérrez chamou atenção na parábola de Lucas, onde o pobre tem um nome, chama-se Lázaro. Na parábola do rico poderoso, este personagem não tem nome. Hoje, diz o autor, existe uma situação totalmente inversa os poderosos sempre têm nome, os pobres são anônimos, funcionam como peças, que se troca, são descartáveis. Hoje, os pobres nascem e

¹¹⁷ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *Globalização e as teologias da Libertação e do Pluralismo Religião*. Disponível em <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/28726_3804.PDF>. Acesso em: 5 jul. 2012.

¹¹⁸ ALMEIDA, Luciano Mendes. *El futuro de la reflexión teológica em América Latina*. Consejo Episcopal Latinoamericano, 1996. p. 127.

morrem sem serem notados.

Com relação à análise comparativa da parábola lucana nas condições da sociedade contemporânea, Gutiérrez destacou outro elemento importante: os homens e mulheres pobres de hoje ficam à beira da porta dos países ricos, implorando para entrar, em busca de melhores condições de vida. É a migração em grande escala que se torna uma questão contemporânea, pois acarreta uma série de problemas. A rejeição contra os imigrantes, tanto legais como ilegais, chega a proporções extremas, assemelha-se ao racismo. Esse comportamento humano tem sido fortemente criticado pela Igreja em várias ocasiões. A continuar nesse ritmo frenético, a questão migratória só tende a piorar.

Diante de análise sobre o futuro da reflexão teológica na América Latina, Gutiérrez enfatizou que o século vigente coincidiu com o início do terceiro milênio e, junto a ele, ocorreram muitas nostalgias, previsões, como também muitos esquecimentos, vindos em grande parte de mudanças ocorridas em um ritmo vertiginoso, frutos de uma globalização acelerada.

O autor considera que a Teologia da Libertação ainda tem muito a aprender com as novas situações que surgem nas interpelações, no diálogo, nos debates teológicos e pastorais. Os fatos, ao longo do tempo, vão sendo purificados, e os discursos também entram nesse rol. Isso é derivado do resultado de um estado de diferentes acontecimentos condicionados pelo tempo. Essa é a maturidade da reflexão teológica, que não perde de vista as realidades terrenas e que exige sempre um olhar constante e evangélico.

A fé é sempre uma graça. Aceitar esse dom é colocar-se nos caminhos de Jesus e, para que isso aconteça, é necessário uma observação contínua dos seus ensinamentos e de sua prática. Para Gutiérrez, a fé é algo que brota espontaneamente no crente, sempre motivado pelo desejo de uma vida cristã mais profunda. Porém, isso faz parte da liberdade de cada um.

Para ele, o verdadeiro fortalecimento da fé acontece sempre em comunidade. Vê a tarefa teológica como uma vocação que surge nas comunidades eclesiais, e daí se devolve plenamente. Diz mais: a Teologia é um serviço e tem de vir sempre carregada do caráter missionário evangelizador da Igreja.

Hoje o neoliberalismo, com sua presença dominante, torna-se uma economia autônoma, onde o mundo da informação representa um importante papel que repercute em todos os setores, principalmente dentro da instância econômica e social. Vive-se num mundo da informação, porém, para Gutiérrez com a falsa ilusão de que a palavra proclamada pelos setores informativos é igualmente para todos.

Não obstante, a palavra é enganosa, porque faz crer que nós encaminhamos para um mundo único, quando na verdade, acarreta inevitavelmente uma contrapartida: a exclusão de uma parte da humanidade do circuito econômico e dos chamados benefícios da civilização contemporânea.¹¹⁹

Essa falsa ilusão de uma globalização inclusiva em todos os setores é enganosa, pois milhões de pessoas foram vistas, como objetos descartáveis e inúteis. São todos aqueles que ficaram fora do contexto do consumo, que é um dos elementos decisivos e importantes da economia atual.

Esse é o mercado sem restrições que se regulou por si só, onde a solidariedade social não possui espaço. Um exemplo claro dessa corrente de pensamento pode ser espelhada na dívida externa, que manteve sempre aprisionada e sufocada as nações pobres. Gutiérrez ressaltou o pedido de perdão sobre a dívida externa que o papa João Paulo II, valendo-se do sentido bíblico, proferiu na celebração do Jubileu no ano 2000.

Essa desumanização da economia já estava em pleno funcionamento desde longa data, querendo transformar tudo em mercadoria, inclusive os seres humanos. Esse caráter idolátrico foi denunciado através de reflexões teológicas. Mas diz Gutiérrez, que existem certas correntes teológicas que compactuam com esses pensamentos de mercado como, por exemplo, a teologia da prosperidade.

O autor sempre acreditou na reflexão teológica a começar pelos pobres, aqueles que realmente necessitam de defesa, e que deriva da maioria da população, principalmente Latino-Americana. Essa é uma questão necessária e ética, no sentido pleno da palavra, “que exige entrar nos mecanismos perversos que distorcem por dentro a atividade humana que chamamos economia. Mas valiosos esforços de reflexão teológica são feitos entre nós nessa linha”.¹²⁰

Nestes tempos de globalização e pobreza, não se pode deixar de ouvir os chamados das correntes ecológicas, que protestam contra a devastação alarmante e suicida sobre o meio ambiente. Conforme Gutiérrez deve-se a esses idealizadores ecológicos o despertar da sensibilidade sobre o dom da vida, onde se percebe maior amplitude de formas, onde predomina o respeito à natureza. Hoje, não é mais possível discutir a pobreza, sem se dar atenção a esse outro lado emergencial.

3.2 Das teologias contextuais (feminina, cultural, indígena, afro)

No mundo pós-moderno, Gutiérrez observa que continua existindo uma problemática

¹¹⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Densidade do Presente*. p.107.

¹²⁰ Ibid. p.109.

com relação a diferentes extratos sociais. Não se deve ignorar, entretanto, que isso é feito a partir de uma descrença sobre verdades universais. Assim, “anunciar o Evangelho é estabelecer um diálogo de salvação. Supõe o respeito do outro e de suas peculiaridades”.¹²¹ A fé cristã deve ser incorporada sempre a novos valores culturais para que, dessa forma, absorva a mensagem do Evangelho.

Para Gutiérrez, os diversos grupos de pessoas apresentam sempre uma importância singular diante de suas peculiaridades, pois não são conjuntos uniformes. Necessário se faz levar em conta, suas culturas, os seus valores, como o respeito pela tradição. Desta forma, “vê-se o passado das pessoas e dos povos, como resultado das cruces seculares e recentes, que ocorreram neste continente de todos os sangues”¹²².

Para ele, o diálogo é imprescindível através de interlocutores conscientes, que valorizam sua própria identidade. A fé cristã nunca poderá renunciar as suas próprias convicções e a sua personalidade diante de outros pontos de vista. Ele vê convicções firmes que não são obstáculos ao diálogo, mas, sim, uma condição necessária. O acolhimento da fé não acontece por mérito próprio, mas pela graça de Deus, e a verdade de Jesus Cristo diante da vida dos crentes não impede, nem impossibilita, as relações com pessoas que possuem outras perspectivas, mas reforça seu verdadeiro significado.

Ao referir-se às teologias contextuais Gutiérrez diz, que a sociedade de hoje prima pelo individualismo. Então a figura do outro, do pobre, das culturas, gêneros, etnias, religiões, representam movimentos contraditórios, às vezes, podem tornar-se enormes redemoinhos perigosos.

Com referência aos indígenas, comentou que eles se fizeram ouvir, quando gritaram contra as humilhações recebidas ao longo dos séculos, quando perceberam que estavam numa disposição servil de enriquecer os outros. Fizeram sua voz ser ouvida, quando sua cultura e a própria terra estavam ameaçadas, quando sentiram que estavam perdendo para outros o respeito que têm pelo mundo natural, e pelo seu senso de comunidade e, por seus valores religiosos. Gutiérrez pensa que se tem muito a aprender com eles, não somente focando experiências passadas, mas com suas experiências atuais. Pois os povos indígenas da América Latina têm uma secular prática de solidariedade e de reciprocidade.

As matrizes históricas da Teologia da Libertação partiram dos pobres, das classes oprimidas e exploradas, dos povos até então desprezados, da não pessoa. Mas dentro dessa classe também se encontram os povos indígenas, talvez dos que mais vêm sofrendo

¹²¹ ALMEIDA, Luciano Mendes. *El futuro de la reflexión teológica en América Latina*. p. 153.

¹²² GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. p.53.

exploração, sendo relegados à mais intensa miséria desde a época colonial, marcada pelos massacres, torturas, derrotas e o cruel desaparecimento de muitas das sociedades nativas.

Segundo Gutiérrez, existem situações peculiares para cada caso, mas ressalta que algo idêntico ao que aconteceu com a população indígena, aconteceu com a população negra do nosso continente, que sofre ainda as consequências desastrosas das explorações, colocada à margem da sociedade como seres inferiores e excluídos. Essa conclusão foi ressaltada através de outras dimensões de estudos:

As origens da teologia da libertação negra são políticas e intensamente temporais, como a teologia da libertação de Gustavo Gutiérrez, a qual inspirou as comunidades cristãs de base da Guatemala e de El Salvador e condenou a opressão econômica e política do povo da América Latina. Ambas as teologias permitem que Cristo escape da segurança da Igreja. Como no Novo Testamento, ele está na estrada, profundamente preocupado com a justiça para com o oprimido.¹²³

Ao se mencionar a discriminação racial negra, é difícil não relacionar toda a problemática causada pela escravidão ocorrida na América Latina e em grande e vergonhosa escala no Brasil. “O transporte era feito da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros. Amontoados, em condições desumanas, muitos morriam antes de chegar ao Brasil, sendo que os corpos eram lançados ao mar.”¹²⁴

Diante do tema abordado, cita-se um teólogo com atuação semelhante à de Gustavo Gutiérrez, pois também busca a justiça de povos explorados e discriminados. Trata-se do Reverendo James Cone que através de sua obra *Black Theology and Black Power* (Teologia negra e poder negro) de 1969, foi considerado “o pai da teologia negra”. James Cone é o professor de Teologia de Charles A. Briggs no Seminário de União Teológica em Nova York

James Cone se referiu que o Deus da Bíblia esteve sempre com sua atenção e preocupação voltadas para as injustiças sociais, econômicas e políticas diante dos indesejados da sociedade. Mas, que Deus continua preocupado e trabalhando para que aconteça a libertação dos negros oprimidos da América contemporânea. Nesse contexto, são citados profetas e mártires que lutaram pela libertação dos negros e que foram brutalmente assassinados, entre eles: Martin Luther King Jr.¹²⁵ e Malcolm X¹²⁶.

¹²³ Barack Obama e a teologia negra da libertação. Unisinos. Disponível em: <<http://www.interacaovirtual.com/Espiritualidade/barak.doc>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

¹²⁴ SUA PESQUISA. *A escravidão no Brasil*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidaio.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

¹²⁵ Martin Luther King, Jr. (Atlanta, 15 de janeiro de 1929 — Memphis, 4 de abril de 1968) foi um pastor protestante e ativista político estadunidense. Tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, com uma campanha de não violência e de amor ao próximo. Ele foi a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz em 1964, pouco antes de seu assassinato. Seu discurso mais famoso e lembrado é "Eu Tenho Um Sonho". Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Luther_King_Jr>. Acesso em: 05 jul. 2012.

¹²⁶ Al Hajj Malik Al-Habazz, mais conhecido como Malcolm X (originalmente registrado Malcolm Little, 19 de

A luta pela libertação das opressões têm sido uma constante em todas as épocas da história. No Brasil Colônia, os quilombos tiveram um destaque especial, como uma forma de resistência ao massacre da escravidão. “Rejeitando a cruel forma de vida, os negros buscavam a liberdade e uma vida com dignidade, resgatando a cultura e a forma de viver que deixaram na África e contribuindo para a formação da cultura afro-brasileira”.¹²⁷ E essa situação não se resolveu com a abolição da escravidão. Existiu uma lei jurídica que dava “liberdade” aos escravos. Alguns se tornaram reféns, e em circunstâncias piores que as condições anteriores. Ficaram sem moradia, sem emprego, sofrendo os preconceitos raciais.

Gutiérrez faz notar também as grandes discriminações diante da presença nova das mulheres na sociedade a que pertencem, e mais acentuada se torna essa discriminação, quando a mulher se encontra diante dos setores mais rejeitados. Puebla coloca no capítulo “opção preferencial pelos pobres”, com referência à mulher e, sobretudo, das classes sociais mais oprimidas e marginalizadas. E essa situação é um fato real e constante. “Mesmo dentro dessas classes sociais apresenta-se a ideia de superioridade masculina”.¹²⁸ A mulher nessa época, encontrava-se praticamente absorta nas atividades domésticas, considerada não apta para o estudo.

Segundo Gutiérrez, existe uma escala de valores que nega a plenitude dos direitos humanos da mulher, que se encontra presa dentro de enormes manipulações. Para a mulher, são dadas tarefas inferiores aos homens, mesmo dentro do âmbito familiar, no trabalho, na esfera da organização social, dentro da própria Igreja. Ela é segundo Hegel, “o repouso do Guerreiro”.¹²⁹ Esse tratamento desprezível da mulher, por parte do homem, é uma degradação dele próprio, como ser humano. Desta forma o autor vê que, para haver um crescimento em humanidade, do sexo feminino e masculino, é necessária a superação dessa longa trajetória hostil que só leva à degradação humana.

Gutiérrez citou como paradoxal a desproporção e a distinção de papéis que se encontra dentro da própria Igreja, ou seja, o papel que se atribui a Maria e a pouca valorização da mulher. Ele entende que não é fácil vencer questões enraizadas culturalmente na sociedade. E

maio de 1925, Omaha, Nebraska — assassinado em 21 de fevereiro de 1965, Nova Iorque), foi um dos maiores defensores dos direitos dos negros nos Estados Unidos. Fundou a Organização para a Unidade Afro-Americana, de inspiração socialista. Ele era um defensor dos direitos dos afro-americanos, um homem que conseguiu mobilizar os brancos americanos sobre seus crimes cometidos contra os negros. No entanto, foi acusado de propagar o racismo, a supremacia negra, o anti-semitismo e a violência Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Malcolm_X acesso em: 04 jul. 2012.

¹²⁷ SUA PESQUISA. Quilombos. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/quilombos/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

¹²⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. p. 212.

¹²⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. p. 213.

para essas questões, ele coloca que é necessário ter presente o plano de Deus para o ser humano e nele ver a relação que Jesus dispensava às mulheres e a figura de Maria no Evangelho.

Cita o livro do Gênesis nos primeiros capítulos, onde o relato inicial coloca a igualdade existente entre o homem e a mulher. “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Desta forma se percebe a criação de Deus sem distinção de sexo. Para Ele ambos têm igual valor. Nenhum deles foi colocado subordinado ao outro. Ambos estão em igual altura diante de Deus.

Mesmo com estes exemplos dignificantes, encontram-se também na própria Bíblia relatos onde a superioridade masculina se faz presente, através do preconceito. Porém, existem sempre narrativas de personalidades femininas que se destacaram dentro do contexto bíblico, mesmo diante de uma mentalidade predominantemente masculina.

Gutiérrez evidenciou na atitude de Jesus em relação às mulheres, que isso representou uma nova etapa, uma ruptura com a mentalidade do povo e de todo o sistema dominante da época. Sua forma de agir surpreendeu e provocou escândalos, até entre seus próprios discípulos. No evangelho de Lucas existe destaque especial à presença significativa das mulheres, participando na missão de Jesus, como discípulas. (cf. Lc 8,1). Para Jesus, todas as mulheres possuíam a dignidade de filhas de Deus, sendo ele criticado pelo acolhimento dispensado às mulheres consideradas impuras e de nações desprezadas, como o exemplo típico da samaritana.

Naquela época, dirigir a palavra a algum membro do povo da Samaria, já era um motivo suficiente para causar um grande desconforto, ainda mais se esse membro pertencesse ao sexo feminino. Gutiérrez ressalta que Jesus fez muito mais, contrariando todas as normas culturais e religiosas. Fez da samaritana uma evangelizadora. O evangelho de Lucas, como também de João, mostram a amizade de Jesus com as mulheres; fala de Marta, Maria, Maria Madalena, Maria a mãe de Jesus. Foram elas que deram os primeiros testemunhos da ressurreição de Jesus.

Mas todo o milagre da encarnação de Jesus e a força do Espírito Santo, em toda a sua história, sua missão, estão intrinsecamente ligados aos valores e à fé de uma jovem judia: Maria, a mãe de Jesus. “A missão de Jesus estará marcada por esta responsabilidade. Com ela se abre uma nova etapa no reinado de Deus”¹³⁰.

O autor jamais pode esquecer a situação do lado feminino. Como existir uma luta

¹³⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. p. 223.

igualitária e justa pela libertação, sem que nela estejam incluídas as mulheres? “Se os seus direitos não forem incluídos estaremos vivendo numa sociedade enferma. O pobre pertence a uma classe social, mas também a uma raça, a uma cultura, a um sexo”.¹³¹ Assim não se pode ver o pobre numa só direção.

3.3 Libertados para a liberdade

Toda a mensagem cristã tem como centro a libertação. Portanto, sem reflexões com relação à Teologia da Libertação, ela não cumpriria devidamente sua proposta, “mas é importante estabelecer uma fecunda relação entre libertação e liberdade”.¹³² O autor refere-se à ênfase que as Escrituras instituem entre verdade e libertação citando o evangelista João: A verdade vós libertará (Jo 8,32) E essa verdade é o próprio Cristo, que deseja nos libertar e sempre está a nos chamar para a liberdade (cf. Gl 5,1).

A liberdade faz parte dos direitos dos seres humanos. Ela não deve ser algo individual, mas ampliada para os outros. Uma das grandes preocupações no horizonte da teologia da libertação, é ver no pobre o “outro” de uma sociedade cada vez mais satisfeita consigo mesma.

Uma das funções evangelizadoras da Igreja é fazer com que as pessoas percebam o outro e também se sintam livres, dentro dessa liberdade encontrem a dimensão do amor, estejam, enfim, livres para amar. Dessa forma, a reflexão teológica deve ser necessariamente uma reflexão crítica no que tange à busca pela verdade, pois no alcance da verdade os seres humanos tornam-se livres.

No mundo pós-moderno, neoliberal, o homem perde sua liberdade de muitas formas e uma delas é pela idolatria, sobretudo onde visa o lucro. “Essa é a forma contemporânea do culto a Mamon. A idolatria do dinheiro une-se à do poder que passa por cima de todo o direito humano”¹³³ A valorização do poder e do culto cada vez mais acirrado ao dinheiro, são perspectivas rotineiras nos dias atuais. Porém, a consciência humana e cristã deve rejeitar essa forma de viver, pautando-se na justiça e no amor de Deus.

A busca pela dignidade do pobre deve ser um fator constante na Igreja cristã. Gutiérrez pede atenção em não transformar o pobre numa outra espécie de ídolo. E isso, diz ele, não é difícil de acontecer, transformá-lo numa pessoa extremamente boa, generosa,

¹³¹ Ibid., p. 213.

¹³² GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde Dormirão os Pobres?* p. 45.

¹³³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres.* p. 48.

religiosa, como se tudo que parta dele seja verdadeiro, certo, quase um modo sagrado. Os pobres são seres humanos, portanto, com virtudes e pecados. “Além do mais, para um cristão a razão última do compromisso com os pobres não reside em suas qualidades morais ou religiosas, embora elas existam, mas na bondade de Deus, que deve inspirar nosso próprio comportamento”.¹³⁴ Essa idealização do pobre tanto da parte de quem não pertence à categoria de pobre, como quem pertence, não contribui para a libertação.

No sofrimento e nas esperanças do pobre, corre-se o risco da idolatria, “Isso acontece quando, na prática, ela passa a ser mais importante do que a fé que a ilumina e do que a ser mais do que a realidade que procura exprimir”.¹³⁵ Fortes candidatos a esse desvio de foco estão nos trabalhos intelectuais de muitos teólogos, que esquecem do objetivo principal, que é testemunhar na Igreja a fé no Deus da Bíblia e, assim, mostrar sua atenção e solidariedade com os pobres.

Mas se vê também o contrário; há os que anonimamente arriscam até a vida em prol de seus compromissos pastorais e sociais. Gutiérrez enfatizou os testemunhos importantes de João da Cruz, assim como muitos outros místicos da Igreja, que enriquecem sempre as reflexões teológicas. A espiritualidade foi, desde o início da Teologia da Libertação, um tema central. Pois ela é uma teologia que quer sempre refletir a fé e que se põe sempre entre a mística e o compromisso histórico. Por isso a opção pelos pobres possui suas raízes na gratuidade do amor de Deus.

É no amor de Deus que se encontra a libertação total, uma libertação que traz consigo a comunhão com Deus e com o próximo. Assim se é chamado para a liberdade que supõe a saída de si próprio, em prol da diminuição do egoísmo, fundamentada na abertura para o outro.

3.4 Revelação do “Deus da vida” diante da libertação

A partir do pensamento de Gustavo Gutiérrez, expõem-se alguns aspectos da Revelação, dando um enfoque especial a essa questão tratada por ele através de suas reflexões, sobretudo na obra “O Deus da Vida”, onde o fio condutor é a revelação de Deus na história, principalmente aos ausentes da história, conectada com a libertação do povo sofrido.

Gutiérrez coloca que, na revelação bíblica, Deus se apresenta como um mistério. E é justamente no Deus, como mistério que se encontra a origem da libertação. Vê-se que a

¹³⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. op. cit., p.49.

¹³⁵ Ibid., p. 49.

revelação está sempre presentes nos livros da Bíblia. É reconhecido, através da história de povos, de comunidades, de relatos pessoais, onde se distingue a experiência de fé, as inquietações, e as esperanças, tendo sempre como ponto primordial a realidade em que vivem.

Através de suas reflexões Gutiérrez interrogou quem é o Deus da Bíblia e onde encontrar revelação nesse Deus. A resposta reside no fato que Deus está no encontro, nas diferentes formas se senti-lo. Que Deus se revela como, libertador, amigo, fiel, o totalmente outro. Mas o ponto culminante da revelação se dá através do evento Jesus Cristo.

Na Bíblia a revelação da presença de Deus está sempre relacionada aos ignorados, marginalizados, desprezados pelo sistema dominante. No contexto latino-americano vê-se a libertação do homem, principalmente do mais pobre, como a outra face da revelação de Deus. Ao Deus que se revela como Deus, corresponde o homem que se liberta dos entraves que o impedem de viver como homem, de ser ele mesmo interlocutor único para o diálogo com Deus.

Gutiérrez procurou uma resposta que preencha aos questionamentos, por exemplo: onde encontrar o Deus revelação de amor? Os Evangelhos trazem respostas. Mas Gutiérrez valoriza os relatos do apóstolo João, que a seu ver sintetiza todas as respostas, a partir da afirmação: “Deus é amor” (1Jo 4,8) e se revela no amor, na vida. Como gerador de amor e de vidas é chamado de “Pai”. Faz parte de todos os inícios. Vivifica porque é vida. É misericordioso e transmite a todos que o desejarem a capacidade de amar. Deus Pai transborda em amor e ternura. A revelação¹³⁶ de Deus como Pai, criador, está presente nos livros tanto do Novo Testamento como do Antigo Testamento.

Deus Pai, revelador, comunicador da vida, Deus do amor, que transborda e se revela no Espírito Santo, vínculo de amor supremo entre o Pai e o Filho, entre Deus e os seres humanos. O Deus da Bíblia se revela na história do povo. É o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, Deus de Jesus Cristo, Deus do povo, Deus do povo que sofre e é explorado.

Que se revela no seu reino, no habitar na história, de se fazer carne, tendo a forma humana e divina. Faz parte de toda a história humana. Revela-se na sua presença de amor, de solidariedade no clamor pela justiça dos marginalizados da história, como mostra o Evangelho

¹³⁶ Revelação: do grego: *opokalypsis*, *epiphaneia*, *delossi*; latim: *revelatio*, *manifestio*, figura na literatura cristã desde as suas origens, mas o cristianismo demorou muito tempo para oferecer um conceito estruturado de revelação. O que essas palavras designam é um dos fatos centrais: Deus é conhecido por Deus. O Tesor de La langue française distingue assim três sentidos e revelação no domínio judeu cristão. A revelação, natural manifestação de Deus que se faz conhecer pela criação e pela consciência do homem. A revelação sobrenatural, manifestação de Deus comunicando o homem sua Palavra, dirigida a seus mensageiros o conhecimento de seu ser, de sua vontade, de seu plano tal como se desenvolve na história. A revelação direta, que Deus estabelece diretamente com seus eleitos, sobretudo por visão ou audição. Essas definições só oferecem uma pré-compreensão. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. p. 1537.

de Mateus. (Mt 25,31-46)

Pela revelação de Jesus Cristo, Deus revelou-se, apontando para o Novo Reino que vem. É o revelador que nos mostra tudo sobre este novo mundo, é o representante do Deus Pai. A revelação resulta do encontro de um Deus que vai e fazendo-se conhecer. Revela-se no Êxodo, através da fé do povo que crê em Javé para libertá-lo da escravidão, da opressão egípcia e caminha confiante em busca da terra prometida.

Disse-lhe Javé: Eu via a aflição de meu povo no Egito, ouvi o seu clamor por causa de seus opressores, tomei conhecimento de suas angústias. E eu descí para livrá-los das mãos dos egípcios e para fazê-los subir desse país para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que emana leite e mel. (Ex 3,7-10).

No encontro, Deus se revela a Moisés na sarça ardente. “Um anjo de Iahweh apareceu a Moisés, numa chama de fogo, no meio de uma sarça, e ele viu que a sarça estava coberta pelo fogo, mas, ao mesmo tempo, não se consumia” (cf. Ex 3,2). Deus se revela na experiência libertadora, na luta pela libertação do povo. E deste povo, através da fé e da força adquirida, deriva também a consciência contra as injustiças, as explorações e, assim, aos poucos, o povo vai libertando-se das amarras da escravidão, e fazendo a experiência da sua profissão de fé.

Na justiça está presente a revelação de Deus o (Go’el) que faz justiça em favor de seu povo. Na visão israelita da liberação, Deus ficou conhecido como Senhor dos exércitos, quer a prática da justiça e do direito. Javé está presente em cada membro do povo judeu e reivindica seu direito, o direito a vida dos pobres, os sem valia. Fazendo parte da história humana, enaltecendo-a na santidade.

A denominação de Go’el para indicar Deus na Bíblia, é resultado da experiência do povo hebreu. Go’el era quem libertava, resgatava, era também o redentor, o protetor, mas também o vingador do sangue. Na tradição hebraica, quando um ou mais elementos de uma família fosse destruído, humilhado, ou lhes tirassem a vida, o parente mais próximo das vítimas é quem estaria encarregado de vingar, resgatar tantos os bens, como até as pessoas que estivessem escravas nas mãos estrangeiras. Essa instituição se fixa na solidariedade de sangue do clã familiar. Go’el então é protetor das famílias.

Gutiérrez fez referência também à revelação do Deus da Bíblia quando faz aliança com seu Povo. O Deus da Bíblia libertou-o da opressão. A fidelidade de Deus (Javé) é revestida de ternura de um pai amoroso. O povo é amado da mesma forma como os pais amam seus filhos.

Diante da revelação de Deus os profetas sentem-se encorajados e impulsionados a agirem em nome de Javé. Assim, apresentam-se como defensores da ordem e da moral da

aliança, pregam a justiça, a fidelidade e o serviço de Deus.

O Deus dos profetas, o Deus da Bíblia, caminha com seu povo. Intervém na história como protetor, revelador, como Go'el, Deus fiel. “Mas o Deus da Bíblia, diz também, e repetidas vezes, que ele é Santo, isto é, diferente”.¹³⁷ Desta forma, o ponto alto da revelação bíblica sobre Deus é que Deus não é um ser humano. Só Deus é Deus. A Escritura mostra que o Deus da Bíblia faz parte da história. O essencial de Deus está muito além de toda e qualquer projeção, imaginação, de toda a vivência do crente. Deus é Deus, o totalmente outro, o Senhor, o Santo, que se revela a si mesmo na sua missão libertadora.

Para Gutiérrez a revelação de Deus foi sempre percebida em momentos históricos precisos. Pois é ali Deus que se revela na história da humanidade. O Deus da Bíblia não está ausente de seu projeto, do seu Reino. Quando Jesus foi questionado quando virá o Reino de Deus, ele respondeu: “O Reino de Deus está no meio de vós”. (Lc 17,21).

Deus, através de Jesus Cristo, revelou o que irá acontecer neste mundo e o “Reino do Céu”, ou “Reino de Deus” no futuro: que Jesus é o Salvador que libertou a humanidade dos pecados. Jesus Cristo é o revelador que nos mostra quem é Deus Pai.

Não há como citar Deus revelado na história sem ver a presença de Jesus Cristo, ele é o mediador único da revelação de Deus e da libertação do homem. Jesus revela um Deus que se insere na história, nos seus conflitos, com sua prática de misericórdia para com os pobres e de denúncia a todos que os excluem que rejeitam a aproximação com Deus.

O autor mencionou o livro do Apocalipse de São João, pois é um livro por excelência que fala expressamente de revelação. A palavra Apocalipse é de origem grega e significa revelação; revelar é tirar o véu, desvelar o que está escondido. É um livro profético, onde Deus revela os seus mistérios sobre a vida e a salvação.

O tema do Apocalipse é um estímulo à esperança e à promessa de vitória para aqueles que permanecessem fiéis a Cristo. João desejava encorajar os cristãos à perseverança e fidelidade diante da certeza de que o mal será derrotado e a justiça de Deus triunfará. Essa mensagem acompanha a Igreja de Cristo em todas as épocas, a vitória está assegurada, Jesus é o vencedor e, portanto, todos que o seguirem também serão vencedores.

Gutiérrez fez uma ligação do livro do Apocalipse com a revelação presente na contemporaneidade, onde a libertação do homem se torna a expressão e a manifestação da revelação. A libertação reivindicada hoje, principalmente nos países pobres, foi acolhida pela teologia como um lugar elevado para o encontro com Deus. A Teologia através desta

¹³⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. p. 51.

percepção libertadora contribui para mudanças no momento em que pensa, fala e aponta para o que é possível para libertação da opressão e ressalta a fé como um elemento essencial dos movimentos libertadores.

Deste modo, a Teologia da Libertação segue os preceitos de Deus, ou seja, a intervenção de Deus na história da salvação, a favor dos homens. “Ela não é uma teologia metafísica que descreve Deus como um ser em repouso, mas sim, partindo da práxis da libertação, explicita melhor a essência de Deus como fundante da economia salvífica”.¹³⁸ O povo da América Latina, na sua trajetória existencial quase sempre com dificuldades a transpor, tem sempre a sua frente o Senhor de sua história. Prova isso nos cânticos, nas celebrações, nos encontros das comunidades cristãs.

Diz Gutiérrez que diante da dor do sofrimento, da miséria, o povo que crê consegue visualizar a presença de Deus, e ao lançar-se em seus braços não há revolta, mas louvores e súplicas confiantes. Esta súplica, anteriormente, era tida como resignação, diante de fatos que não podiam ser modificados. Não havia nada a ser feito, somente chorar e se conformar, pois a própria pregação eclesial dava margem para este tipo de comportamento, aprofundando o sentimento negativo, gerando passividade e comodismo.

No mundo contemporâneo, a lamúria e o clamor deixaram de ser verbos de uma única direção, onde o caminho era o da conformação e do fatalismo. Na consciência contemporânea o conformismo deu passagem para o encontro, o diálogo, onde o clamor deu lugar à força pela libertação.

Diante do contexto latino-americano a procura por Deus se revela no desejo ardente da libertação. Deus manifesta-se como o Deus da justiça, da esperança, da consolação, do futuro, especialmente para o pobre, pois ser cristão significa servir ao outro, conseguindo ver no outro a expressão de Deus. Esse é o imperativo de Jesus Cristo.

Assim entendeu Gutiérrez. Hoje a Revelação de Deus está na busca, na esperança, no trabalho em prol da libertação, do rompimento das amarras que invalidam o homem de ser verdadeiramente homem, responsável por seus atos e de ser merecedor da revelação da Palavra de Deus. A Revelação de Deus na libertação do homem pode ser reconhecida de maneira muito peculiar no pobre. E o pobre, no momento que se libertar vai terá condições de acolher melhor a Palavra, e perceber que ele é criatura de Deus e principalmente é amado por Deus.

Desta forma se encontra o grande e contínuo desafio da revelação cristã: experimentar

¹³⁸ FELLER, Galdino Vitor. *O Deus da Revelação*. p. 308.

a Deus, no outro, no irmão, num mundo conflitivo. Gutiérrez ressalta a necessidade da conversão contínua. Ele colocou que esse é o grande passo, desafiador e progressivo. E que toda a pessoa humana, quando de posse dessa percepção, não tem o direito de ficar só para si, deve sempre transmiti-la a outros, para que também a conheçam e possuam a oportunidade de usufruir do amor salvífico de Deus. Esse é um dos importantes fundamentos da Teologia da Libertação.

Na Teologia da Libertação o Deus da Bíblia revelado no Deus da vida que é todo amor, gera seres humanos para o amor, seres humanos iguais em liberdade. A revelação evidenciada no livro o “Deus da Vida”, de Gustavo Gutiérrez, remete ao Deus da Bíblia como um mistério, e é no mistério que se encontra a origem da libertação. Entende-se que Deus se revela em todas as épocas, através de muitas formas e evidências em prol da libertação e essa libertação foi grandemente evidenciado, através do povo sofrido da América Latina.

3.5 Evangelização Libertadora

A evangelização coloca todo o cristão diante da libertação maior que é em Jesus Cristo. A compreensão da fé a partir de uma prática histórica de libertação coloca o anúncio do Evangelho, pois anunciar significa gesto vigilante, solidariedade real e concreta diante dos interesses e lutas das classes populares. Assim se percebem atitudes e se celebra em ação de graças. Evangelizar, na sua forma mais plena, é seguir os ensinamentos pedagógicos de Jesus, que estão de forma clara e evidente na narração detalhada do evangelho de Lucas.

Ele foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abrindo-o, encontrou a passagem onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. Fechou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer: Hoje se realizou essa Escritura que acabaste de ouvir. (Lc 4,16-21).

Seguir os ensinamentos de Jesus é percorrer os caminhos por ele indicados. É buscar a libertação total e chegar à raiz da injustiça e da exploração, compreender que a fome e a miséria não são questões especificamente do âmbito econômico e social; são também questões humanas, que desafiam o modo de viver a fé cristã. Uma revisão realmente radical, referente à concepção de matéria e espírito, se faz urgente e necessário.

Gutiérrez menciona que a influência do pensamento grego e idealista que esteve presente nos meios cristãos, nada tem a ver com o pensamento bíblico e, citando

“Berdiaeff”:¹³⁹ “termos frequentes nos meios cristãos a que nos referimos, se tenho fome, esse é um problema material; se outro tem fome, esse é um problema espiritual”.¹⁴⁰ Dentro das realidades históricas, encontram-se as ações dos homens e das mulheres, tanto do passado como do presente. E o amor e o pecado são sentidos e vividos na plenitude dessas realidades concretas.

A Bíblia remete à libertação e à justiça como sendo ações opostas à escravidão do pobre do contexto histórico. Receber o dom da filiação é um fato vivido na história, como também é acolher o outro como irmão na sua concretude. Essa atitude leva ao acolhimento não só de palavras, mas de ação concreta. “Isso é viver o amor do pai e dar testemunho dele”.¹⁴¹ Pois o amor de Deus não é excludente, porque ama sem distinção a todas as pessoas.

Desta forma, a partir da ótica de Gutiérrez, o Evangelho pede por uma Igreja popular, que nasça do povo e que nela participe o povo pobre. A Igreja que o Evangelho convoca é uma Igreja que não deixa o Evangelho nas mãos dos poderosos desse mundo. Esse fato, segundo o autor, é o que ficou denominado apropriação social do Evangelho.

Foi um importante passo evolutivo para o pobre, que crê e tudo espera de Deus, que se revela, foi o acesso à Palavra, através dela e com ela, a vida pode ter outro sentido. Assim, “evangelizar é transmitir esse silêncio e essa alegria que a palavra do Senhor cria em nós”.¹⁴² O Evangelho sinaliza a urgência da evangelização dos pobres como missão suprema de todos os cristãos.

Na América Latina, a reflexão teológica sobre a Igreja se tornou mais concreta, mas também mais exigente, pois solicita respostas aos problemas com mais urgência, mas o mundo não pára e, com ele, surgem novos problemas que necessitam de novas soluções.

Para Gutierrez a reflexão teológica sempre esteve a caminho, sempre buscou respostas. Mas, para fazer da teologia, uma reflexão e um serviço ao processo histórico, é necessário também que ela esteja inserida dentro do processo de libertação, ou seja, liberta de todos os obstáculos e vínculos que a impedem de ser solidária com os pobres explorados desse mundo. “Hoje, compreendemos melhor que somos chamados a construir a Igreja a partir de baixo, a partir do pobre, das classes exploradas, das raças marginalizadas, das culturas desprezadas”.¹⁴³

¹³⁹ BERDIAEFF, Nikolai (1874 – 1948) filósofo soviético nascido em Kiev, foi um dos principais representantes do existencialismo cristão, escola filosófica que buscava examinar a condição humana numa perspectiva cristã. Disponível em < <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/NilaiAle.html>.> Acesso em: 05 jul. 2012.

¹⁴⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*, p. 304.

¹⁴¹ Ibid., p.304.

¹⁴² Ibid., p. 305.

¹⁴³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. p. 37.

O panorama geral da situação de miséria parece estar modificado, ou seja, não existir nas mesmas proporções, mas a pobreza continua aumentando. “o fosso entre as nações mais ricas e as mais pobres é maior que o existente há duas décadas; o mesmo ocorre entre regiões similares no interior de cada país latino-americano¹⁴⁴.”

Conforme Gutiérrez, a pobreza não está somente em carências materiais, pois diante da vida do pobre existe em potenciais capacidades e possibilidades, de cultura, de valores advindos da raça, da sua história, de seu idioma, que são enfraquecidos e sufocados.

O caminho de uma evangelização libertadora está presente a vida, a liberdade, que “dá todo o peso à ação preferente e constante de Jesus pelos pobres, marginalizados e desamparados”.¹⁴⁵ Esse é o caminho pelo que se pode encontrar o Senhor, é junto ao pobre, com seus gestos e suas palavras, onde se tem a possibilidade de uma práxis de uma evangelização libertadora, onde a luz pascal orienta e impulsiona a seguir a missão.

3.6 Dar sentido à vida

O tempo atual remete para a urgência de algo que deveria ser fator elementar, que é: dar sentido à vida. Muitos são os fatores que contribuem para debilitar o seu sentido, cooperando, para que as pessoas, particularmente os mais jovens, tenham dificuldades de perceber o porquê e para que de sua existência. Faltando com isso o dinamismo pela própria vida, “a luta pela ordem social mais justa e a solidariedade humana perdem energias e carecem de impacto”.¹⁴⁶ Conforme Gutiérrez, é uma missão indispensável quando se faz a comunicação do Evangelho prover sentido à vida.

Assim a pobreza da forma como foi descrita e evidenciada, no decorrer desse trabalho, carrega em si não somente a morte física, mas como também a cultural e a social. Sendo que a percepção da situação, através das reflexões da Teologia da Libertação, fez brotar um novo e ardente vigor missionário. Diante da Palavra do Deus da vida, entendendo-se dessa forma que ninguém deve ficar calado e ignorar os fatos como se não existissem.

Foram épocas difíceis e cruéis onde muitos cristãos no vigor de sua missão, pagaram o preço com suas próprias vidas. Não foram poucos, e “a ocorrência precoce do assassinio de cristãos por causa de seu testemunho, transformou essa preocupação em algo ainda mais

¹⁴⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Densidade do presente*. p. 179.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 202.

¹⁴⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres*. p. 65.

urgente”.¹⁴⁷ Essas experiências tristes de perseguição e martírio tornaram maior o entendimento e o sentido que a opção pelos pobres carregava, pois essa era uma escolha pela vida e uma firme e absoluta opção incondicional pelo Deus da vida.

Essa decisão trouxe maior amplitude à solidariedade social, como também ao vínculo de apreço e respeito a todas as espécies de vida, incluindo a natureza, as questões ecológicas, agravadas pelos países industrializados, que são os maiores responsáveis pelos danos do planeta, pois estão destruindo o *habitat* natural da humanidade.

Mas esses problemas são também de todas as pessoas que vivem nesse mundo. “Diz-se, com razão, que o planeta terra é um grande navio de que somos todos passageiros”.¹⁴⁸ Essa imagem do navio retrata também sua condição interna, onde uns viajam na primeira classe e outros na terceira, ou na última que existir. Mas, seja a classe que a pessoa estiver ocupando dentro do navio “terra”, todos são responsáveis pela tarefa de evitar a destruição de sua vida do planeta.

Gutiérrez diz que Moltmann relacionava uma teologia da criação e da vida como forma de revigorar os sistemas. “Uma teologia da criação e da vida pode insuflar oxigênio numa teologia feita a partir da preocupação com a justiça, teologia que nos ajuda, por conseguinte, a ampliar o horizonte”.¹⁴⁹ Essa é sem dúvida uma tarefa ampla e árdua que deverá ser parte ativa da Teologia da Libertação, levando em conta a extensão total das necessidades vitais dos seres humanos, que compreende a manifestação dos direitos humanos e o aprofundamento da fé no Deus da vida.

Então, dar sentido amplo à existência humana faz parte da missão do cristão, assim como o compromisso com o pobre, como uma opção preferencial da Igreja e do amor gratuito de Deus, pois o resumo da mensagem de Jesus está centrado no amor de Deus ao próximo. Gutiérrez ressalta a atenção que deve ser dispensada aos sofrimentos e esperanças do povo pobre e de sempre levar a comunicação da experiência e da mensagem de salvação em Cristo Jesus.

Sobrino acrescentou que descobrir a Cristo no continente latino-americano significou redescobrir o Cristo dos Evangelhos. E que esse descobrimento não ocorreu somente através de investigações teológicas, mas através de reflexões derivadas da vida do pobre. O pobre e o Evangelho estão sempre lado a lado. “Quando se separam, o Evangelho tende-se a converter-

¹⁴⁷ A observação de João Paulo II no final do segundo milênio, a igreja voltou a ser a igreja dos mártires, é hoje de fácil compreensão na América Latina e no Caribe. Sobretudo quando acrescenta: “em nosso século, retornaram os mártires, com frequência desconhecidos”(TMA 37). Mas trata-se sem dúvida de uma afirmação válida para outras regiões. Apud. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os Pobres?*, p. 61.

¹⁴⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres*, p 61.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 62.

se em texto, suscetível de ser convertido em pura doutrina, no qual se estudarão os textos que vierem a apoiar uma doutrina sobre Cristo”.¹⁵⁰ Mas, quando o contrário acontece, ou seja, a união do Evangelho com os pobres, que foi um dos objetivos da Teologia da Libertação, “então aparece o verdadeiro Jesus portador de uma boa nova aos pobres e convertidos, ele mesmo em boa nova”.¹⁵¹

Para Gutiérrez o desafio da pobreza continua como também a busca por realidades mais promissoras, nos mais diversos níveis: social, econômico, entre outros, mas confiando no amor de Deus, que é universal e preferencial; dessa forma, deve-se entender a opção pelos pobres, como uma opção centrada em Cristo e teocêntrica.

Para ele, a Teologia, por maior que se empenhe com a verdade, sua relevância e sua função, será sempre um meio pelo qual através da experiência poderá ser transmitida a mensagem, a boa nova de Jesus Cristo. Portanto, a Teologia deverá ser sempre uma hermenêutica que abranja a experiência vivida como graça e dom do Senhor. Sendo que ela será necessária e propícia diante do momento histórico, que o povo Deus esteja vivendo.

Mas jamais esquecendo que, na centralidade da mensagem de Jesus, está o amor a Deus e ao próximo. Por fim, sintetiza Gutiérrez, a Teologia tem a finalidade de dar sentido à vida, de proclamar a vida, pois essa vida é Deus.

¹⁵⁰ SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da Liberdade*, p. 200.

¹⁵¹ *Ibid*, p. 201.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho dissertativo que se finaliza, destaca-se o processo histórico na América Latina no decorrer do século XX, onde ocorreram muitas mudanças e conflitos, como talvez nenhum outro tenha presenciado. Divergências entre forças conservadoras e as forças opostas, que reivindicavam mudanças urgentes, o que ocasionou as lutas populares em prol da emancipação e da liberdade.

Surgiram diversos movimentos sociais e pastorais, como uma reação moral diante da pobreza que devastava o continente, causada pela injustiça social. Distinguiu-se também nesse período o posicionamento da Igreja Católica diante dos questionamentos do mundo em mudanças econômicas, sociais e políticas, que, posteriormente, resultou na opção preferencial pelos pobres, levando-a a repensar a sua fé.

A Teologia da Libertação solidificou seu pensamento com um objetivo global, que foi estabelecido no pensar a vida dos seres humanos a partir da base, da periferia, dos excluídos; seu ponto alto foi a busca constante pela libertação de qualquer forma de opressão que maculasse a dignidade humana. Ela se caracterizou como uma reflexão crítica, realizada a partir das experiências do povo, à luz da fé.

Foi oficialmente considerada como a “Teologia da Libertação” a partir da obra do teólogo Gustavo Gutiérrez, intitulada “Teologia da Libertação-Perspectiva”. Trata-se de uma reflexão teológica, que nasceu da experiência compartilhada no esforço pela abolição da situação de injustiça e pela construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

Gustavo Gutiérrez tornou-se um dos principais teólogos contemporâneos da América Latina, considerado como o fundador da Teologia da Libertação, mas na sua trajetória teológica não esteve sozinho. Existem muitos nomes, muitas histórias humanas a ele agregadas, importantes figuras trabalharam também, com dinamismo e coragem, dentro do contexto social e eclesial. Merecem ser lembrados: Ellacuría; Camilo Torres; Paulo Freire com seu método educacional, que propunha mudanças de libertação; o arcebispo de El Salvador Dom Oscar Romero e ainda Dom Hélder Câmara, como referências obrigatórias dentro dos representantes da Teologia da Libertação. Mas existem muitos outros teólogos, religiosos e leigos que, através de suas contribuições, fizeram com que a Teologia da Libertação avançasse e se expandisse no mundo.

O objetivo principal da pesquisa foi a investigação do método da teologia de

Gutiérrez, na sua dimensão libertadora, através do reverso da história. Contatou-se que a grande novidade do seu método foi utilizar um modo explícito e crítico, uma mediação sociológica para interpretar a realidade e que o ponto alto para ele, diz respeito à forma de condução da vida, no estilo, na maneira de ser e de fazer-se discípulo de Jesus.

Os questionamentos iniciais da pesquisa apontam sobre a forma como a Teologia da Libertação fez sua leitura pelo reverso da história; como compreendeu o grande desafio social e teológico, ocasionado pela pobreza na América Latina, e sua relevância na atualidade. Chegou-se à seguinte constatação: a Igreja, em épocas antecedentes, vivia em estado de gueto, pois, o seu surgir no continente americano coincidiu com a época da contra-reforma, vindo ela a tomar uma atitude de defesa da fé diante dos opositores, e a buscar apoio dos grupos economicamente poderosos, com a finalidade de assegurar uma tranquila pregação do Evangelho.

Verificou-se também que a América Latina vivia numa condição de miséria e exploração, em estado de dependência, habitada na sua grande maioria por um povo pobre, miserável e religioso, submerso sob regimes injustos, totalitários, e de dominação capitalista. Diante de muitos conflitos e explorações os movimentos pela libertação se fizeram presentes em todo o continente. Pode ser detectado que a causa do subdesenvolvimento era resultado de um processo em relação ao desenvolvimento e à expansão dos países ricos, que ficavam cada vez mais ricos à custa dos países pobres, que ficavam cada vez mais pobres.

Significou ver que a Igreja do século XX, modificou-se na sua forma de ver e pensar, principalmente com sua opção pelos pobres. Significou ter consciência de que existiram muitas injustiças, sofrimentos até martírios, de quem justamente lutava pela justiça. Mas também, que existiu um povo em marcha em busca dos seus ideais em busca da libertação das injustiças que o oprimia e o aniquilava durante séculos através de estruturas injustas e desiguais.

Quanto à sua relevância na atualidade, constatou-se que a Teologia da Libertação continua extremamente atual e viva, ligada a situações de pobreza e de injustiças. Ela está presente nas lutas populares que reivindicam mudanças nas estruturas injustas, das mais variadas formas; nas lutas dos sem terra, dos sem teto, dos indígenas, dos negros, das mulheres discriminadas pelo sistema social, e muitas outras formas de injustiças de uma sociedade de desiguais, onde é aceitável, como quase um fator normal, existir moradores de rua, crianças abandonadas, velhos jogados em asilos. Acredita-se na necessidade da Teologia da Libertação presente, nos próprios meios acadêmicos de produção.

Quanto à pessoa do autor, ou seja, Gustavo Gutiérrez, significou encontrar muitos exemplos: de simplicidade, humildade, sabedoria e muita fé. Significou ver um batalhador incansável, que ainda hoje, continua em atividade, trabalhando nas favelas do Peru, como em palestras por o mundo a fora. Significou encontrar um grande teólogo, como também um poeta, que define a Teologia como uma carta de amor

Assim estudar Gutiérrez também é sinônimo de esperança, pois leva acreditar que é possível mudar as realidades injustas, que é possível existir um diálogo proveitoso entre a ciência e a fé, que resulte em formas de libertação.

Deste modo, afirma-se que hoje, tanto ou mais do que ontem, a Teologia da Libertação é extremamente necessária, pois ela pode ser portadora de luz e esperança, diante de um contexto ainda extremamente fragilizado pela exploração, que precisa ainda de muita ajuda.

Portanto, do interesse inicial pelo tema, ou seja, das inquietações surgidas sobre a práxis da Teologia da Libertação, sua atuação, ou seu possível desaparecimento, concorda-se plenamente com Gustavo Gutiérrez que, enquanto houver pobreza no mundo, a luta pela libertação existirá; poderá surgir até em outros formatos, talvez diferente do seu inicial, mas ela sobreviverá, principalmente enquanto existir homens e mulheres que não se conformam com a injustiça, a exploração e a miséria, contrárias à vontade de Deus.

Como todo o processo acadêmico possui um prazo para o seu término, finaliza-se na convicção, de que se houvesse a possibilidade de um recomeço e outros momentos acadêmicos, com novas escolhas de temas, a decisão seria a mesma, ou seja, pesquisar a Teologia da Libertação e a atuação de Gustavo Gutiérrez dentro desse contexto, cujo conteúdo central fala da pobreza, mas é extremamente rico em sabedoria, em visão do mundo e, principalmente, na dimensão da fé cristã. Assim, conclui-se esse trabalho, mas fica em aberto para um desenvolvimento posterior, entende-se haver um longo caminho a percorrer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano Mendes. *El futuro de la reflexión teológica en América Latina*. Consejo Episcopal Latinoamericano, 1996.

AQUINO, Francisco. *TEORIA TEOLÓGICA – PRÁXIS TEOLOGAL*: Sobre o método da Teologia da Libertação.

_____.ADITAL.Sobre o Conceito de lugar teológico.
http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?cod=38025&lang=PT

BIOGRAFIAS Y VIDAS. José Maria Arguedas. Disponível em: <<http://www.biografasyvidas.com/biografia/a/arguedas.htm>>.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

BOBBIO, Norberto. *Estudos sobre Hegel: direito, sociedade civil, Estado*. São Paulo: Brasiliense. 1991

CARVALHO. Martins José Luiz. *A Vida e a Obra de Wolhart Pannenberg*. Disponível em: <<http://teologiahoje.blog.com/2009/03/22/a-vida-e-a-obra-de-wolfhart-pannenberg/>>.

CONCLUSÕES DA III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Disponível em: <<http://www.pjtaubate.org/2009/documentos/documentodePuebla.pdf>>.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Conclusões de Medellín. São Paulo: Paulinas, 1968. Disponível em: <<http://animacaoajc.com.br/paginas/downloads/projetoalicerce/02-Organizacao/01-Documentos/Documento-Final-Medellin-II-CELAM-1968.pdf>>.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Concílio Vaticano II: há 50 anos*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/articulas/cardeal-odilo-pedro-scherer/9283-concilio-vaticano-ii-ha-50-anos>>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

ELLACURIA, Inacio. SOBRINO, Jon. Conceptos. *Fundamentales de la teologia de la liberación*. Madri: Trotta, 1990.

FELLER, Galdino Vitor. *O Deus da Revelação*. São Paulo: Loyola, 1988.

FERREIRA, Franklin. *Karl Barth: Uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia*. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VIII_2003_1/v8_n1_flanklin_ferreira.pdf>.

FERREIRA, Jorge Luiz. *O Populismo e sua História: Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10919.pdf>>.

FREI BETO. *O que é comunidade Eclesial de Base*. 2a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *A Densidade do Presente*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *A Verdade vos Libertará*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Beber no Próprio Poço*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Em Busca dos Pobres de Jesus Cristo*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. *Onde Dormirão os Pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

HISTÓRIA DO MUNDO. *Helenismo*. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br>>.

INSTITUTO BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. *Programas Y proyotos*. Disponível em: <<http://www.bcasas.org.pe>>.

INFO ESCOLA. *Conferência de Bandung*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/conferencia-de-bandung>>.

KLOPPENBURG, Dom Boaventura. *Concílio Vaticano II*. São Paulo: Vozes, 1966.

LACOSTE, Yves Jean. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBANIO, João Batista. *Teólogos do Século XX*: Gustavo Gutiérrez, São Paulo: Loyola, 2004.

LIBANIO, João Batista. *40 anos da teologia da libertação: Ontem e hoje*. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=162>>.

LOSURDO, Domenico. *Liberdade e Igualdade de Estado: Hegel Marx e a Tradição Liberal*. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

MARANGON, Rosa Maria. *O universo cultural de Giovanni Papini*. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/PAPINI.pdf>>.

MARX, Kahl. *O Capital: Crítica da economia política*. Rio de Janeiro, 1977.

MOLTMANN, Jürgen. *A Experiência de Reflexão Teológica*. Coleção Teologia Pública. São Leopoldo: Ed Unisinos, 2004.

NÓBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIROS, Roberto. *Historia de la Teologia de la Libertación*. Castelhan. s/e.

PAÍSES EMERGENTES. *Países Emergentes*. Disponível em: <<http://países-emergentes.info/>>.

PALÁCIO, Carlos. *Trinta anos de teologia na América Latina*. In: L.C.SUSIN (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola/SOTER, 2000.

PEACELINK. O adeus de um homem bom: Morre Landázuri o cardeal dos pobres. *Revista Sem Fronteiras*. n. 249, abril, 1997. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/news/semfro/249/sf249p28.html>>.

REDYSON, Deyve. *Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético*. Revista Argumentos, Fortaleza, n. 5, 2011. Disponível em: <www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao_5/04.pdf>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. vol.4. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHILLEBEECKK, Edward. *História Humana. Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA. *Teologia contemporânea: Henri Lubac*. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/id_henri_de_lubac.html>.

SILVA, Sheyla Suely de Souza; NÓBREGA, Mônica Barros; FONSECA, Cleomar Campos da; Hegel: Suas contribuições ao conhecimento, sua distribuição sobre o estado e a (im) pertinência de suas análises para o estudo do estado contemporâneo. *Qualit@s Revista Eletrônica*, Paraíba, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/1030/585>>.

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da Liberdade*. São Paulo: Loyola, 1992.

SUA PESQUISA. *A escravidão no Brasil*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidaio.htm>>.

_____. *Quilombos*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/quilombos/>>.

SUSIN, Luis Carlos. *Os pobres como lugar privilegiado*. Cadernos da ESTEF, Porto Alegre, n. 38.

_____. *A Teologia na teia do conhecimento: Problemas de epistemologia e metodologia*. TEPEDINO, Ana Maria; ROCHA, Alessandro, org. *A teia do conhecimento: Fé, ciência e transdisciplinaridade*, São Paulo: Paulinas, 2009.

SUSIN, Luiz Carlos (org). GIBELLINI, Rosino. *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia da Libertação: Eixos e Desafios*. Disponível em <[HTTP://www.iserassessoria.org.br/novo/arqupload/141.DOC](http://www.iserassessoria.org.br/novo/arqupload/141.DOC)>

UNIVERSIDADE DE LISBOA. *Quem foi Pascal?* Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/poincare/pascal.htm>>.

VATICANO. Carta encíclica do Papa Leão XIII. *Rerum Novarum*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum-novarum_en.html>.

_____. Carta encíclica do Papa Pio XII. *Humanis Generis*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_12081950_humani-generis_po.html>.

WIKIPÉDIA. *Manifesto Comunista*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista>.

ZEUCH, Manfred. *A teologia na universidade do século XXI*, segundo Wolfhart Pannenberg. Cadernos Teologia Pública, São Leopoldo, n. 19, 2006. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158328835.01pdf>>.